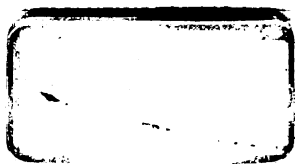




= 6448



239

518j

R

O,

est

1,9

2. 2. 1

REPOSTA APOLOGETICA
3733 AO POEMA INTITULADO

O URAGUAY, 239
9188

COMPOSTO

POR JOSE' BASILIO DA GAMA,

E DEDICADO

A FRANCISCO XAVIER

DE MENDONCA FURTADO;

IRMAO

DE

SEBASTIAO JOSE' DE CARVALHO,

CONDE DE OBRAS,

E

MARQUEZ DE POMBAL.

L U G A N O

MDCCLXXXVI.

com licença dos Superiores:



*. . . . Quid non mortalia pectora cogis
Auri sacra fames?*

Æneid. 3: 12.





A O L E I T O R .

i. (a)



Ntre as muitas pennas
venaes, de que se servio
Sebastião José de Car-
valho, primeiro Ministro
da Corte de Portugal,
para infamar os Jesuitas, de quem era
inimigo declarado, huma foi, a que es-
creveu certos Cantos, dedicados a seu

Ir-

(a) Tal foi a do Abbade Platel, nas suas *Memo-
rias Historicas*. Tal a do P. Toletti, nas suas *Refle-
xoens*. Tal a do P. Dinelli, na sua Obra intitulada :
Lobos Desmascarados. Tal a do Bottari, na sua *Cristi-
za*; e as de outros innumeraveis; não fallando em
algumas de Portuguezes, cujos nomes por sua honra
a qui se calaõ.

Irmaõ ; Francisco Xavier de Mendonça Furtado, Heroe verdadeiramente de outros cantos digno, como veremos no decurso desta impugnação. Teve o Author, não sei se diga a imprudencia, se a impudencia, de pôr o seu nome proprio no frontispicio da obra, podendo com muita razão disfarçallo com o fingido, que tomou de Termino Sipilio, quando foi enxertado na Arcadia de Roma, por grande favor da quelles Academicos, e efficaz intercessão dos Jesuitas. Mas esta manifestação, que de si fez o Author, foi util a todos, que o conhecem; porque o mesmo foi ler o seu nome, que desprezar a sua obra; e julgala por mais digna de se dar ao fogo, que à luz; por ser hum dós mais monstruosos partos, que produzio neste seculo a ingratidão junta com o interesse. Como porem este Escriptor não he de muitos conhecido, darei aqui previamente hua breve, ma veridica noticia del e, para que se infira qual seja a fe, e credito, que merece.

2. Na-

2. Nasceu este novo Poeta ; que mais ^{prévia} deve ser contado entre os Satyricos da ^{noticia da} gentilidade , que entres os Arcades de ^{vida , e} Roma, non Arrayal de S. Josè do Rio ^{caracter do} das mortes nos Estado do Brasil , aon- ^{Author do} de, passada miseravelmente a puericia , ^{Poema :} o entregou a pobre Viuva sua Mãy a hum Religioso Leigo Franciscano, para- que por caridade o conduziſſe com ſigo para o Rio de Janeiro, a fim de apren- der ali a lingua Latina . Nesta Cidade o recebeu em ſua caſa certo Bemfeitor ; que ſoſtentando-o, e veſtindo-o por eſ- mola, o mandou eſtudar às Aulas dos Jeſuitas. Aquì, depois de eſtar baſtante- mente imbuido por eſtes Religioſos nos preceitos da latinidade , pertendeu en- trar na Companhia, não ſei ſe com ver- dadeiro deſejo de ſervir à Deos , e aos proximos, ſe ſomente com o intento de evitar a miseria , com que vivia no ſe- culo. O certo he, que admittido ao No- viciado moſtrou logo neſta nova Eſcola de Virtudes a pouca inclinação, que tin- ha para ellas ; antes correſpondeu tão

mal aos dictames, que ouvia, e aos bons exemplos, que presenciava, que os Superiores quizeraõ despedillo: attribuindo porem à pouca, e fogosa idade, que tinha, os defeitos, que commettia, parte por compaixão da sua grande pobreza, parte por esperança, de que crescendo nos annos, crescesse nelle a madureza, consentirão finalmente, que, acabado o biennio, fizesse os votos Religiosos.

3. Passados apenas feis mezes, depois do Noviciado, chegou ao Brasil o tremendo, e horrivel Decreto, em virtude do qual eraõ desterrados, e desnaturalizados todos os Jesuitas existentes nos Dominios de Sua Magestade Fidelissima, pelo supposto, e nunca jamais provado crime de attentar todo o Corpo desta Religião contra a vida do Fidelissimo Rey D. Josè I., izentadosse desta pena os que solemnemente não tivessem professado; no caso, que quizessem despir o habito, e ficar no Reyno; aonde seriam tratados, como Vassallos fieis, e

gozariaõ a quotidiana Congrua de 100. rs.

4. Tendo aproveitado pouco na Escola do Espirito este recente Jesuita, acceitou logo a offerta; querendo antes desfructar a liberdade do seculo, do que padecer juntamente com os mais os trabalhos, que ameaçavaõ a sua Religiaõ. Deixada a Casa de Deos, se vio este pobre mancebo quasi de todo indigente, porque sem a pensaõ, que se promettera aos que sahisses da Companhia, e sem a que se dava interinamente aos que quizerão perseverar nella. Quiz nesta conjunctura applicar-se à Filosofia em hum Seminario; mas resolutto o Rector delle a castigallo por hũa Satyra, que fez, agitado ja na quelle tempo do espirito da maledicencia, com a fuga evitou a pena, mas augmentou a miseria.

5. Cahio finalmente em si; como o Prodigio, e determinou ir a Roma prostrar-se aos pès do Geral da Companhia, e pedir-lhe quizesse segunda vez admittillo à Religiaõ. Para este fim soccorrido

A 4 com

com dinheiro ; e cartas récommenda-
 cias, que lhe deraõ alguãs pessoas cari-
 tativas, se embarcou para Lisboa, e de
 Lisboa para Italia. Logo, que chegou a
 Roma, he incrível o grande bem, que
 lhe fizeraõ os Jesuitas, não sò os que
 tinhaõ sido seus Mestres, mas todos os
 que o tinhaõ conhecido no Brasil. Elles
 com as suas esmolas, e com outras, que
 lhe procuraraõ, o sustentavaõ, e vestiaõ.
 Elles, para estar com mais commodo,
 lhe alcançaraõ hum lugar em certo Se-
 minario, que estava debaixo da direcção
 dos Jesuitas. Elles para lhe darem hon-
 ra, e fama o fizeraõ alistar entre os
 Academicos da Arcadia; fazendolhe tal-
 vez, ou emendandolhe para maior cre-
 dito seu, as composições, que ali ha-
 via de recitar. Elles finalmente, não
 obstante a repugnancia, que mostrava o
 seu Geral em tornar a admittillo, sem
 duvida porque penetrou melhor o espiri-
 to do pertendente, à força de in-
 stancias, e de supplicas, tinhaõ ja con-
 fe-

seguido delle o fer segunda vez ac-
ceito.

6. Mas frustrou elle todas estas dili-
gencias, e correspondeu mal a todos es-
tes beneficios; porque calumniando ne-
stas mesmas circunstancias de tempo com
hum escripto satyrico o Seminario, em
que estava por caridade, improvisamen-
te se retirou para Napoles; de Napoles
veyo à Lisboa, e de Lisboa partio para
o Brasil. Ali, sendo logo cohecido por
Ex-Jesuita, foi prezo, e remettido a Por-
tugal; por virtude de huã nova ordem
Regia, a qual estendia o exterminio a
inda aos que tinhaõ sahido da Com-
panhia.

7. Desembarcando em Lisboa, foi pre-
sentado ao Tribunal da Inconfidencia, e
nelle obrigado a fazer termo de ir para
o Reyno de Angola. Mas este desterro
evitou elle, valendose das suas habilida-
des, isto he, compondo naõ sei que ver-
sos, que dedicou a huã filha de Carva-
lho, a qual alcançou de seu Payo livra-
mento. Desta Epoca começou a este

Poe-

Poeta à sua, não sei se lhe chame fortuna, se desgraça; porque penetrando, que aquelle Ministro a ninguem premiava mais, nem remunerava melhor, que aos Authores de alguns escriptos satyricos, e infamatorios contra os Jesuitas, occorreu-lhe, que para ter que comer, o meyo mais facil, e certo, era dar à luz hum Poema, em cujos versos, e notas confirmasse quantas imposturas, e calumnias tinha Carvalho estendido em prosa, na sua celebre *Relação Abbreviada da Republica Jesuitica, que os Religiosos da Companhia das Provincias de Hespanha, e Portugal tinhaõ estabelecido nos Dominios ultramarinos das duas Monarquias ec. ec.* Communicou a sua idéa ao Ministro, o qual logo a approvou; parecendo-lhe, que ninguem duvidaria dos factos, que elle tinha publicado contra os Jesuitas da America, vendo, que eraõ confirmados por hum, que o tinha sido, e era Americano. Taõbem lhe facilitou os meynos, e subministrou documentos taõ falsos, como elle; e concluida a Obra,

lha

lha fez imprimir embom carácter na Estamparia Real, e approvar pela Meza Censoria. Alem disto vendo, que o Author tinha escripto tão bem, ou, para dizer melhor, tão mal contra a Companhia, o premio, que lhe deu, foi o de Escrivão da sua Secretaria. Esta foi a remuneração, que teve este Escriptor; este o Officio de que vive; deprezado daquellas pessoas, que são indifferentes, e tiverão a paciencia de ler a sua Obra, e sò obsequiado por algum tempo daquelles poucos partidarios, que lha applaudirão. (a)

8. Supposta pois esta succinta, mas verdadeira noticia da vida, e carácter deste Author, he facil aos leitores o conjecturar, qual seja a fê, que merece o di-

(a) Joaquim Ignacio de Seixas, e Ignacio de Souza Alvarenga, Authores de dous Sonetos, que vem no fim da Obra em louvor do Poeta.

Senhor Josè Basilio da Gama. Seria elle digno de algum credito, se tivesse estado no Uruguay, e assistido no campo das sanguinolentas batalhas, e gloriosas victorias, que desereve no seu Poema, ou ao menos tivesse tido occasião de se informar miudamente de alguãs pessoas veridicas, que as tivessem presenciado. Nas se elle, passada a puericia no Rio das mortes, muitos centos de legoas distante do Uruguay, veyo estudar para o Rio de Janeiro, e ali antes de entrar na Companhia não conversou, nem tractou, senão com os seus condiscipulos, e depois de fahir da Religião não fez mais, do que andar errante, e vagabundo, como temos visto, ora no mar luctando com as ondas, como Jonas, ora na terra fugindo de castigos, como Cain; (a)

que



(a) Assim o dà elle mesmo a entender no verso truncado de Virgilio, que pòz debaixo do Son-

ne-

que noticias certas pòde dar de factos ;
 que succederão em lugares desertos , e
 em paizes tão remotos da quelles por
 onde andou ? Bem se està vendo , que
 nenhuãs , as quaes fação authoridade ,
 e sejaõ dignas de fê. Mas porque ha lei-
 tores tão faceis em acreditar o que a-
 chaõ em letra redonda , principalmente
 se mostra no frontispicio approvaçaõ de
 algum Tribunal, quiz aqui por ocio re-
 futar o que diz este Poeta , não tanto
 nos versos, em que todos sabem , que
 he licito fingir, quanto nas prosas , ou
 Anotaçoens, que lhes pòz : Procurarei
 na impugnaçaõ , quanto me for possivel,
 ajuntar com a brevidade a clareza : a
 clareza, paraque os credulos não se en-
 ganem: a brevidade, paraque aquelles ,
 que o não são, se não enfastiem. Se al-
 guem

neto dedicado ao Conde de Oeyras , dizendo assim:

Savis . . . periclis

Servati facimus.

Æneid. VIII.

guem me arguir da acrimonia; com que fallo alguás vezes; escuzeme. Quando os calumniadores cegos de alguã paixão excedem os limites da urbanidade, he conveniente, que os Apologistas para lhes abrir os olhos excedaõ tambem os da moderação.

Vale;



RE-

REPOSTA APOLOGETICA

AO POEMA INTITULADO

O URAGUAY.

1.



Ntes, que entre a refutar as calumnias, que se en-
 contraõ no corpo da Obra, que impugno, quizera primeiro saber do Author della, a que proposito vem aquelles dous versos de Virgilio postos no frontispicio.

Insolenté
 Parallelo
 feito pelo
 Poeta.

*At specus, & Caci detestâ apparuit ingens
 Regia, & umbrosa penitus patuere caverna.
 Æneid. VIII.*

como se quizesse com elles indicar o scopo do seu Poema, e comparar à quella fabulosa cova a sagrada Companhia de Jesus? Se tanto lhe occorreu, que temeridade! que insolencia! Huma Religião successivamente ou approvada, e confirmada, ou louvada, e exaltada athè às estrellas per todos os Summos Pontifices contemporaneos a ella, menos o que a abolio. Huã Religião protegida por tan-

tos

tos Princepes catholicos , venerada de tantos Bispos zelosos , amada de todos os bons , e sò temida dos mãos . Huma Religião , que deu à Igreja tantos Martyres , aos Altares tantos Santos , ao Mundo tantos Doutores , e Mestres , à Republica literaria tantos volumes , em todas as Sciencias . Huã Religião , que ella sò comprehendia , e abraçava os Institutos de quasi todas as outras : porque ella prégava nos pulpitos , assistia nos confessionarios , catequizava nas praças , ensinava nas Cadeiras , missionava nas cidades , propagava a Fè entres os Barbaros . Huã Religião finalmente , que dilatada per todo o mundo , em todo elle se occupava em promover a maior gloria de Deos , e o bem espirital dos proximos . E he possibile , que assim a affronte hum filho adulterino della , intentando comparalla a hum covil de ladroens , a hum escondrijo de piratas , e a hum asilo de malfeitores ? Mas não hà que admirar . Quando da escola de Christo sahio hum Discipulo traidor a seu Mestre , não he muito , que da Companhia de Jesùs sahisse hum filho ingrato à sua Mãy . A ambos cegou a cobiça , a ambos o dinheiro , a ambos o interesse do „ *Quid vultis mihi dare ?* „ (a) . Vamos adiante .

2. Aos

(a) *Math.* 26. v. 15.

2. Aos dous versos, de que acima fallamos, seguesse logo hum Soneto. feito pelo Author da Obra em louvor do Conde de Oeyras, seu Mecenas. Teve fortuna este Poeta, em que aquelle Ministro lho não mandasse gravar com letras de bronze, para perpetua memoria, debaixo da sua effigie, collocada na praça do Commercio ao pé da Estatua Equestre, que representa o Senhor Rey D. José I.; porque se lá estivesse, bem creio, que, assim como a Rainha Fidelissima, Filha, e Successora no Throno daquelle Monarcha, para aplacar a furia do povo, eos clamores de todos os seus vassallos contra a tyrannia daquelle Ministro, ordenou, que se arrancasse a Effigie, assim tambem mandaria, que se arrancasse o Soneto; principalmente lendose nelle elogiado hum homem, a quem huã Junta de Ministros deputados para examinar, e sentenciar a sua conducta, julgou ser digno de morte; e se a Rainha Fidelissima lha não perdoasse por sua Real piedade, e innata clemencia, sem duvida acabaria a vida degolado em hum patibulo. (a). Mas deixados estes preambulos, comecemos a ouvir, o que diz este

Poe-

(a) O Decreto, em que se lê este perdas, se achará no Tom. V. da I. Edição da Vida do Marquez. pag. 221.

B

Poeta nos seus Cantos, e especialmente nas Notas, ou commentos, que lhes fez.

C A N T O I.

1. Neste I. Canto, em que se invocaõ as Musas para louvar dignamente o grande Heroe, Irmão de Carvalho, traz o Author esta Nota na pagina 2. „ *O Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Francisco Xavier de Mendonça Furtado foi Governador, e Capitão General das Capitancias do Graõ Pará, e Maranhão; e fez ao Norte do Brasil, o que o Conde de Bobadela fez na parte do Sul. Encontrou nos Jesuitas a mesma resistencia, e venceu-a da mesma sorte.* „

Mostrase
quam di-
versa foi
a condu-
cta destes
dous Go-
vernado-
res.

Muito diminuto he aqui o Author; porque nem diz oque fizeraõ estes dous Senhores Governadores, nem emque lhes resistiraõ os Jesuitas, nem tambem o modo, com que foi vencida esta resistencia. Mas oque elle aqui calou, ou por malicia, ou ignorancia, eu o direi. Em primeiro lugar, he falso, que o Senhor Francisco Xavier de Mendonça Furtado Governador, e Capitão General das Capitancias do Graõ Pará, e Maranhão fizesse ao Norte do Brasil, o que o Senhor Conde de Bobadela fez na parte do Sul. Este ultimo Senhor, como homem maduro, e prudente, que era, fez na parte do Sul hum governo pacifico, justo, e recto: motivo, porque foi bem quisto, e esti-

e estimado de todos, assim seculares, como Religiosos; nem ja mais com os Jesuitas teve algum debate, ou controversia, que perturbasse a boa harmonia, que sempre com elles conservou; porque ainda que contra os seus Privilegios alisrou em huã occasião a milicia alguns Mancebos, que frequentavaõ as Aulas da quelles Padres, elles se acomodaraõ à sua resolução; nem sobre este ponto fizeraõ mais passo, que mostrarlhe os Alvaráz, dos quaes constava izentarem da milicia os Senhores Reys de Portugal aos que estudassem nas Escolas Jesuiticas. Esta foi a conducta do Conde de Bobadela na parte do Sul do Brasil, em quanto foi só Governador daquelle Estado, e não Ministro Plenipotenciario para a execuçaõ do Tratado dos limites.

2. E qual foi a do Senhor Mendonça nas Capitanias do Pará, e Maranhão, ou na parte do Norte do mesmo Brasil? Foi totalmente diversa; porque sendo dotado de pouco, ou nenhum talento, naõdigo só para a quelle emprego, mas ainda para outros muito menores, fez hum governo tão máo, e obrou taes despropósitos, causou tantos damnos temporaes, e impedio tantos bens espirituaes, que para referir tudo seria necessario hum grosso volume. (a) Basta dizer, que naõ ob-

stan-

(a) Divulgouse no Maranhão ter dito o immediato

stante saberse na America, quanto em Portugal podia seu Irmão, sendo Secretario de Estado, e favorecido de El-Rey, com tudo a Junta chamada das Missoens, os Superiores Regulares, e outras muitas pessoas se resolvêrao a mandar remettida a Secretaria do Ultra-mar huã exacta conta à Sua Magestade das grandes defordens, que commettria aquelle Governador. Pouco tempo depois de chegarem a Lisboa estas delações, foi removido do Ministerio, e privado do emprego de Secretario de Estado nos Negociosultramarinos o Senhor Diogo de Mendonça Corte Real; e sendolhe confiscados todos os papeis da sua Secretaria, entre elles achou Carvalho as queixas, e accusações, que de seu Irmão se faziao a El-Rey; (a) e attribuindo-as a influxo, e manejo dos Jesuitas, a quem sempre teve de mira, para os abater, e aniquilar, jurou, que por quatro capitulos, e meio, que estes Padres davao contra seu Irmão, elle daria mais de quatrocentos contra elles. Talvez em observancia deste juramen-

to Successor do Sig. Mendonça, que ou elle haviade acabar de destruir a quelle Estado, executando as ordens, e Instruções, que lhe deixarao; ou naõ as executando, se havia de arruinar a si: supposto o Dispotismo de Carvalho, Irmão do seu Antecessor.

(a) Assim diz o Author da vida do Marquez de Pombal, escripta em Italiano, pag. 69. Tom. I. da I. Edição.

mento (tanta era a sua Religião) estampou, e fez estampar a outros, tantos libellos infamatorios contra a Companhia de Jesus, que juntos podem compôr huã grande livraria.

3. Confirmouse Cárvalho na quelle seu juizo errado, que formou dos Jesuitas do Maranhão com hum successo, que aqui tem seu lugar. Na segunda vez, que veio do Maranhão a Portugal o celebre Jesuita Gabriel Malagrida", se encontrou hum dia com elle em Palacio aquelle Ministro; e saudando-o pelo seu nome, lhe perguntou, se o conhecia? Respondeu ingenuamente o Jesuita, que não. A esta reposta exclamou Carvalho, Oh feliz homem, que estando em huã Corte não conhece quem he nella o Sacretario de Estado! Então o pobre Religioso se lhe lançou aos pès, pedindolhe perdao da sua ignorancia, e escusandose della com a sua proxima chegada a Portugal. Mas depois de o comprimentar com todas aquellas expressoens de respeito, e estimação, que se deviaõ ao emprego, que occupava, lhe disse, que supposta aquella occasião de o conhecer, e fallar, lhe queria pedir huã cousa; e era, que sua Excellencia fizesse mudar para outro governo a seu Irmaõ o Senhor Francisco Xavier de Mendonça, porque no Maranhão, donde vinha, o tinha deixado tão mal visto, e odiado de todos, que lhe

I. Origem de odio de Carvalho contra o Jesuita Malagrida.

receava algum infortunio: cuidaremos nisso, repoz Carvalho, voltandolhe as costas. Produzio esta sincera, e ingenua supplica dous effeitos bem contrarios àquelle, que se pertendia. O primeiro foi confirmar-se aquelle Ministro na falsa opiniaõ deque os Jesuitas eraõ os Cabeças do motim, e principaes Authores das delações, que tinhaõ vindo da America contra seu Irmaõ. O segundo effeito foi conceber tal odio contra o pobre, e bom velho Malagrida, que não descançou athè o não prender nos carcerees da Inconfidencia sem prova alguã legal por Chefe de conjuração contra o seu Sobe-rano: e porque ali novamente lhe impu-tou alguãs proposições mal soantes, o fez mudar consequentemente para os carcerees do Santo Officio; Tribunal, aonde foi sentenciado por herege, e como tal strangulado em publico cada falso.

4. Dadas de caminho estas noticias, voltemos agora ao que diziamos à cerca dos dous Governadores do Brasil, e Maranhão. O Senhor Conde de Bobadela, como tenho referido, e foi notorio em toda a America, fez hum governo totalmente diverso do que fez no Parà, e Maranhão o Senhor Mendonça. Do primeiro ninguém racionavelmente se queixou: do segundo, todos justamente se lamentarão. O primeiro sempre foi bem quisto: o segundo sempre viveu odiado. Taõ diffe-

ferente era a conducta de ambos ; tão diversos os sistemas do governo , que seguirão : logo lhe falso , que o mesmo , que hum fez ao Sul do Brasil , fizesse o outro na parte do Norte , como assevera o nosso Poeta nesta sua primeira Anotação.

5. Vejamos agora , que resistência acharão ambos nos Jesuitas , e qual foi o modo , com que a vencerão . Esta resistência não he , nem pode ser outra , senão aquella , que Carvalho divulgou na sua *Relação abreviada da Republica Jesuitica* , aonde por longas paginas inculca a grande opposição , que os Jesuitas Portuguezes , e Hespanhoes , e mais os Hespanhoes , que os Portuguezes , fizeram na America à execução do Tratado dos limites , que querião concluir os seus respectivos Soberanos : accumulando para isto tumultos sobre tumultos , sublevações , e guerras fomentadas por estes Religiosos , a fim de impedir , que os Indios se mudassem , e consequentemente que o Tratado se concluísse . Ora eu bem pudera impugnar cada hum da quelles factos , que ali se allegão contra os Jesuitas ; mas porque temo enfastiar aos leitores com hua relação tão longa , como he a *Abreviada* de Carvalho , produzirei sò aqui alguns documentos certos , e incontrastaveis , dos quaes evidentemente se prova a innocencia dos

Refutase a calunhia , de que os Jesuitas impediram a conclusão do Tratado dos limites .

Jesuítas, e a malignidade dos seus calumniadores.

DOCUMENTO I.

6. Logo, que chegãraõ à Corte de Madrid as primeiras noticias, de que os Indios das sete Povoaçoens, que se haviaõ de ceder a Portugal em troca da Nova Colonia, por conselho, e suggestão dos Jesuítas, obstinadamente resistiaõ a deixar as suas terras, para habitar em outras, se mandou tirar na mesma America hũa rigorosa devaça sobre este ponto, para constar della ao certo, e juridicamente se eraõ, ou não, verdadeiras as vozes, que corriaõ não sò pouco decorosas, mas muito contrarias ao bom nome, e credito daquelles Religiosos. Examinados pois os factos, perguntadas as testemunhas, ouvidas as partes, feitas finalmente todas aquellas diligencias, que o Direito prescreve, eo caso pedia, o que legalmente constou, foi, que a pertinaz, e obstinada resistencia dos Indios em sahir das suas Aldéas, não provinha de outra causa, senão da natural, e innata repugnancia, que tinhaõ em largar as suas terras, em que nasceraõ elles, e todos os seus antepassados cultivaraõ com o trabalho dos seus braços, e fuor do seu rosto, para ir viver em outras fil-

ve-

vestres, incultas, e infructíferas : e que os Jesuitas tão longe estiverão de os aconselhar, e persuadir a esta resistencia, que antes tinhaõ obrado quanto estava da sua parte para os mover à mudança dos terrenos, e a accommodar-se à vontade dos dous Soberanos de Hespanha, e Portugal. Tanto consta do processo feito na mesma America na forma mais authentica, assignado no dia 7. de Fevereiro de 1753. o qual se achará na Collecção das Apologias Jesuiticas copiado no tomo X. Lease principalmente a pag. 183. o principio do sobredito Processo, *sendo Nos, ec.* A Sentença dada a favor dos Jesuitas he em tudo coherente aos depoimentos das testemunhas. Esta se pode ler no mesmo tomo X. pagina 236. começando das palavras *que por sua parte*, athè às palavras *a quelles Povos*. pag. 237.

DOCUMENTO II.

7. Informado o Supremo Concelho da Corte de Madrid, que corriaõ por todo a quelle Reyno alguns escriptos, em que se infamavaõ os Religiosos da Companhia na America de rebeldes, e dezobedientes às Ordens Soberanas, amotinadores dos Indios ec. Sendo tudo falso, como constava legal, e authenticamente, representou à S. Magestade Catholica a necessidade, que havia de reprimir a quel-

aquella dezenfreada maledicencia ; tão contraria ao credito, e bom nome dos Jesuitas seos subditos na quella parte do mundo ; e conformandose o Pio Monarcha ao parecer da quelle seu Tribunal, ordenou por Decreto de 5. de Abril de 1759. que os taes libellos famosos não sò senão vendessem, nem estampassem, mas fossẽm queimados por mão de Algõz em praça publica.

DOCUMENTO III.

8. Amesma prohibiçaõ fez o Inquisidor Geral em tódos os Reynos, e Dominios de S. Magestade Catholica, D. Manuel Quintano, Arcebispo de Farfallia, por hum edicto dirigido à todos os fieis, allegando por motivo serem os taes escriptos não sò totalmente alheios da verdade, mas iniquamente injuriosos a huã Religiaõ tão benemerita da Igreja, como era a Companhia de Jesus. ec.

DOCUMENTO IV.

9. Passando desta à melhor vida o Catholico Rey D. Fernando VI. a Rainha D. Isabel Farnese, que depois da sua morte governou interinamente aquelles Reynos, escreveu huã carta com data de 27 de Setembro de 1759. ao Provincial dos Jesuitas no Paraguay, na qual lou-

vava o zelo, a fidelidade, e diligencia; com que os Religiosos seus subditos naquellas Missões tinham procurado reduzir os Indios à mudança stipulada entre as duas Coroas de Hespanha, e Portugal; e depois de louvar esta sua conducta com expressões de grande satisfação sua, e consolação dos Jesuítas, lhes promettia, e segurava para o futuro a sua Real protecção, e patrocínio.

DOCUMENTO V.

10. Com data de 29. de Novembro de 1759. estando em Santo Borja do Paraguay o Senhor Zeballos, Governador de Buenos-Ayres, escreveu a seu Irmão, que assistia em Sevilha, huã carta, na qual lhe dizia assim. *Em ordem a este negocio (falla da opposição, e resistencia dos Indios adeixar as suas terras) não he possível dizervos em huã carta tudo, o que tem succedido: dir-voshei porem o que basta para formareis alguã idea do que tem passado. Quando cheguei a estas Missões, andavaõ muitos milhares de Indios dispersos pelos montes, e campanhas deste vasto paiz, por cuja causa senão fez a permuta da Colonia pelo commissario Portuguez; mas com a graça de Deos, e com a muita fadiga, que tiveraõ os Padres da Companhia em os ajuntar, se conseguiu em menos de hum anno unillos todos: e ainda que eu tenho ja informado a Corte, athè a quinaõ*
ti-

tive reposta; o que talvez proceda da variedade de successos, com que neste meio tempo se tem visto embaraçado o Ministerio. A mà fê dos Portuguezes, segundo julgo, estará ja convencida com provas irrefragaveis; e teraõ conhecido o amor, e fidelidade, com que tem servido à El-Rey no tempo da execuçaõ deste Tratado os Jesuitas desta Provincia. Sei, que te-reis ahí ouvido tudo pelo contrario; por causa das falsidades, que tem espalhado os emulos destes Religiosos, principalmente os Portuguezes, e o nosso Commissario o Marquez de Valde-Lirios; o qual vai de acòrdo com elles, para desculpar, e encobrir a sua mà conduca. Os Indios a motivo das violencias, que lhes tin-haõ feito, estavaõ vizinhos à dexeesperaçã. Tenho procurado compensarlhes os mãos tratamentos, que lhes fixeraõ os Portuguezes, com os bons, que presentemente lhes fago; e posso ja-ctarme, que agora executaraõ quanto El-Rey lhes mandâr; e que se acaso fosse necessario tomar as armas para defender este Estado, naõ duvidariaõ sacrificar as vidas em serviço de sua Magestade. Isto he, o que vos posso dizer em breve. (a)

DO-

(a) Desta carta escripta, quasi in facie loci, aonde succederaõ aquellas sublevaçõens dos Indios, claramente se prova, que se os Senhores Commissarios os levassem por bem, como lhes aconselhavaõ os Jesuitas, naõ encontrariaõ nelles tanta resistencia; mas a precipitaçaõ, e violencia, comque os quizeraõ desapossar das terras, em que estavaõ, os irritou de

ma-

DOCUMENTO VI.

Ultimo, e mais recente.

11. O catholico Rey D. Carlos III. felizmente Reinante por hum seu Real Decreto passado aos 5. de Dezembro de 1760, quando em Portugal se lia impressa a Relação Abreviada, e tinha corrido publicamente em Madrid, ordenou, que para as Missoens do Paraguay partissem não só 30. Jesuitas, como era costume em cada anno, mas 60.; ou fossem nacionaes, ou estrangeiros, que se achassem nos seus dominios; gozando todos da sua Real liberalidade; isto he, sendo transportados à custa do seu erário, pela razão, que dava no mesmo Decreto, de serem uteis à cultura daquelle povos, e poderem continuar a fello, para maior serviço de Deos, e seu (a).

12. Ora à vista destes documentos (não fal-

maneira, que nem os mesmos Jesuitas, a quem sempre mostraraõ fogueiaõ, por mais diligencias, que fizerãõ, os poderaõ aplacar, e reduzir à mudança.

(a) As mesmas Gazetas, que deraõ esta noticia, reflectiaõ estarem todos admirados, deque criminando a Corte de Lisboa os Jesuitas Hespanhoes, estes na de Madrid fossem nos mesmo tempo louvados, e attendidos. Lease o Postilhaõ numero VII. daquelle anno na data de Madrid.

fallando em outros, que deixo por brevidade) a favor da innocencia dos Jesuitas, não he ou excessso de maledicencia, ou falta de juizo, deixar cahir por entre os dedos este nosso Escrivão nas suas Notas, *que os Jesuitas* resistirão aos dous Governadores na execucao do Tratado dos limites? Chamolhe *falta de juizo*, porque foi suppor, que o publico acreditaria o seu dito, estando ja falsificado, e desmentido dèz annos antes no Paraguay por huã sentença publica; e na corte de Madrid por atestaçoens irrefragaveis: huãs dos Tribunaes mais rectos, como são o Supremo Concelho; e a Sagrada Inquisição; outras de pessoas de authoridade a mais qualificada, como são huã Rainha, e hum Rey da quella Monarquia.

13. Nem se diga, que os documentos assim referidos sò provaõ, que os Jesuitas Hespanhoes não se oppuserão à conclusão da quelle Tratado; mas que os Jesuitas Portuguezes não se oppusessem a ella, està ainda por provar. A isto respondo. E he pouco desmentir a Corte de Hespanha o que divulgou Carvalho dos Jesuitas da quella Monarquia? Assim como infamou sem fundamento solido os subditos del-Rey Catholico, não infamaria tambem os que erão subditos del-Rey Fidelissimo? *semel malus semper praesumitur malus in eodem genere mali*. Era re-gra,

gra, e axioma de Direito muito familiar a Carvalho; e do qual se valeu contra os Jesuitas na Sentença, em que os declarou complices do attentado contra o Senhor Rey D. Josè I., como se os tres Religiosos ali nomeados tivessem ja sido convencidos de attentar contra a vida de algum Soberano.

14. Respondo em segundo lugar, que se Sebastião Josè de Carvalho estando ao leme do governo, como primeiro Ministro, que era, mandasse tirar à America Portuguesa huã exacta, e juridica devaça da conducta dos Jesuitas nas circumstancias do tempo, em que se queria concluir aquelle Tratado, viria em conhecimento da verdade, e acharia, que, se os Indios fogião ao trabalho de conduzir os soldados, e as pedras para as demarcaçoens dos limites, que se intentavaõ fazer, não era por influxo, ou sugestão dos Jesuitas, mas era porque o Senhor Mendonça, Governador do Parà, sobrintendente, e executor desta expedição lhes não pagava a excessiva fadiga de remar muitos centos de legoas, sem mais emulmento, que hũa escaça, e miseravel comida. O mesmo, que digo dos Indios, digo à sua proporção dos Jesuitas: se estes Padres, que estavam nas Missões, não subministravaõ alguãs vezes os viveres, que se lhes pediaõ para sustentar a soldadesca, nem os Remeiros necessarios

Verda
deira cau-
za, por-
que se re-
tardou a
execução
daquelle
Tratado.

rios para a conduzir, não era porque quizessem dificultar aquella execução, negando voluntariamente huã, e outra couza; mas era unicamente porque os Indios capazes do trabalho, sabendo, que os Portuguezes não lho remuneravaõ, fugiaõ para os bosques, deixando nas Aldeas os invalidos, as mulheres, e os de menor idade, para cujo sustento sendo necessarios os viveres, que havia, não podiaõ, nem deviaõ os Missionarios repartillos por outros; sendo igual, e talvez maior a necessidade da quelles, a quem tinhaõ obrigaçaõ de acudir, e proteger.

15. Respondo em terceiro lugar, que se o Senhor Carvalho quizesse neste negocio proceder liza, e sinceramente, devia acceitar a offerta, que fez o Geral da Companhia Lourenço Ricci a El-Rey Fidelissimo, assim como lha acceitou El-Rey Catholico. Apenas aquelle grande, mas infeliz Prelado, teve noticia em Roma, que da America tinhaõ chegado à Europa queixas, e lamentos contra os seus subditos na quella parte do mundo, dizendose delles, que se oppunhaõ clara, e clandestinamente à execução do Tratado, que pertendiaõ concluir os Monarchas de Hespanha, e Portugal, escreveu a Madrid, ea Lisboa, expondo a suas Magestades o muito, que sentia, e toda a Religião, que alguns Jesuitas, esqueci-

dos

dos (como se divulgava) da fidelidade devida aos soberanos, resistissem às suas Reaes ordens, e intenções. Que para reprimir, e castigar com as mais severas penas huã tal dezobediencia (caso, que fosse certa,) mandassem suas Magestades à quellas partes o Jesuita, que lhes parecesse, ao qual elle Geral dava todos os seus poderes, não só para punir os que se achassem delinquentes, mas para fazer, que os Missionarios, que presidissem aos Indios, cooperassem (quanto lhes fosse possível) por mover, e reduzir os Indios a elles subordinados à mudança, ou troca, que era o objecto daquelle Tratado.

16. Acceitou Hespanha a offerta; e mandando à sua America o Jesuita Luiz Altamirano, fogeito por todos os titulos grande, e digno desta empreza, evidentemente mostrou à quella Corte, não serem os Jesuitas culpados na resistencia dos Indios, mas que toda ella provinha da innata repugnancia, que tinham aquelles Barbaros em deixar o terreno, em que elles, e todos os seus antepassados nasceraõ, e render obediencia a outro Soberano, que não fosse aquelle, a quem voluntariamente huã vez se tinham fogueitado. O que succedeu em Hespanha, a conteceria em Portugal, se esta Corte acceitasse a offerta do Geral da Companhia; mas o Senhor Carvalho, que nada

C

me-

Naõ accrei-
ta Carvalho
ho a officia-
ta, que
teu o Ge-
ral da
Compag.

menos queria, do que saber a verdade; acreditou a mentira; e aproveitando-se das noticias falsas, que seu Irmaõ. lhe mandava do Parã; confirmadas por Mon-senhor Bulhoens, adulator, e partidario de ambos, sem mais averiguação, nem exame, publicou na sua *Relação Abreviada*, e espalhou depois em outros muitos papeis, que os Jesuitas eraõ dezobedientes, refractarios, e rebeldes às ordens dos seus Soberanos; e quando o Provincial *João Henriquez* lhe propoz o sentimento do seu Geral, eo de toda a Companhia, pelas novas, que corriaõ, de que El-Rey Fidelissimo se desse por mal servido dos Jesuitas Portuguezes da America, offerecendolhe mandar hum do continente a beneplacito de sua Magestade, o qual castigasse severamente a rebeldia dos delinquentes, e fizesse exactamente executar ainda as mais leves insinuaçoens da sua Real vontade, a resposta, que o Senhor Carvalho deu ao Provincial, foi, que agradecesse ao seu Geral a attenção, que usava com El-Rey; e que no ponto de mandar à America hum Visitador, fallaria com elle mais de vagar em outro tempo; mas este tempo nunca chegou.

17. Assim disse eu, que Carvalho naõ querendo saber a verdade, acreditara à mentira; mas ja me arrependo: porque nem à mentira acreditou. Elle soube muito bem, que todas aquellas noticias eraõ fal-

falsas, espalhadas pelos inimigos da Companhia, como testificou à hum seu amigo certo Official da Secretaria, dizendolhe (mas em segredo) que na Secretaria tinha documentos authenticos, que provava a falsidade de quanto elle tinha escrito contra os Jesuitas na *Relação Abreviada*. Confirma este dito hum facto, que agora direi. Tinha o Senhor Gomez Freire Plenipotenciario deste Tratado dos limites escrito a Portugal, que os Religiosos da Companhia se oppunhaõ fortemente à execução, e conclusão d'elle; persuadido, que a obstinada resistencia dos Indios provinha do influxo, e suggestão dos Missionarios, aos quaes estando em tudo o mais sogeitos aquelles Barbaros, tambem o estariaõ nesta parte, se os Jesuitas lhes não aconselhassem o oppor-se, e resistir, quanto podessem, à mudança, que delles se pertendia. Certificado porem depois este mesmo senhor de toda averdade, e informado melhor da innocencia dos Jesuitas, escreveu a Sebastião Josè de Carvalho, retractandose do que dissera contra aquelles Padres. Leu Carvalho a carta, e fechando disse: agora conheço, que o Conde de Bobadela não sò està velho, mas tonto. (4)

Pública
Carvalho
nôcias
falsas
contra os
Jesuitas
da Ame-
rica, e
não trê
as verda-
deiras.

18.

(4) Assim se lê na Vida de Carvalho. Tom. 1. da 4. Edição pag. 74.

18. Eque à vista destes factos certos ; e innegaveis , alem de outros , que omitto por não enfastiar aos leitores , repetindo o que ja todos sabem , se animasse este novo Escrivão a dizer nesta sua Nota , que o senhor Francisco Xavier de Mendonça , eo senhor Conde de Bobadela , este na parte de Sul do Brasil , e aquelle na parte do Norte , achárao nos Jesuitas a mesma resistencia à execução do Tratado dos limites ? Se aqui apalavra *mesma* quer dizer *nenhũa* , passe ; mas sequer significar *alguã* , he insolencia . Mas a isto , e a muito mais obriga a pobreza , quando para ter , que comer , se ve hum homem obrigado a adular . Vamos adiante .

Na pagina 2. se lem estes versos :

*E vós , por quem o Maranhão pendura
Rotas cadeas , e grilhoens peçados .*

19. Ninguém certamente entenderia estes versos , se o nosso Poeta os não explicasse em prosa , dizendo , que querem significar ; deverem os Indios do Maranhão *inteiramente* a sua liberdade ao Senhor Francisco Xavier de Mendonça , digno Heroe do seu Poema . Mas aqui , com sua licença , julgo eu , que elle não falla verdade ; porque nem por inteiro , nem por ametade , lhe devem nesta parte cousa alguã aquelles miseraveis . Elle
não

Mostra se
não deve-
rem os
Indios do
Maranhão
a liberd-
ade ao Sr.
Mendon-
ça .

naõ fallou, nem escreveu nem procurou aos Indios este beneficio. Outro foi o motor, e principal Author delle. O senhor Mendonça, foi sò hum mero executor, e assim como hum reo condemnado à prizaõ naõ he devedor da sua soltura ao guarda, que lhe abriu o carcere, mas ao Procurador, que lha sollicitou, assim tambem os Indios do Maranhão naõ são devedores da liberdade ao Senhor Mendonça, que nada cooperou para ella, mas a outro, que antes, e muito antes, que elle fosse para o Maranhão, a aconselhou, persuadio, e alcançou, como agora direi.

20. Foraõ permittidas por algum tempo no Maranhão pelos antigos Reys de Portugal as escravidões dos Indios em certos, e determinados casos, nos quaes erão, ou pareciaõ justas, vendendose estes miseraveis em praça publica por conta de El-Rey e recebendo o preço delles a fazenda Real; mas porque os Governadores daquelle Estado a instancia de pessoas particulares excediaõ muitas vezes estas permissões, interpretando mal as leis, e intenções dos Soberanos, tinhaõ sido revogadas; e sò, e unicamente permittida a escravidão, que chamavaõ do *resgate*; a qual consistia em ir livrar aos fetoens das garras de Indios bravos, e ferozes outros Indios, que elles tivessem vencido em alguã guerra, e destinado

por isso a serem vítimas do seu furor ;
ejuntamente pasto da sua fome. Escapa-
vão assim he estes miseraveis o rigor da
morte , sendo comprados por pouco pre-
ço aos que os haviaõ de comer , mas
trazidos para o povoado pelas Tropas
chamadas do *Resgate* ficavaõ fogueitos à
pena do captiveiro : lucravaõ avida , mas
perdiaõ a liberdade ; vendendose em pu-
blica praça a quem mais dava por elles .

Parecer do
Jesuita
Bento da
Fonseca a
favor da
liberdade
dos Indios.

21. Como porem athe neste caso se
commetteraõ alguns abusos, mandou o
Senhor Rey D. João V. consultar sobre
esta, e alguãs materias relativas ao bem
da quelle Estado ao Jesuita Bento da
Fonseca, Procurador em Lisboa dosseos
socios do Maranhão, cujo voto, ou pa-
recer foi, que sua Magestade prohibisse
totalmente todas as escravidoens, como
se verà da informação, que aqui porei.
*A providencia, com que julgo, se acabariaõ
por huã vez as escravidoens injustas no Mara-
nhão, e que igualmente conduziria para o
augmento espirital, e temporal do Estado, he
renovar as duas leis do Senhor Rey D. Pedro,
ambas do primeiro de Abril de 1680. em huã
dellas se prohibe totalmente fazer os Indios
escravos, e se ordena observar no Maranhão a
lei do Brasil, que totalmente as prohibe. Na
outra se daõ as providencias uteis ao augmento
das Povoagoens, naõ sò vizinhas a outras dos
Portuguezes, mas ainda em lugares mais di-
stantes: e se attende taõbem à necessidade de
escra-*

escravos, que ha no Maranhão, com a providencia tomada pelo mesmo Rey, e Senhor, de fazer vir os Negros da Costa de Africa para conservação, e augmento do Estado. Esta segunda lei nunca foi revogada; e huã, e outra prometttem o feliz exito, que a experiencia nos mostra no Estado do Brasil, do qual parece, que nunca Deos quiz o augmento, em quanto nelle durarão escravidoens injustas. O Maranhão he huã parte do Brasil, e parece, que deve governarse pelas mesmas leis. O mesmo persuade o exemplo de Hespanha, aonde não ha taes captiveiros, não obstante haver tanta necessidade de escravos, como nas nossas conquistas. Assim, e só assim se facilitará a conversão dos gentios, constandolhes, que entre os Portuguezes não serão escravos; tambem por este meio se evitarão dous effeitos muito contrarios ao augmento do Estado; o primeiro he, a dexteração de muitos Indios para os Dominios de Hespanha, confinantes com os nossos, por temor das injustiças, que os Portuguezes lhes fazem. O segundo he, a grande diminuição de Indios no deserto das Amazonas, aonde antes eraão innumeraveis, e dolles se proviaão as Povoaçoens antigas, e se formavaão outras novas, o que no tempo presente se faz difficil, por causas das Tropas do Resgate. Será por tanto muito util à quelle Estado, e ao seu augmento es tabelecer novas Povoaçoens nos confins dos nossos Dominios, porque deste modo conservaremos o Estado em toda a sua extensão, e por meio das ditas Povoaçoens se poderaão recolher os fructos,

que produz o paiz, ainda nos lugares mais remotos do Maranhão, como se diz nas leis acima referidas. ec. ec. Este he o meu sentimento. Vossa Magestade ordenará, o que for mais justo, e accommodado ao bem dos Indios e augmento assim espirital, como temporal do Estado. Lisboa, Collegio de Santo Antão, 22 de Dezembro de 1746.

Bento da Fonseca.

Resulta
daquelle
Parecer.

22. Desta informação resultou mandar aquelle Soberano ao Maranhão huã lei de 21. de Março, de 1747., pela qual prohibia aos Governadores dar licença para fazer a escravidaõ chamada do Resgate; e ordenava, que as Tropas, que a tal fim estavam no Rio Negro, se retirassem; e que para o futuro, não podessem sair a fazer o tal Resgate, sem permissão da Corte, por meio do Concelho ultramarino. E porque a esta lei replicou o Governador do Estado, o Concelho ultramarino em Lisboa se unio, e votou contra elle, como consta da resposta dada em oito de Junho de 1748. Aqual em substancia foi, que aliença, que se tinha dado para fazer a escravidaõ do Resgate fora incompetente, tendo sua Magestade mandado, que as Tropas se retirassem, e que a diſta escravidaõ nunca mais se fizesse, sem a approvaçaõ do Concelho ultramarino; e que no mais era de parecer, que sua Magestade se conformasse com o sentimento do Jesuita Bento da Fonseca, fazendo não sò retirar as diſtas Tropas, mas
taõ -

tão bem estabelecer Povoaçoens nos confins do Maranhão . Atte aqui substancialmente a resolução do Concelho . Agora a de sua Magestade . Observe-se a ordem de vinte e hum de Março de 1747. Lisboa, tres de Julho de 1748. A carta de El-Rey ao Governador, que tenho diante dos olhos, quando isto escrevo, e que omitto por brevidade, he em tudo conforme à sua Real resolução.

23. Prohibidas pois, como temos visto, todas as escravidoens no Maranhão por conselho, e persuasão de hum Jesuita, parece, que a este, enão ao Senhor Mendonça são devedores os Indios da sua liberdade; mas o nosso Poeta a torto, e a direito quer, que elles a devaõ inteiramente ao seu Heroe. A razão talvez, em que se funda, he porque no tempo do seu governo appareceu inesperadamente no Maranhão huã lei, não ja prohibitiva, como as outras, de escravidão para o futuro, mas annullativa de todas as que se fizessem no futuro, ou se tivessem feito nos tempos passados, fossem ellas licitas, permittidas pelas leis, ou não permittidas: em huã palavra huã lei, que punha forros, e livres todos os Indios da quelle Estado, descendentes de Indias, ainda que elles tivessem sido comprados, como verdadeiros escravos à mesma Fazenda Real em boa fê, e justo preço. Foi, assim he, diligente executor desta tal lei o Senhor Mendonça :
mas

mas porque titulo lhe haõ de fer os Indios devedores desta nova , e insperada liberdade? se elles à alguem a devem , he à seu Irmaõ , o senhor Carvalho , que para naõ fazer no seu Ministerio couza , que boa fosse , persuadio ao Senhor Rey D. Josè , que fizesse promulgar huã lei , que maior foi o damno , que cauzou , do que a utilidade , que deu .

Damnoso, e
detrimen-
tos, que
se segui-
raõ da ley
universal-
mente
prohibiti-
va de todas
as escravi-
does.

24. Porque della se seguiu em primeiro lugar , que muitas pessoas , tendo comprado à El-Rey por justo preço quantidade de escravos , ficaraõ perdendo os escravos , eo preço , que deraõ por elles ; porque por mais diligencias , que fizeraõ para se lhes reparar este damno , nunca felhes ressarcio . Em segundo lugar seguiu-se , que todos aquelles , a quem era indispensavelmente necessario para algumas obras servir-se de escravos , se viraõ obrigados a comprar negros por preço excessivo à companhia do commercio ; da qual era privativo este contracto ; por beneficio do senhor Carvalho , universal Protector de todas , as que havia no Reyno ; e nellas taõ interessado , que nunca perdia , mas sempre lucrava . Seguiu-se em terceiro lugar , que os Indios invalidos , talvez com mulher , e filhos , naõ tendo ja senhores , que lhes dessem de comer , e de vestir , andavaõ nũz , e morrendo de fome , rogando pragas , e maldiçoens a quem os privou do captiveiro , e os põz

pòz em liberdade. Os que erão capazes de trabalho applicados pelo Senhor Mendonça a servir nas Obras publicas, vendo, que a tenue paga, que lhes dava, não correspondia ao trabalho, que tinham, dezertavaõ para os sbofques; aonde esquecendose logo do Baptismo, que receberaõ, e da Fe, que abraçaraõ, viviaõ à redea solta, mais à maneira de brutos, que de homens. E que desta liberdade mais prejudicial, e damnosa ainda aos mesmos Indios, do que lhes era o captiveiro, diga o nosso Poeta, que elles são *inteiramente devedores* ao Senhor Mendonça, seu Heroe, não sendo elle o libertador, mas hum puro executor da quella lei, divida he esta, que por nenhum titulo estaõ os Indios obrigados a pagar; he beneficio, que certamente lhe não haõ de agradecer.

25. Nesta mesma Nota accrescenta o Author dellas, *que os Jesuitas nunca declamaraõ contra o captiveiro destes miseraveis racionais, senaõ porque pertendiaõ ser sò elles os seus senhores.* Aqui, ainda que confusamente dà a entender este, não sei selhe chame Scriba, ou Farizeu, que os Jesuitas alguãs vezes declamaraõ contra a escravidão dos Indios. Verdade he esta, que elle não se atreveu a negar, sabendo todos, os que sabem alguã couza, as muitas injurias, calumnias, e perseguiçoens, que sofreraõ estes Religiosos no

Sempre os Jesuitas foraõ os mais constantes defensores da libertate dos Indios.

Ma-

Maranhão, e Brasil por defenderem a liberdade da quelles pobres neofitos; chegando por este motivo a serem expulsos dos seus Collegios pelo povo tumultuante, e amotinado por influxo, e suggestão da quelles, que querião possuir, e tratar como escravos a huns homens, que eraõ por todos os direitos livres (a). Mas esta verdade, que não pode elle negar claramente, logo a viciou com huã mentira, dizendo, que o fim, que os Jesuitas tinhaõ nestas suas declamaçoens era *pertenderem ser sò elles os senhores dos Indios*. Pertenção he esta, que os Jesuitas nunca conseguiraõ, se por ventura a tiveraõ. Eraõ Parrochos, eraõ Tutores, eraõ Economos, eraõ Medicos, eraõ Pacificadores, e eraõ tambem Mestres da quelles miseraveis: Parrochos, que os instruaõ na Fè, que os baptizavaõ, e administraõ todos os mais Sacramentos: Tutores, cuidando, que não fossem enganados nos contractos, que faziaõ ou entre si, ou com os Portuguezes; Economos, fa-

(a) Leafe Francisco de Britto Freyre, Guerra Braslica pag. 424. num. 316. Bernardo Pereira de Berredo, Annaes Histor. liv. 14. pag. 437. liv. 18. pag. 583., e 606. o Murator. Christ. Felic. Part. 2. pag. 144. ; quando naõ queiraõ lerse os Historicos Jesuitas, por se julgarem apaixonados; e nelles se verá quanto estes Religiosos padeceraõ no Brasil, e Maranhão por defenderem a liberdade dos Indios.

fazendo, que cultivassem os terrenos, e recolhessem os fructos, para terem que comer, e tambem para guardar para os annos de carestia; para repartir com os invalidos, enfermos, mulheres, e com os de menor idade: Medicos, aconselhando-lhes remedios, e applicação delles, para fararem das suas enfermidades: Pacificadores, reconciliando-os nas suas discórdias, para viverem em boa harmonia, e caridade christã: Mestres finalmente, que ensinavaõ o pouco, ou muito, que sabião ler, e escrever alguns delles, não obstante a sua grande rudeza. E se alguãs vezes por delictos, que commettiaõ, os mandavaõ castigar, era com a caridade, que usaõ os pays com os filhos, enaõ senhores com os escravos. Que tudo isto eraõ, e faziaõ os Jesuitas, sabe toda a America; ante sabe mais; porque sabe, que estes Religiosos taõ longe estavaõ de pertenderem serem senhores dos Indios, que todo o seu empenho era, que os Indios fossem senhores da sua liberdade; e que a ninguem mais fossem fogueitos, que ao Rey, de quem eraõ Vassallos: e com effeito por sua ordem se mandavaõ buscar às Aldeas para trabalharem aonde, e quando queria; eos Jesuitas eraõ obrigados por esta causa a dar conta aos Governadores do Estado de quantos eraõ os capazes de trabalho. Athe aqui he certo, e innegavel: agora, que estes Pa-

Padres com as suas declamaçoens contra o captiveiro dos Indios pertendessem ser sò elles os seus senhores, he cousa, que não basta dizella, he necessario proval-la; mas como se ha de provar, se he huã calumnia, cuja falsidade he ja hoje à todos tão manifesta, que a não julgo digna de resposta; ma sò de desprezo: e assim passo adiante.

26. Mo fim desta mesma nota diz assim o seu Author, *Os Indios ultimamente forão nos nossos dias nobilitados, e admittidos (pelo Senhor Mendonça) aos Cargos da Republica. Este procedimento honra a humanidade.*

Ridícula
nobilita-
ção dos
Indios fei-
ta pelo Sr.
Mendonça.

Huã das accoens mais imprudentes, que fez o Senhor Mendonça, no Maranhão, foi a habilitação, e nobilitação dos Indios. Occorreu à este bom homem, mas mào Governador, que ficaria celebre nos Fastos Portuguezes, se fizesse huã tal proeza, que nenhum dos seus Predecessores tivesse intentado, e muito meno conseguido. Veio lhe pois ao pensamento dar o nome, e os privilegios de Villas a semelhança das que hà em Portugal a muitas Aldéas, que os Indios habitavaõ, não obstante constarem todas de pobres, e rusticas choupanas, a excepção da Igreja, e casa dos Parrochos. Para isto mandando levantar hum grande pão no meyo de hum terreiro, dava a este sitio o nome do Pe-
lou-

lourinho; depois escolhendo entre todos aquelles salvagens alguns, que lhe pareceraõ ou pela physionomia do rosto, ou pela mole do corpo, mais habeis para os empregos, a que os queria elevar, os constituiu como Vereadores, ou Juizes dos mais, dizendolhes, que elles eraõ taõ bons, como os Portuguezes: que se governassem a si, sem dependencia, ou sujeição alguã dos Missionarios. Alem d'isto mandou vestir, e calçar estas suas novas creaturas, assentallas à sua meza, fazendolhes nella muitos brindes, e ensinandolhes *inter pocula*, por meio de hum lingua, ou interprete, o modo como se haviaõ de portar dali em diante, administrando a todos justiça, ec. ec. Os Indios porem, acabada a comida, e a companhia desfeita, esquecendose de quanto lhes tinha dito o Senhor Mendonça, apenas sahiraõ da sua presença tiràraõ os çapatos, e vestidos: e se emborrachàraõ com os seos vinhos, à que chamaõ *Mocóròròs*, e em final de alegria, e contentamento pelos Cargos, à que tinhaõ sido elevados, gritavaõ todos dizendo: *vinha del-Rey, vinha del-Rey*; querendo dizer: *Viva El-Rey, viva El-Rey*. Mas passada a bebedice, e tornando em si, se fizeraõ insolentes naõ sò com os Missionarios, perdendolhes o respeito, e desobedecendolhes ainda nas cousas espirituaes, senaõ tambem com os outros Indios; e isto com
tal

tal excesso, que sahindo os Jesuitas, eos mais Religiosos, que athe ali foraõ Parrochos nas Aldèas, alem dos Clerigos, que os substituirão, se vio o Senhor Mendonça obrigado a mandar alguns Portuguezes com o titulo de Directores para os governar, e metter em fogueiçãõ : e ainda muitos destes Portuguezes repugnaraõ a ir para as novas Villas, sem terem sempre com sigo alguns soldados, que os defendessem dos insultos da quellas barbaros. Eis-aqui em que veio a parar o procedimento, do qual diz o nosso Poeta, que fez honra à humanidade; melhor dissera, que bem mostrou a simplicidade de quem assim procedeu.

27. Na pagina terceira tendo o nosso Poeta chamado na segunda *Heroe*, e *Irmaõ de Heroes* ao Senhor Mendonça, commenta assim em huã Nota este seu dito *Em huã sò familia achou o Rey tres Irmaõs dignos de repartirem entre si todo o peso do governo.*

Que raça
de Heroes
fossem os
Carvalhos
de oeyras.

Primieramente, eu não sei, que alguem tenha dado o nome de *Heroe* à quem não fez obras dignas de hum mais particular, e distinto louvor; mas se tambem as que são dignas de especial vituperio, e major abominação podem conseguir este titulo aos seus Autores, digo, que foraõ Heroes, e Heroes grandes os tres Irmaõs, *Sebastião*, *Francisco*, e *Paulo*. Os Portuguezes os de-
finião

finiaõ com estas tres palavras *malus*, *pejor*, *peffimus*. O ultimo, diziaõ, que era positivamente *mão*: o segundo comparativamente *peior*: o primeiro superlativamente *peffimo*. Que a definição fosse boa, e adequada, as suas acções o mostraõ. *Paulo* enxertado no Santo Officio por Presidente, e consentindo, que nelle se desse sentença de morte ao Malagrida por Heresiarcha deshonrou a quelle Sagrado Tribunal. O *Francisco* com os despropósitos, que fez no Parà, e Maranhão, aruinou a quelle Estado florente. O *Sebastião* com as violencias, e tyrannias, que commetteu no tempo do seu Ministerio, assolou hum reyno inteiro. Estes foraõ os Heroes, por quem se repartio o Governo de Portugal; mas como tinhaõ os hombros fracos, deraõ com elle no chaõ. Assim havia de succeder, sendo de huã familia taõ aborrecida pela sua crueldade, que o Parrocho de Oeyras por obrigação de hum Legado, fazia rezar na Igreja aos Freguezes nos dias de festa tres Padre nossos, e tres Ave Marias; para que Deos os livrasse da tyrannia dos Carvalhos (a).

28. Na mesma Pagina terceira se lêem
ou-

(a) Assim se lê na Vida do Marquez Tom. 1. da Edição 4. pag. 56. *Fides sit penes Auctorem.*

outra Nota: os Jesuitas por si, e pelos seus fautores tinhaõ feito na Corte de Madrid o ultimo esforço para impedir a execuçaõ do Tratado dos limites.

Esta calumnia affaz està refutada na Apologia dos Jesuitas, offerecida à Rainha Fidelissima no Anno de 1780; mas porque esta ainda não se fez publica por meio da estampa, bastará, e sobejará para mostrar a falsidade do que diz, nesta Nota o seu Author, ler os documentos, que acima expuzemos nas paginas 11. 12. e 13.

29 Da pagina 3, athè à 10 se occupa o nosso Poeta em descrever a marcha dos dous exercitos de Hespanha, e Portugal combinados para a grande, e famosa empreza de dezalojar à força de primas das suas proprias terras aos pobres Indios, que para se defenderem desta violencia não tinhaõ por si mais armas, que a Justiça da sua causa, e as frechas dos seus arcos. Donde nasceu, que podendo esta transmigracão fazerse sem effusão de sangue, se dessem aos Indios algum espaço de tempo, para que pouco a pouco se mudassem, como aconselhavaõ os Jesuitas, se executou na quellas miseraveis Ovelhas, as melhores talves, e mais innocentes do rebando de Jesu-Christo, huã cruel carneficina; sem se conseguir a transmigracão dezejada; porque os Indios, que escapàraõ da morte, fu-

fugirão para os sertões, frustrando com a fuga a marcha dos dous exercitos, e as despesas, que nella fizerao. E se finalmente se unirão, e vieraõ para as Aldeas, foi com grande trabalho, e fadiga dos Jesuitas, como diz o Senhor Zeballos na sua carta, que allegamos no Documento quinto, pag. 12.

30. Na pagina 11. diz este Commentador de si mesmo: os Jesuitas tem tido a animozidade de negar por toda a Europa, o que se acabou de passar na America nos nossos dias, à vista de dous exercitos. E porque não haviaõ de negallo? Por ventura não he licito à qualquer *vim vi repellere*? Se os emulos destes Padres tiveraõ a animozidade de espalhar por toda a Europa, sem vergonha de mentir, que elles eraõ dezobedientes, Rebeldes, e oppostos na America às ordens dos Soberanos, coufa, que não viraõ, mas sò ouviraõ, os dous exercitos, quando leraõ a *Relação Abreviada da Republica Jesuitica*, porque não se animariaõ elles à desmentir huã calumnia, cuja falsidade manifestamente conheceu Hespanha, e tambem conheceria Portugal, se na Corte de Lisboa se fizessẽ as mesmas diligencias, que na de Madrid, para saber a verdade. Mas Carvalho, aquelle Heroe, em cujos hombros descansava o maior peso da Monarquia lusitana, querendo arruinar os Jesuitas valeuse das noticias falsas, e fez,

D 2

que

que não sabia as verdadeiras, verificando-se nelle o *noluit intelligere, ut bene ageret* (a).

31 Na pagina 12. continúa o Author das Notas dizendo, *que em Roma muitas pessoas o buscavaõ, para saber com fundamento as noticias do Uruguay, testemunhando (quiz dizer mostrando) hum estrando contentamento de encontrar hum Americano, que os podia informar miudamente de tudo o succediho. A admiração, que causava a estranheza de factos entre nós tão conhecidos fez nascer as primeiras idéas deste Poema.*

Falsa
estancia
do Author
do Poema.

Muito estolidos faz aquí o Senhor Gama aos Romanos, não sendo elles certamente rudes, e insensatos, como os Indios da America, mas homens os mais cultos, e bem instruidos da Europa. Aprimeira cousa, que os Romanos querendo saber, o que passou no Uruguay haviaõ de perguntar a este Americano era, se tinha estado naquelle paiz, ou nas suas vizinhanças? E devendo elle, se quizesse fallar verdade, responder, que não; que conceito haviaõ de fazer dos seus ditos, que credito haviaõ de dar à sua relação? Alem de que, quando este mancebo chegou a Roma a pertender segunda vez a Companhia, ja na quella Corte estavaõ muitos Jesuitas Americanos mais velhos, que

(a) *Psalm. 35. v. 4.*

que elle, mais maduros, e veridicos, e por isso mais dignos de fê, que tinham informado a toda Roma com testemunhos certos, e authenticos da falsidade, com que se hes attribuia na *Relação Abreviada* do Senhor Carvalho, terem feito opposição, e mostrado rebeldia às ordens dos Soberanos. O que supposto, dizendo elle o contrario do que todos os mais diziaão, não podiaão os Romanos ficar sabendo com fundamento as noticias do Uruguay, nem mostrar contentamento de encontrar na Europa huã pessoa da America, que miudamente os informasse do que tinha succedido em lugares tão distantes da quelles, por onde andou. Da qui infiro eu huã de duas cousas, que ou o Senhor Gama nesta sua Nota não he verdadeiro, ou dà a entender, que foi aleivofo. Se em Roma com as noticias, que deu do Paraguay, não desacreditou aos Jesuitas, nesta Nota não diz verdade; se os desacreditou, ao mesmo tempo, que pertendia ser seu socio na Religião, commetteu aleivosia. Eu mais inclino à primeira parte; isto he, que mente: assim porque he menor mal, como tambem por que não he crível; que vindo de tão longe, e por meio de tantos perigos buscar a Companhia, fallasse então contra os Jesuitas, expondo-se à perder com as palavras, o que mostrava pertender com as obras.

32. No fim desta mesma pagina 12. diz, que o Tratado dos limites feria os Jesuitas na alma; porque por elle se entregavaõ aos Portuguezes as terras, que a Companhia depois de muito tempo possuia, como suas, da parte Oriental do Rio Uruguay:

Refutase
o falso
motivo,
que se
aponta pa-
ra resisti-
rem os Je-
suitas à
troca das
Povoa-
ções.

Senhor Gama, que sinaes de dor observou nos Jesuitas, para delles conjecturar, e dizer, que lhes ferio a alma o Tratado dos limites? Em primeiro lugar, os Missionarios, que residiaõ nas Aldeas, não possuiaõ terra alguma, e muito menos, como sua. Todas eraõ dos Indios: alles as cultivavaõ, e dellas se sustentavaõ. Antes, nem os mesmos Indios tinhaõ terrenos determinados, certos, e estaveis, sendo livre a cada hum ora o aproveitar-se deste, ora da quelle terreno para o seu sustento, por causa de não terem dono; e ferem, como se costuma dizer, *primi capie tis*; isto he do primeiro, que os quer cultivar. Nem isto he maravilha, sendo vastissima a extençao da quelles paizes.

Em segundo lugar: os Jesuitas nas Missões não se serviaõ das terras, nem dellas recebiaõ fructo algum, alem do necessario para o seu pobre sustento: de sorte, que tão longe estavaõ de tirar dellas grandes utilidades, conveniencias, e lucro; temporaes, que antes necessitavaõ, que os Collegios os proveessem de muitas cousas precisas para a sua conservação.

Em

Em terceiro lugar: dado, e não concedido, que a Companhia de muitos annos a esta parte possuísse, como suas, aquellas terras, (oque certamente he falso) que motivo havia para ferir na alma aos Jesuitas, que ellas por virtude do Tratado dos limites se entregassem aos Portuguezes? Nesta troca, ou nesta entrega em nada ficava deteriorada aquella Religião. Para as sete Povoaçoens hirião os Jesuitas de Portugal substituir os de Hespanha; e como tudo ficava em casa, isto he, nos filhos da Companhia, continuava ella à possuir por meio dos seus subditos Portuguezes as mesmas terras, que havia tantos annos, possuía por meio dos Hespanhoes. E sendo assim, não perdia a posse, mudava somente em certo modo de Colonos; os quaes pella boa harmonia, e grande união, que tinhaõ entre si, como membros do mesmo corpo, não duvidariaõ ceder huns, para lhes succederem outros da mesma Religião. Vê, Senhor Gama, como ainda permitindo ser verdadeiro, o que he falso, isto he, que a Companhia possuísse como suas aquellas terras, não podia ferir na alma aos Jesuitas aquella troca? Não foi certamente, não, o Tratado dos limites, o que os ferio na alma, e penetrou o coração: foi sim a violencia, a crueldade, e tyrannia, com que precipitada, e arrebadamente o quizerão concluir os

Ministros deputados para esta execução; não dando tempo aos Indios, como lhes pediaõ os Jesuitas, para que aquella mudança, ja que lhes era involuntaria, lhes fosse ao menos commoda: mandando primeiro huns, e depois outros a estabelecerse nos lugares, em que haviaõ de habitar: antes pelo contrario, querendo levar à força de armas, e com effusão de tanto sangue, o que podiaõ obter sem algum dispendio das vidas, nem tantas despesas de dinheiro, fizeraõ perder à Igreja a Christandade mais florente, e a El-Rey Catholico muitos vassallos os mais fieis. Isto sim, isto he, o que ferio na alma, e causou grande dor aos Jesuitas; e não o perder as terras, que se haviaõ de entregar aos Portuguezes, como diz nesta Nota o Senhor Gama.

33. Na pagina 13. diz: *Os Indios sem disciplina, como na quelle tempo se imaginava.*

Quam
frutil fosse
o Posto
de S. Tecla,
para nelle
se dizer,
que esta-
vaõ forti-
ficados os
Indios.

Aqui para que este Poeta nos feos Cantos exaggerasse a bravura dos soldados Europeos; e juntamente as victorias, que alcançaraõ dos Indios, dos quaes diz: que fortificados no Posto de Santa Tecla, lhes impediraõ os passos, pòz a Nota: *os Indios sem disciplina, como na quelle tempo se imaginava*: querendo dar com ella à entender, que acharaõ aquelles barbaros da America mais destros, e exercitados na arte militar, doque commun-

mente se julga em Europa. Sè affim fosse, pobres soldados Portuguezes. Bem creio, que de todos, os que hiaõ à quella demarcação, poucos, ou nenhuns ficariaõ com vida, que podessem contar das batalhas, e muito menos jactar-se das victorias. Mas o caso he, que a sciencia militar dos Indios era entaõ como sempre foi, e ainda hoje he, pouca, ou nenhuma; nem o Posto de Santa Tecla era algum Castello, ou Praça de armas, em que aquelles barbaros podessem fazer-se fortes; mas unicamente hum lugar occupado de alguãs Cabanas feitas à moda da terra de estacas de pào, cobertas com folhas de arvores, aonde se recolhiaõ os Pastores, que guardavaõ o gado, que pastava na quelle sitio, aonde não estava o Missionario, nem Jesuita algum de assistencia. No tempo, que a este lugar chegaraõ os Demarcadores, se achavaõ ali bem a caso alguns Indios da Aldèa de São Miguel amotinados contra o Jesuita Altamirano, a quem queriaõ dar a morte, por lhes constar, que não favorecia a sua cauza, antes era contra elles, tendo chegado da Europa à aquellas partes sem outro intento, que obrigallos a sahir das sua terras; mas não encontrando o sobredito Jesuita na Aldèa, em que estava, deraõ volta, e vierão ao sitio de Santa Tecla a ver os gados, que ali tinhaõ.

Che

Chegando pois a este sitio os Demarcadores na occasião , em que ali se achavaõ estes Indios enfurecidos contra o Superior dos Missionarios, pela razaõ asima dita, disseraõ aos Commissarios Hespanhoes, que se queriaõ passar, o fizessem livremente, e que elles os acompanhariaõ athe as suas Aldèas, por serem Vassallos do mesmo Rey ; mas que a nenhum dos Portuguezes consentiriaõ o mesmo ; naõ querendo dar lhes as suas terras, nem ainda venderlhes os seus gados. A vista desta resolução intimada por huns barbaros raivosos, e enfurecidos, tiveraõ por bem os Senhores Commissarios voltar atraz, e naõ passar adiante. Os Indios lhes deraõ do mantimento, que tinhaõ, e hum bom numero de vacas para comerem no caminho. Este era o inexpugnavel Posto de Santa Tecla; esta toda a força comque os Indios nelle fortificados impediraõ os passos aos Officiaes militares, que foraõ fazera demarcação. Passemos desta acção, emque aquelles barbaros ficàraõ vencedores, a contar outra, em que ficàraõ vencidos.

34. Na pagina 14. toca levemente o nosso Poeta hum combate, que houve no *Rio Pardo* naõ pouco glorioso para as Tropas dos dous chamados Exercitos combinados, contentandose com recopilar nos poucos versos, que aqui porei, huã victoria muito assignalada:

Naõ

Não soffrem tanto os Indios atrevidos :
 Juntos hum nosso Forte em tanto assaltaõ :
 Os Padres os incitaõ , e acompanhaõ .
 Que à sua discriçaõ sò elles podem
 Aquí mover , ou socegar a guerra .
 Os Indios , que ficaraõ prisioneiros
 Ainda os podeis ver neste meu Campo .

He possível, Senhor Gama , que huã
 resistencia tão vigorosa dos soldados Eu-
 ropèos contra os Indios Americanos , e
 em que houve, alem dos mortos, muitos
 prisioneiros , e sendo elles mais destros na scien-
 cia militar, do que athe a qui se julgava , não
 merecesse à sua penna mais hum rasgo ,
 e ao seu estro huã narração mais dila-
 tada? Muito perra estava nesta occasião
 a sua Musa , que não lhe subministrou
 palavras, com que podesse contar miuda-
 mente esta batalha, e axaltar athe às
 estrellas esta grande victoria. Mas se este
 Poeta foi aquí diminuto nos versos , e-
 stendeuse na proza , dizendo assim em
 huã Nota : Foraõ sincoenta os prisioneiros :
 alguns dos Principaes vieraõ remettidos ao Rio
 de Janeiro , aonde o Author os vio , e fallou
 com elles . Confessaraõ ingenuamente , que os
 Padres tinhaõ vindo em sua Companhia athe
 o Rio Pardo , e se tinhaõ deixado ficar da ou-
 tra banda . Mostravaõ se sorprendidos da doçura,
 que encontravaõ nos Portuguezes . Dixiaõ que
 os Padres não cessavaõ de lhes intimar nas
 suas

suas pregaçoens, que os Portuguezes tinhaõ o Diabo no corpo, e que eraõ todos Feiticeiros. Que em matando algum, para que não tornasse à viver, era necessario porlhe a cabeça hum palmo longe do corpo; o que elles religiosamente observáraõ. Com esta Nota commenta o nosso Poeta os seus versos: agora commentarei eu em prosa a sua Nota.

Refutau
se naõ
menos
que 6.
falsidades
juntas ne-
sta Nota.

35. Primeiramente os Indios prisioneiros não foraõ sincoenta como diz, fiado no que refere na sua Relação Abreviada o Senhor Carvalho, aonde o nosso Poeta achou este numero. Foraõ sincoenta, e tres; não prisioneiros, como logo direi, mas presos à falsa fè, e contra o direito das Gentes. He certo, que alguns da quelles Indios vieraõ para o Rio de Janeiro, quando as tropas se recolheraõ. Que aqui os visse o Author deste Poema, passe; valha a sua palavra honrada: mas que lhes fallasse, oh! isso não, nem he verdade, nem verosimil. O Author na quelle tempo, apenas sabia fallar a lingua Portugueza, pela pouca idade, que tinha; e sendo assim, como havia de fallar, e entender a dos Indios? Mas se acaso fallou com algum delles, creio, que seria do mesmo modo, que os rapazes em Lisboa, ou no cões da pedra, ou na praia de São Paulo fallão com algum Russiano, Alemão, ou Amburguez de calças lar-

largas , quando desembarcão dizendo meias palavras, e sem entenderem huns aos outros. Que os Indios confesfassẽ , ques os Padres tinhaõ vindo em sua companhia aõhe o Rio Pardo , e se tinhaõ deixado ficar da outra banda , he falso, e alem de falso incrivel : sô se comfigo trouxeraõ algum preso, e forçado para os absolver no artigo da morte. Disse ser falso , e incrivel , porque muitos meses antes , que os Indios fossem para o Rio Pardo , estavaõ os Jesuitas , que residiaõ nas Aldẽas , presos , e bloqueados pelos Indios com guardas à vista , pela sospeita , que tinhaõ , de que elles eraõ empenhados na trõca , pelas grandes diligencias , que faziaõ , para os reduzir a ella ; na qual sospeita muito mais se confirmaraõ , lendo na carta , que o Senhor Gomez Freyre mandou aos Indios das sete Aldẽas , a falsa noticia , de que os seus mesmos directores , supposta a sua rebelliaõ , diziaõ , que o unico remedio era obrigarlos à força de armas. Copiarei aqui somente as palavras das carta , que fazem ao ponto : *Me expoßeraõ o pouco fructo , que os Padres vossos Directores tiraraõ das instancias , com que procuraraõ conseguir , que entendesseis aobrigaçãõ , que tem o Vassalo de obedecer ao que determina o seu Monarcha ; e as circumstancias da utilidade , que vos podia resultar , presentando diante do Real Throno a resignaçãõ , com que estaveis promptos*
a eva-

à evacuar as Aldeas, que habitais; e que os mesmos Padres declararaõ, (aqui vai a falsidade) que o unico remedio era obrigarvos com as armas: cousa, que nunca disseraõ os Jesuitas; protestando sempre contra a guerra, e escrevendo naõ sò a o Marquez de Valde-Lirios, senaõ tambem à El-Rey, que se concedesse tempo necessario para se fazer commodamente a transmigração; o que nunca se permittio. Continuava a carta: chegando a vossa Rebeliaõ à pôr em prisãõ os vossos Curas, naõ consentindo, que elles saiaõ de casa, e da vossa companhia. ec. ec.

36. Eis aqui porque assim disse, que se algum Jesuita veio com os Indios athe o Rio Pardo, veio preso, e obrigado. Mas agora accrescento, que ainda que algum, ou alguns viessem livres, e spontaneamente, nenhum peccado fariaõ, antes compririaõ com a sua obrigação, naõ querendo, como bons Parrochos, desamparar as suas ovelhas, principalmente em circumstancias, em que muitos poderiaõ perder as vidas, sem terem, quem lhes administrasse subsidio algum espiritual, taõ necessario na morte. No que respeita pois ao que diz de se mostrarem os Indios sorprendidos da dopura, que encontraraõ no trato dos Portuguezes, e do que lhes intimavaõ os Jesuitas nas suas pregaçoens, fallarei agora contando sinceramente o que passou no Rio Pardo, e depois no Rio

Gran-

Grande, theatros de successos verdadeiramente tragicos, mas certos, e innegaveis.

37. Sabendo os Indios da Aldèa de São Luiz, que os Portuguezes se fortificavaõ em hum terreno, que pertencia aos mesmos Indios, vieraõ em numero de quatro centos à impèdillos, e lançallos fora do sitio, em que estavaõ, o qual chamandose *Fortaleza do Rio Pardo*, se chamou ao depois da *viçtoria*: devendo melhor chamar-se da *perfidia*. Logo que os Indios appareceraõ, sahiraõ a campo os Portuguezes, e deraõ principio à batalha; ma os Indios despediraõ sobre elles huã densa nuvem de frechas, eos obrigaraõ à retirar, e recolher à *Fortaleza*, da qual começou logo a artilharia à disparar: mas os Indios alegres com a victoria, apenas os Portuguezes deraõ as costas, voltaraõ para a sua Aldèa. Succedeu isto em Fevereiro; mas no Maio seguinte tornaraõ à inquietar aos Portuguezes, vindo naõ menos de quinhentos a desalojallos da quelle sitio, em que perseveravaõ fortificados. Naõ sahio desta segunda vez a campo a soldadesca, mas valendose da artilharia, com ella mataraõ a muitos Indios, e entres elles oque era Capitaõ. Desastre foi este, que os moveu à retirar-se, levando com si go alguns cavallos, que acharaõ passando. Advertindo porem, que a For-

Veridica narraçaõ doque succedeu no Rio Pardo, e no Rio Grande.

ta-

taleza levantàra bandeira branca , que fabricaõ fer final de paz , sincoenta , e tres Indios dos mais animosos , armados das suas freschas , e de duas peças de canna , se avizinhaõ ao muro . Convidados a entrar , e a fazer ajustes de paz , logo na porta lhes offereceraõ vinho em abundancia , que elles beberaõ com grande gofio , e em maior quantidade , do que podiaõ soffrer , por naõ ter ufo de fte licor . Perdidos por efa cauza os fentidos , deitaraõfe à dormir ; e fendo o fono profundiffimo , poderaõ os Portuguezes a feu falvo naõ sò atarlhes as mãos atraz das coftas , mas amarrallos coftas com coftas de dous em dous , e de tres em tres , e deixallos defte modo athe o dia fe guinte . Quando pela manhã tornaraõ em fi efes pobres maneatados , com jufia razãõ lançaõ em rofto aos Portuguezes a fua aleivofia ; efes porem com as efpadas nuas fobres elles por hum Interprete lhes fizeraõ muitas perguntas à cerca dos Jefuitas , ameaçando-os com a morte , fe naõ as confirmavaõ com o feu dito . Efte foi o primeiro interrogatorio , ou devaça primeira , que os Portuguezes tiraraõ dos Jefuitas da America ; na qual quero permittir , que confeffaffem os Indios , quanto diz na fua Nota o Author dellas . Mas que importa , ou que vigor tem depofição *extorta per vim , & metum* , da bocca da quelles mi-

miséraveis, que por não perderem as vidas às mãos da quellas verdugos, não só confessariaõ tudo, mas ainda muito mais do que lhes perguntavaõ, por falso, que fosse, e sem a mais leve sombra de verdade?

38. E se esta deposição feita no Rio Pardo com tanta illegalidade foi barbara, a que depois se fez no Rio Grande, ainda foi mais tyranna. Embarcarão-se para o Rio Grande estes sincoenta, e tres Indios; mas de todos elles só quatorze chegaraõ vivos; os trinta, e nove com inaudita crueldade (horresco referens) foraõ degolados no caminho pelos soldados, que os conduziaõ, levandolles semente as cabeças, para lá as mostrarem em final do triumpho, que tinhaõ conseguido da quelles rebeldes, em quem na realidade executaraõ os Portuguezes a barbaridade, que falsamente diz o nosso Poeta aconselhavaõ os Jesuitas a os Indios nas suas Prègaçoens, isto he, *degolar as cabeças aos Portuguezes, e apartar-lhas do corpo mais de hum palmo, para que não possam resuscitar*. Tanto fizeraõ agora os soldados Europeos; sem ouvirem as doutrinas dos Jesuitas Americanos; não o tendo ja mais executado os Indios, que as ouviaõ: não obstante dizerse nesta Nota, *que religiosamente observavaõ este conselho dos Padres seus Directores*. Tyrannia foi esta, que quando a foubz no Rio Grande o Senhor

E

Go-

Gomez Freyre justamente se encheu de horror: e ainda que reprehendeu o Official e os soldados, não os castigou: como devia, e podia.

39. Aos quatorze Indios, que chegãrão vivos, mas na verdade meãos mortos, pela crueldade, com que foraõ tratados, e pela sevicie, com que à sua vista foraõ degolados os trinta, e nove seos companhiros, mandou o Governador tratar bem por alguns dias. Esta seria a occasião, em que diz o Nosso Poeta, *que os Indios se mostraraõ sorprendidos da doçura, que encontravaõ no trato dos Portuguezes.* Não durou poremmuito tempo esta piedade, que com elles se usou. Apenas os viraõ restabelecidos hum pouco do trabalho, e susto, com que vieraõ, os levarãõ todos juntos, e presos, como sempre estavaõ, para huã casa, aonde hum mulato, que era o Interprete, intimou à todos, que escolhessem ou ratificar com novo juramento, quanto tinhaõ deposto contra os Jesuitas no Rio Pardo, no qual caso seriaõ postos em liberdade, e mandados com honra, e grandes premios para a sua Aldèa; enaõ querendo ratificar, perder as vidas à violencia do ferro, e fogo. Feita esta proposta, entrãrão immediatamente os Ministros de Justiça, ou, para dizer melhor, da Injustiça, e na presença dos mais começaraõ à examinar os primeiros. Hum destes foi taõ animoso, que pro-

protestou ser calúnia, quanto elle, e os seus companheiros tinham dito contra os Padres no Rio Pardo, e que estava prompto a soffrer antes mil mortes, que offender a Deos, e aos seus Ministros. Talvez se resolveu este Indio à retractarse do que dissera por medo, lembrandose da boa instrucção dos Jesuitas em materias da Religião, e reflectindo tambem, que as mentiras não tinham podido livrar da morte aos seus companheiros. A este pobre logo alli o encherao de mil opprobrios, e depois o arrebatarao com tal impeto, que nenhum dos outros duvidou o quizessem queimar vivo.

40. O companheiro à vista deste barbaro procedimento se aterrou de maneira, que não só ratificou quanto já tinha dito, mas quanto novamente lhes occorreu perguntar. Aeste soltarao logo as mãos, e declarado innocente foi tratado como Nobre: derao-lhe vestidos novos, e juntamente outros premios; tudo em presença dos mais, que chamados successivamente de dous em dous seguirão o exemplo do segundo, que viao solto, vestido, e premiado, enão o do primeiro, que o tinham já por morto; mas erradamente, porque todo aquelle desprezo, e violencia, com que foi tratado, não se dirigia a tirarlhe a vida, mas a atterrar aos outros. Chrisanto Noronha hum dos Caziques principaes, que assistio a toda esta

Tragedia, e escapou della vivo, escreveu logo huã carta circular a todas as trin-
 ra, e huã Aldêas, e nella conta com
 hum estylo sincero, e simples, mas pro-
 prio de quem diz a verdade, todas as
 perguntas, que se fizeraõ aos Indios, e
 como se lhes fizeraõ assim no *Rio Pardo*,
 como no *Rio Grande*, acrescentando, que
 por pejo, e modestia cala alguãs pertencen-
 tes a materias impudicas. Mas em
 todo este papel, ou carta do Indio,
 aonde se referem perguntas miudissimas,
 se não lê huã sò palavra, que possa di-
 zer respeito à doutrina, que se diz ensi-
 narem os Jesuitas nas suas Pregaçoens,
 de degolarem os mortos, e apartarlhes as ca-
 beças, para não resuscitarem ec. ec. Cou-
 fa, que por nova, e extravagante não
 pôdia esquecer, nem omitirse. Sinal evi-
 dente, de que esta calumnia não teve
 a sua origem no *Rio Pardo*, e no *Rio*
Grande, mas nas margens do *Rio Tejo*,
 não nas linguas dos Indios, mas na ca-
 beça, e penna de quem compoz a *Re-*
lação Abreviada, e também na do Au-
 thor dos cinco Cantos. Tudo o que aqui
 se refere consta de hum instrumento au-
 thentico, feito no anno de 1756. por
 hum Notario Apostolico mandado a de-
 vaçar pelas Aldêas do Uruguay: tiran-
 dose as devaças não em particular, mas
 em lugares publicos, perguntados os Ca-
 ziques desterrados debaixo de juramento,
 e ap-

e approvando-o o povo todo, como se pôde ver mais claramente na resposta a apologetica à Relação Abreviada, num. 54. pag. 103.

41. Na pagina 16. diz outra Nota, que a margem do Rio, por onde se retirarão as tropas Castelhanas, *estava rapada dos gados Jesuiticos*. Mas, Senhor Gama, donde trova Vossa Merce, que os gados eram dos Jesuitas? Atte aqui não consta, que estes Padres tivessem ali rebanhos de gado a pastar: o mais, que elles poderiam ter era huã, ou duas vacas, para lhes dar leite; se havia mais, eram certamente dos Indios, cujo numero chegando à sinco mil necessitavam tambem de hum grande numero de vacas para o seu sustento: e que maravilha he, que este gado pastando na quellas margens, as rivesse rapado? Por ventura tinhaõ obrigação os Indios de deixar morrer, à fome as suas vacas, para terem, que comer os cavalloos das tropas Castelhanas? Ora eu hem me persuado, que o nosso Escrivão com esta sua Nota não pertendia tanto: o que com ella quiz dar a entender, foi a riqueza, que os Jesuitas tinhaõ nas Aldeas. Mas se elle algum dia chegasse à estar nellas, exercitando ali o officio de Missionario, veria com os seos olhos, e experimentaria bem à sua custa, que tão longe estavaõ de ser ricos, e passar com abundancia,

que o mais a que chegavaõ, era a poder dizer *habentes alimenta, & quibus regamur, his contenti sumus*, (a). Temos com que nos alimentar, e vestir; bem que pobre, e miseravelmente; e tanto nos basta para viver contentes.

42. Nesta mesma Nota, e pagina 16. se diz, *que as tropas Castellhanas se retiravaõ por não estarem inteiradas da intenção do Rey; o que provinha da diversidade de cartas, que vinhaõ da Corte de Madrid por huã occulta Cabala. Os Jesuitas tudo revolvuaõ, e maquiavaõ, mais que nunca.*

Senhor Gama, diganos por quem he, em que consistiaõ estas revoluçoens, e maquinas dos Jesuitas? E eu o terei não só por grande Poeta, mas *erit mihi magnus Apollo*. (b) Consistiaõ a caso em representar aos Officiaes, e dar parte à Corte das injustiças, e barbaridades, que na quelle tempo se praticavaõ com os Indios? Ou tambem em aconselhar, que aquella transmigração se podia executar sem violencia, concedendo tempo, aos Indios para fazer a mudança, senaõ com gofsto, ao menos com alguã commodidade? Se nisto consistiaõ, diganos, não eraõ estas representaçoens, e con-

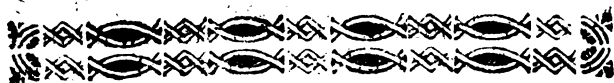
le-

(a) *Ad Timoth. 6. 8.*

(b) *Virg. Eclog. 3. v. 104.*

felhos não sò actos de caridade, senão também de justiça? E se consistiaõ em outra cousa, devia dizello; a não lançar palavras ao vento, para com ellas levantar poeira, que cegue os olhos aos leitores, eos faça crer, como certo, o que não chega à ser duvidoso, e avaliar per verdadeiro, o que he totalmente falso. Mas este he o costume de todos os maledicos, dizer o mal, e não provar o que dizem. Assim fez o nosso Poeta nas Notas, que pôz aos versos do seu primeiro Canto: vejamos agora se fez o mesmo nas seguintes.





C A N T O II.

1. **N**este segundo Canto levantando mais a voz o nosso Poeta, em vez de Tiple, mostra ser hum mão Falsete, recitando em hum tom tão dissonante, que faz tinir os ouvidos, o que agora direi, refutando a Nota da pag. 24., em que se lê: *todos os Padres aprendião a lingua dos Indios; e prohibião a estes, contra a intenção do Rey, uzar outra lingua, que não fosse a sua nacional. Desta sorte ficava/ impossibilitada a communicacão com os Portuguezes, e Castelhanos, e impenetravel o segredo, do que se passava naquelles sertões. Eoque mais he, que os Jesuitas se jactavaõ desta specie de tyrannia na face de toda a Europa.*

Me faze
ser falso,
que os Je-
suitas
prohibis-
sem aos
Indios
aprender
a lingua
dos Eu-
ropeos
para im-
possibili-
tar a com-
municacão,
cc. &c.

Eu creio, que o Author destas Notas assentou consigo, que fallando dos Jesuitas não havia de abrir a boca sem dizer alguma mentira. Falla verdade, quando diz, que os Jesuitas aprendião a lingua dos Indios, e pudera acrescentar, com muito trabalho, e difficuldade; por ser assim necessario para os instruir nos mysterios da Fè, ensinar os preceitos Divinos, e Ecclesiasticos, ouvir de confissão, prègar, e dirigir em tudo aquillo, a que não podia chegar a sua innata

Eu.

REPOSTA APOLOGETICA: 73

rudeza. Assim fazem todos os Missiona-
 rios, que vão, ou plantar, ou conservar
 a nossa santa Religião a hum paiz es-
 tranho, e barbaro: aprendem a lingua da
 terra, para poderem nelle exercitar os
 seus santos Ministerios. Atte aqui disse
 verdade; mas ajuntou logo a mentira,
 de que os Jesuitas prohibissem aos In-
 dios o uzo de outra lingua, que não fos-
 se a sua nacional. He esta hum a falsida-
 de manifesta, porque he suppor serem os
 Jesuitas tão insensatos, que para obter o
 sobredicto fim de impossibilitar aos In-
 dios a communicação com os Portugue-
 zes, e Castelhanos, e fazer impenetravel
 o segredo do que se passava na quellas
 fertoës, escolhessem hum meio inefficaz,
 e totalmente inutil para o conseguir. Os
 Indios da parte de Hespanha em tropas
 de 200, e às vezes de 300. sahiao das
 Aldêas a trabalhar nas obras Reaes, e fi-
 tios dos Europeos: os Europeos contra-
 tadores não só da erva, chamada *congom-
 ba*, que na quellas terras serve de Chá,
 e se faz com ella algum lucro, senão
 taõbem de outros generos, que o paiz
 produz, levados da sua conveniencia en-
 travaõ nas Aldêas dos Indios a fazer o
 seu negocio, chegando alguns a ter nel-
 las o seu domicilio: alem disto todos,
 ou quazi todos os annos erão aquellas
 Missões vizitadas por Ministros Regios,
 e às vezes pelos Bispos; e senão hiaõ
 com

com tanta frequencia , era por não ter o trabalho de fazer tão compridas , e difficultozas viagens ; e não porque os Missionarios os impedissem ; antes pelo contrario os convidavaõ para que fossem , come attesta o mesmo Rey de Hespanha em hum Decreto impresso , não sò em Madrid , mas tambem em Napoles , e Veneza , dizendo que os Padres se lhes tinhaõ offerecido , não sò para acompanhar os Bispos , mas tão bem para lhes pòr prompto , quanto lhes fosse necessario para a viagem . Lea-se a impressaõ de Napoles , na pagina 15 .

2. Da parte de Portugal se praticava o mesmo , fendo os Indios obrigados a hir trabalhar nas obras del Rey , e sahindo outros a servir nas obras de pessoas particulares , perseverando nellas hum grande parte do anno ; tempo em que communicavaõ necessariamente com os Europeos , e lhes podiaõ descobrir a troco de qualquer pequeno donativo , os segredos mais reconditos , se porventura os houvesse nas Aldèas . Entravaõ taõbem nestas , quando queriaõ os Governadores , ou os Ministros , que elles mandavaõ , como pode testificar o mesmor Senhor Mendonça , a quem não sò não impediaõ o ingresso , mas ajudaraõ com gente , com embarcações , e mantimento . Entravaõ os Bispos com toda a sua comitiva , e se detinhaõ nas Aldèas ,
ven-

vendo, e observando de vagar a boa instrucção dos Indios nas materias de Religião, e zeloso portamento dos Missiõnarios, sahindo dali edificados, como de si affirmou o Excell. Bulhoës, antes de seguir as partes de Carvalho, e de seu Ir. o Senhor Mendoça, escrevendo à Corte de Lisboa huã carta, em que dava conta a Sua Magestade *de ter ido vizitar as Aldêas, e Missõs pertencentes à sua Jurisdicção, e que principalmente naquellas, em que rezidiaõ os Jezuítas achara tudo em taõ bom estado, que julgava em sua consciencia, serem estes Religiozas os mais aptos para se lhes commettero cuidado, e direcção da quelles pobres Neofitos.* Comtemporanea a esta carta mandou elle outra ao Jesuita Bento da Fonseca Procurador em Lisboa dos seus socios do Maranhão, na qual taõbem lhe louvava o zelo grande, com que os filhos da Companhia instruião, e dirigiaõ os Indios nas Aldêas, em que estavaõ. Mas porque este Jesuita tinha conhecido o genio voluvel, e inconstante daquelle Prelado, teve a advertencia de remetter ao Reytor do Collegio do Maranhão a mesma carta, recomendandolhe muito, que a guardasse no Archivo; porque talvez viria tempo, em que fosse necessario produzila. Assim foi, porque mudado o governo de Portugal, se mudou tambem o animo daquelle Bispo, passando a ser taõ largo nos vituperios dos Jesuítas, como

fou-

pouco antes tinha sido nos seus louvores? Escrevo a qui esta noticia para que o Senhor Gama se console, vendo, que tem companheiros nas suas adulações; e que se hum Prelado da Santa Igreja, talvez pelo interesse de conseguir hum Bispoado mais pingue no continente de Portugal, de amigo se fez inimigo dos Jesuitas, não he muito, que elle fizesse o mesmo, sendo hum pobre, e miseravel secular, indigente de tudo, o que, lhe era necessario para comer, e vestir.

3. Voltando agora ao que hiamos refutando, confesso ser verdade, que nem a todos se permittia entrada franca, e muito menos estavel domicilio nas Aldeas; mas isto era por ordens expressas dos Reys, assim de Hespanha, como de Portugal, pellas quaes se prohibia o ingresso aos vagabundos, e mal viventes, por cauza das insolencias, que cometiaõ nas dictas Aldeas, ora inganando os Indios nos contractos, ora roubando-lhes as suas alfayas, ora os filhos, e tambem algumas vezes as mulheres. Se o Senhor Gama em lugar de ler a Relação Abreviada do seu Mecenaz, lesse o *Regimento das Missoes* da America, os Decretos de Philippe V. Rey Catholico de Hespanha sobre esta materia, que estaõ na Secretaria dos negocios do ultra mar; se lesse as carras de muitos Bispos, e Governadores da quelles dous Estados, im-

par-

parciaes, e desinteressados, a charia ser verdade, quanto acabo de proferir, e por conseguinte falso, quanto elle diz na sua Nota à cerca da prohibiçaõ, que tinhaõ os Indios de aprender outra lingua, que não fosse a sua nacional, para impossibilitar a communicacão com os Europeos, e conservar illexo o segredo do que se fazia nos sertões: porque entrando os Portuguezes, e Hespanhoes a contractar nas Aldèas dos Indios, e sahindo os Indios a trabalhar fora das Aldèas nas obras de Hespanhoes, e Portuguezes, era frustranea a que lla prohibiçaõ, e conseguintemente he falso, e falsissimo, que os Jesuitas para obter a quelle fim uzassem de hum tal meio. Pois ja o dizer, que se jactavaõ desta specie de tyrannia na face de toda a Europa, he outra negra calumnia; e confirmada com os versos truncados do Vauvrièr he hum crassa ignorantia. Estas palavvras...

Nescia gens nostri vivit...

... ad interiora venire

Regna vetent homines cupidos audita videndi.

querem dizer em Portuguez: *A gente não nos conhece, prohibase vir a o interior destes paizes gente curioza de ver, o que ouvio.* Isto he, como asima disse, homens vagabundos, errantes, e que não vivem de outra couza mais, do que girar pel-

lo mundo, pretextando curiozidade, e commettendo na realidade mil insolencias. E aonde vai aqui a jactancia? Senhor Gama, grande Poeta a meu ver, V. M. saberà compor versos Portuguezes, mas não sabe construir, nem entender os Latinos.

Instruções
dos Jesui-
tas Hes-
panhoes
fingidas
por Carvã-
lho, e ap-
plicadas
aos Por-
tuguezes
incoheren-
temente
pelo Au-
thor do
Poema.

4. Desta passemos a outra Nota, que poem na mesma pag. 24., e são humas palavras attribuidas aos Jesuitas, como dadas aos Indios em certas Instruções, que aponta, e se achão no fim da *Relação Abreviada*: as palavras são estas: *Por estes Portuguezes se nos trazem á casa os prezentes prejuizos: lembravos, que nos tempos passadas matao os vossos defunctos Avos. Matao mais milhares delles por todas as partes, sem rezevar as innocentes creaturas.*

Senhor Gama, aqui não concorda o texto com a glosa. O Indio, que no Poema se introduz fallando, queixase das mortandades comettidas pelos Hespanhoes nos seus Avos, e a Nota as attribue aos Portuguezes. Que disparate! Imputar a mesma couza no verso a huns, e na prosa a outros. Coherencia, Senhor Gama; mas para a guardar neste passo havia de advertir, que as Instruções, que leu na *Relação Abreviada*, dadas pelos Jesuitas Hespanhoes, foraõ inventadas pelo Senhor Carvalho; e senão digame, como podiaõ aquelles PP. animar aos Indios contra os Portuguezes, lem-

lembrandolhes, que elles tinham morto
seos Avós, sem perdoarem ainda aos in-
nocentes, sabendo os Indios muito bem,
que os Portuguezes nunca tinham hido
às suas terras, senão agora, e os mata-
dores tinham sido os Hespanhoes? Alem de
que para os Indios estarem irritados as-
sim contra os Hespanhoes, como contra
os Portuguezes, não eraõ necessarias in-
struções alheas, nem trazerlhes à memo-
ria os tempos passados: bastavalhes, e
sobejavallhes a experiencia propria da
grande barbaridade, que com elles se u-
zava no tempo presente: obrigando-os a
sahir das suas terras, com perda dos seos
bens, e taõbem da vida de muitos ve-
lhos, e innocentes, não lhes querendo
dar tempo para irem primeiro escolher
os sitios, fazer as choupanas, e preparar
os campos, que haviaõ de cultivar, e de
cujos fructos se haviaõ de sustentar. I-
gnoravaõ elles por ventura a tyrannia,
que os Portuguezes exercitaraõ degollan-
do 39. na viagem do Rio Pardo para o Rio
Grande? ou taõbem a carneficina, que
hum Capitão, amigo muito familiar do
Senhor Governador Mendonça, fez nas
partes do Rio Negro, investindo a 1200.
Indios, que encontrou nos matos, os
quaes não lhe embaraçavaõ o passo, nem
faziaõ alguma resistencia, mas sò porque
os vio juntos, e armados de suas fre-
chas, foi sobre elles, matando a mui-
tos,

tos, e mettendo aos ontros em tão precipitada fugida, que querendo salvar as vidas a nado se affogárao todos no mesmo Rio? Deixo outras não menores crueldades, de que os Indios tinhaõ noticia, e visto com os seus olhos, pelas quaes podiaõ justamente estar irritados contra os Portugezes, sem que fossem necessarias para isto as fingidas *Instruções* dos Jesuitas Hespanhoes.

Continua-se a mostrar a falsidade das Instruções allegadas na Nota.

§. Na pag. 25. introduzindo no verso a fallar hum Indio chamado *Cacambo* em nome dos mais, que vinhaõ com elle abúscar o General Portuguez, commenta as palavras: *buscarte venho*, com esta Nota: *tinhaõ positiva ordem dos PP. para o não fazer*. Senhor Gama, que os Poetas finjaõ, ou mintaõ, passe; porque tem licenza para o fazer: *Pictoribus atque Poetis*:

Quidlibet audendi semper fuit æqua potestas. (a)

mas os Historicos devem sempre fallar verdade: de outra sorte, quem havia de dar credito a tanta multidaõ de factos, de que estaõ cheios os livros, e estimar os volumes de tantos Historiadores, de que estaõ repletas as livrarias. Fallemos claro, que a vinda do Indio *Cacambo*, e a sua allocuçaõ ao General Portuguez.

Se-

(a) Horat. ad Pison. seu de Art. Poet. v. 9.

seja huma couza fingida , todos o crem ;
 assim porque està em verso , no qual se
 admittem estes , e semelhantes entuzias-
 mos dos Poetas , como tão bem porque
 não he crível , que os Indios estan-
 do tão aggravados dos Portuguezes ,
 livre , e espontaneamente viessem à sua
 prezença ; mas que viessem tendo *prohibi-
 ção dos PP. para virem* , como diz na sua
 Nota , he huma solemne mentira , ma-
 nifesta por dous principios : primeiro ,
 porque não eraõ os Indios tão tolos ,
 que viessem por sua vontade a mettese
 na boca dos Lobos , quaes julgavaõ os
 Portuguezes : segundo , porque supposta
 a tão decantada cega obediencia , que
 os Indios tinhaõ aos Jezuitas , não ha-
 viaõ de dar hum passo contra as suas
 ordens , nem contravir à sua prohibiçaõ .

6. Na mesma pag. 25. diz , que os
 Indios caracterizavaõ os Europeos com
 estas palavras *os que nos aborrecem* . Eu não
 fei , se isto he verdade : mas , se o he ,
 fei de certo , que com razão o podiaõ
 dizer ; porque qualquer homem , que for
 imparzial , attendendo às injurias , que
 os Europeos lhes diziaõ , e à tyrannia
 com que os tratavaõ em toda a parte ,
 julgarà , que por aquelles termos se ex-
 plicavaõ bem , e que por nenhuns outros
 definiriaõ melhor . Era vulgar entre
 os Portuguezes este proverbio : *O Indio tudo
 faz , e nada se lhe agradece* per isso servin-

F

do-

dose delles nos ministerios mais trabalhosos, era de ordinario o pagamento pouco, e às vezes muitas as pancadas: Não somente os Europeos mais vîz, os criminozos, os desterrados, e marcados, mas inda os mesmos negros escravos os desprezavaõ, e tratavaõ como brutos. E não tinhaõ razaõ os Indios para assim caracterizarem os Europeos?

7. Continua na mesma Nota o Senhor Gama a expor odiocto dos Indios. *Quando nos pertendaõ fallar (os Europeos) havemos de escuzar a sua conversação, fogindo muito da dos Hespanhoes, e muito mais dos Portu-guezes se acaso nos quizerem fallar, haõ de ser sinco Hespanhoes, e nada mais: e naõ sejaõ Portu-guezes; porque se viessem alguns dos Portu-guezes, naõ lhes hà de ir bem. O Padre, que he o dos Indios, esabe a sua lingua, hade ser o que sirva de Interprete, e entaõ se farà tudo como Deos manda; e senaõ, iraõ as couzas por onde o Diabo quizer.*

Assim o diz o Senhor Gama trasla-dando fielmente as Intruçõs, que achou na Relação Abreviada, fingidas por Car-valho, para com ellas infamar os Jesui-tas. Mas que homem ha de juizo, que dos mesmos termos, com que ellas aqui estaõ descriptas, naõ conheça que naõ sãõ, nem podem ser conselhos, que dessem aos Indios os Missionarios seos Directo-res, mas sentimentos proprios dos mes-mos Indios, ou dos seos Caziques, fun-da-

dados na longa experiencia da crueldade, e aleivozia, com que os matavaõ os Hespanhões, e peor ainda os Portuguezes, como testifica o Senhor Zeballos, na carta, que asima copiei.

Se o Senhor Gama não chegou a conhecer esta verdade, pouco discernimento tem: pouco juizo mostra. Aqui porẽm de passagem quizera fazerlhe huma pergunta, e he, se os Indios, como diz na sua Nota, queriaõ que o P. (que era o seu Parrocho) servisse de Interprete, quando fallassem com os Europeos, como pode fallar com os dictos Indios no Rio de Janeiro, e saber delles as noticias, que depois espalhou em Roma? Em taõ pouco tempo aprenderaõ elles a lingua Portugueza, que ja lhes não foi necessario Interprete para se poderem explicar, e fazerem-se entender? Ah, como he certo o axioma, que diz: *Mendacem oportet esse memorem*. Na mesma pag. 25. às palavras do Poema *Tanto espero de ti*, que suppoem ditas pelo Indio, ajunta esta Nota: *não queremos ir, aonde vòs estais; porque não temos confiança de vos outros, citando a Relação Abreviada*, das quaes tirou o grande crime deste dicto; mas não se percebendo em que elle consiste; nem o que quer dizer, será necessario commentar o mesmo commento, e por outra Nota, que melhor explique esta, para se lhe dar resposta. Entretanto ve-

amos ; se falla mais claro na pag. 27:

8. Aqui diz que os PP. fazião crer aos Indios, que os Portuguezes eraõ gente sem Ley, que adoravaõ o ouro. Senhor Gama, tambem para os Indios julgarem isto não era necessaria fê, bastava ter olhos: não eraõ necessarias as persuasões dos Jesuitas, bastavalhes, e sobejavalhes a experiencia propria. E senão digame : os Indios não estavaõ vendo , e observando em todos os encontros, que tinhaõ com os Portuguezes, que a maiõr parte delles viviaõ na quellas partes esquecidos de Deos, e da obrigação , que tinhaõ de guardar os seus Divinos preceitos ; applicados unicamente aos seus lucros, e interesses ; procurando ajuntar riquezas por todos os modos , e maneiras ; sem attender as mais das vezes a que eraõ illicitos, e injustos os meios, de que para isso uzavaõ, como v. g. enganar os Indios nos contractos , não lhes pagar nada, ou muito pouco pelos serviços, que lhes faziaõ, roubarlhes as suas pobres alfayas, e assim outras insolencias, que por modestia omitto ? Todas estas couzas eraõ diametralmente oppostas às Instruções verdadeiras, e não fingidas, que os Jesuitas seus Directores lhes davão nas Aldêas ; nas doutrinas, e praticas, que lhes faziaõ ; e sendo assim, sem què os Missionarios lho dissessem, podiaõ elles julgar, que os Portuguezes
eraõ

eraõ homens *sem ley*, e que adoravaõ o ouro. Ah! provèra a Deos, que os Indios Americanos não tivessem tanta razaõ, e fundamento para assim o julgar! Mas vamos adiante: Em toda aparte reyna a cobiça do dinheiro: em todas as Nações obriga a commetter grandes maldades a fome do ouro: e, para não irmos mais longe, diganos, Senhor Gama, qual foi a causa impulsiva, que o moveu a escrever em verso, e em prosa este libello infamatorio? A estampar tantas calumnias, com que se dezacreditou a si, querendo dezacreditar aquella mesma Religiaõ, que por caridade o recebeu no seu gremio, e nelle o sustentou por tres annos, e que ainda depois de a deixar, faltando ao voto que fez a Deos de perseverar nella athe à morte, o quiz tornar a admittir, à vista do seu arrependimento? Qual foi, torno a dizer, a causa, que o moveu a fahir nestes excessos tão mãos, e escandalozos, contrarios a ley de Deos, e taõbem à fè, que devia aos homens? Não foi a cobiça do dinheiro, a fome do ouro, e a esperança do premio, que lhe havia de dar o Senhor Carvalho por infamar nesta sua obra aos Jesuitas? He certo, que sim: Pois assim como, attendendo sò a estes factos, sem alguã outra suggestaõ alhea, se pode affirmar de V.M. que he homem *sem ley*, e que o ouro he sò o Deos, que

adora: assim tambem os Indios da America, sem que os Jesuitas os persuadissem, à vista do mal, que obravaõ os Portuguezes, podiaõ crer, que era gente sem ley, e que adorava o ouro.

9. Passemos a pag. 27. aonde este Escriptor appareceu a penna, para lançar em hua Nota estes renglones: *As suas riquezas eraõ immensas (falla dos Jesuitas que são o multum do seu thema) as suas cazas, eos seus templos eraõ magnificos fóra de quanto se pode imaginar na Europa; mesmo no Rio de Janeiro (melhor differa, no mesmo Rio de Janeiro) tinhaõ os P. P. entre outras immensas terras, a fazenda de Santa Cruz taõ grande, que nenhuma da quellas opulentissimas famílias se achou athè hoje con fundo para comprala. Tinhaõ nesta sò mais de mil escravos: ogado era sem numero. Com tudo isto, he couza certa, que se lhes naõ achou dinheiro de consideração no seu sequestro... Poucos dias depois da partirem da quelle Posto, se apresentou ao Conde de Bobadela hum Leigo pedreiro, dizendo, que vinha descobrir o lugar, aonde por ordem dos P.P. tinha escondido o dinheiro. Com effeito já se naõ achou mais, que o lugar nos alicerces da Igreja Nova. Elles affirmam que virao, que despio a Roupetta, fizeram-lhe huma ligeireza das suas.*

Varias ex-
agerações
do Poeta
congeni-
das de fal-
sas,

Vamos de vagar, que senaõ pode responder a tanta couza junta. *As suas riquezas eraõ immensas. Que exageração! Não são immensas as riquezas de quantos*

tos Monarcas hà no mundo, nem todas as que estão nas entranhas da terra, e no fundo do mar: e eraõ immensas as dos Jesuitas? Que exaggeração! Que hyperbole! Mas estes eraõ os termos taõbem do Senhor Carvalho sempre que fallava destes Religiosos. Lease do principio athe o fim a *Relação Abreviada*, a *Carta Regia*, e as *Instructivas*, que mandou a Roma ao Ministro Plenipotenciario o Senhor Almada, seu Parente, a sentença dos Reos do fingido attentado contra o Senhor Rey D. Josè I. na qual a torto, e a direito, sem provas, sem exame, sem processo, e sem alguma legalidade declarou taõbem complices aos Jesuitas. Lease o Decreto do exterminio, e desnaturalização destes Religiosos. Leaõ-se . . . , mas paraque me canço, se são innumeraveis os escriptos, que estampou este furioso homem, e publicou contra a Companhia; mas em todos elles os termos, com que falla, são taõ exaggerativos, e hyperbolicos, que basta ouvi-los para os julgar indignos de fè, e sò merecedores de desprezo. Este estillo do seu Mecenas quiz imitar aqui o nosso Poeta, chamando *immensas as riquezas dos Jesuitas*, quando se sabe, que apenas podiaõ suprir as grandes despesas, que faziaõ nos transportes, e matalotagens dos fogueitos, que da Europa hiaõ para a America, ou na America se mudavaõ de humas

partes para outras affaz distantes; e remotas.

Alem de que, dado; e não concedido, que esta Religião excedesse às mais rendas, e bens, que possuia, nem por isso este excesso lhe era superfluo, antes indispensavelmente necessario para accudir no tempo da saude, e da enfermidade aos seus Religiosos, com o que lhes fosse necessario; principalmente não acceitando ella dotes, nem estipendio pellas Missas, sermoões, ou algum outro dos seus ministerios, como praticaõ outras sagradas Religioes. Tudo isto não ignorava o Senhor Gama, nem disto se podia esquecer, tendo experimentado pouco tempo antes a caridade, que com elle uzou a Companhia, recebendo-o sem dote, e sacrificandose às despesas de o manter, e sustentar por toda a vida, se nella perseverasse. Mas por isso mesmo sòbe de ponto a malicia, com que chama *immensas as riquezas dos Jesuitas*, sabendo, que apenas chegavaõ para os gastos necessarios, que com elles se faziaõ.

10. Quero por outro principio refutar esta calumnia, tão antiga, como he a mesma Companhia. Se eraõ *imensas as riquezas* dos Jesuitas na America, aonde estaõ hoje, aonde se conservaõ? Elles não as trouxeram consigo para a Europa, porque depois de vistos, e revistos com a maior

exa-

exação todos os seus cubiculos, a baúz ; esquadriñados todos os lugares sotterraneos, e ainda os rectos das Igrejas, despojando-os de tudo, menos de algumas poucas, e pobres alfayas do seu-uzo, os obrigaraõ a sahir dos collegios, e metter nas embarcações. Vieraõ por ventura para Hespanha, ou para Portugal *estas riquezas immensas*? Mas se viê-raõ, como depois de virem se achou Hespanha tão falta de dinheiro, que em lugar deste começou a uzar de cedulas? E como Portugal, requerendolhe os Ex Jesuitas seus subditos, que se lhes augmente a tenuissima penção, que tem, lhes responde, que não abrangem a mais as rendas, que possuiaõ? Aqui he necessario confessar, que ou as riquezas não eraõ immensas, ou, se o eraõ, por arte do Demonio se fumiraõ, e desap-pareceraõ.

II. Prosigamos a ouvir esta Nota, tão cheia de encarecimentos: *As suas cazas; e os seus Templos magnificos, fôra de quanto se pode imaginar na Europa. Forte gorgolaçada!* Eu sempre cuidei, que sò das couzas do Ceo se podia dizer com verdade, que eraõ superiores a quanto se podia imaginar na terra, conforme o testemundo de S. Paulo: (a) *Nec oculus vidit, nec auris*

an-

(a) *Ad Cor. 1, 2, v. 9.*

audivit, neque in cor hominis ascendit, que preparavit Deus diligentibus se. Mas que esta prerrogativa tão singular pertença também às cazas, e Templos dos Jesuitas Americanos, he para mim, e para todos couza nova. Senhor Gama, diganos por caridade, em que consistia a magnificencia das cazas dos Jesuitas da America, supposto serem taes, *que excedem, e passam muito alem de quanto se pode imaginar na Europa?* Eraõ a cazo formadas com alguma mais particular *arquitectura*? Eraõ porventura fabricadas de fino *marmore*? Tinhaõ as portas de pão Ebano, e as fechaduras de bronze dourado?

Constavaõ de grandes salas, humas em que se representavaõ comedias, e outras em que se exhibissem danças? Tinhaõ os porticos de columnas de extremada grandeza, ou jardins de flores deliciozas? Se tudo isto tivessem, isto, e ainda muito mais, se podia imaginar na Europa, supposta a riqueza, que alguns fingem haver na America; mas o cazo he, que denada disto constavaõ as cazas, e collegios dos Jezuitas na quellas partes. Eraõ elles feitos de pedra, e cal, e esfa muito mã: eraõ divididos em cubiculos proporcionados ao numero dos Religiozos, que nelles haviaõ de habitar. Se algum tinha dois andares, era porque hum sò não bastava para accomodar a todos, e não porque lhes fossem superfluos.

ffluos. Tinhaõ huma livraria , hum re-
 feitorio , huã dispensa , huma cozinha ,
 tudo necessario para a comodidade , na-
 da pompozo para ostentaçaõ; e para di-
 zer tudo em pouco, eraõ os seos colle-
 gios, e cazas, como eraõ as cazas, eos
 conventos dos mais Religiozos , e em
 algumas partes mais inferiores , que os
 delles. Ora sendo isto verdade, como he,
 aonde està aqui a grandeza ? Aonde a
 magnificencia , que exceda, e passe alem
 de quanto *se pode imaginar na Europa* ? Sen-
 hor Gama , *echelas mas blandas*, se quer
 que o acreditem, nem presuma enganar
 o publico com estas suas exageraçoes.

12. Dos Collegios passemos aos Tem-
 plos, dos quaes taõbem diz , que eraõ
magnificos. Oxalà que assim fossem ; por-
 que sò assim corresponderiaõ de alguma
 forte à suprema, e infinita Magestade ,
 que nelles assiste; mas com grande pe-
 na, e pezar dos Jezuitas não passavaõ
 de decentes, e de estarem compostos com
 todo aquelle ornato, a que podiaõ che-
 gar as suas posses. Disse com grande
 pena, e pezar dos Jesuitas : porque de-
 zejariaõ estes PP. que todas as suas Igre-
 jas igualassem na magnificencia o Tem-
 plo de Salamaõ, paraque da grandeza da
 caza se conhecesse a de Deos , que he
 o seu habitador. E que sendo neste pon-
 to talvez mais louvaveis, que outros Re-
 ligios, os Jezuitas , os queira vituperar
 o Sen-

o Senhor Gama, ou he excessão de maldignidade, ou muita falta de fé.

13. Dos Templos passa às fazendas, dizendo, que no Rio de Janeiro tinhaõ os Jezuitas entre outras *immensas terras* (a qui torna a aplicar às terras a hyperbole de *immensas*, com que exaggera as riquezas). *Tinhaõ*, diz, *a fazenda de Sancta Cruz taõ grande, que nenhuma da quellas opulentissimas familias se achou athe hoje com fundo para comprala*. Muito pobres faz aqui o Author das Notas os Negociantes do Rio de Janeiro, pois nenhum delles se achou com cabedal para comprar huma fazenda, que certo Bemfeitor, que não era dos mais ricos, do-ou à Companhia, rezervando para si a maior, e melhor parte, e dando a menor, e que menos valia aos Jezuitas. Desta divizaõ manifestamente se ve, que não podia ser taõ grande, que nenhuma da quellas *opulentissimas familias se atrevesse a comprala*. Se quando ella se poz na praça ninguem a quiz arrematar, não foi, porque não pudessem: foi porque sendo bens eccleziasticos, confiscados a Religiosos innocentes, e sem licenza do Papa, temeraõ, que, passado algum tempo, lhes fosse tirada, e ficassem perdendo a fazenda, e o seu dinheiro, que tivessem dado por ella. Exaqui porque senão vendeu; por parecer injusta a venda, e perigoza a compra: e para
lhes

Ihes não succeder o mesmo, que no Maranhão, e Parà succedeu aos que tinham comprado em praça publica os Indios à fazenda Real, que publicando o Senhor Mendonça a Leydas Alforrias ficárao os donos perdendo os Indios, e o dinheiro, que tinham dado por elles, o qual por mais supplicas, e instancias, que se fizerao, nunca selhes restituiu: vamos adiante.

Tinhaõ, continua o Author das Notas; *sò nesta fazenda mais de mil escravos; o gado era sem numero. Menos Lobos, compadre, dizia hum a certo mentirozo, que encarecia a multidaõ da quelles animaes. Assim digo eu agora ao Senhor Gama; porque nem os escravos eraõ mais de mil, nem era o gado sem numero. Mas ainda que assim fosse, cauzaria admiração na Europa a quem fosse ignorante do que passa na America. No Brazil aonde todos os escravos são negros, e não Indios, elles são os que unicamente servem nos trabalhos de maior peso, e fadiga, desprezandose ali os homens brancos de exercitar qualquer officio baixo, e laborioso. Da qui vem, que quem quer cavar ouro, fazer assucar, e abrir roças, cultivar terras, e edificar cazas, deve comprar negros, sustentallos, e applicallos aos serviços, de que necessita. Ora estes negros cazando, e tendo filhos, dentro de muitos annos*
ne-

necessariamente multiplicação de forté ; que podem formar huma numeroza povoação ; porque ainda que muitos morrao , sempre saõ mais , os que nascem .

14. Isto , que praticaõ no Brazil todas as pessoas , que possuem terras , ou sejaõ Religiosos , ou seculares , fizeraõ taõbem os Jezuitas logo que ali entraraõ , para terem quem os servisse em caza , e fora de caza , nos Collegios , e nas fazendas : donde se seguio em primeiro lugar , que os escravos , que prezentemente tinhaõ , ou fossem poucos , ou fossem muitos , ou passassem de mil , ou naõ passassem , nem todos eraõ comprados , para o que seria necessario huma grande somma de dinheiro ; eraõ nascidos , e descendentes dos primeiros , que multiplicando cada anno , como asima dissemos , vieraõ a fazer taõ grande numero , que julgou o Senhor Gama , que sò na fazenda de Sancta Cruz passavaõ de mil , os que tinhaõ os Jesuitas , naõ sendo certamente tantos , antes muito menos . Por esta razao naõ sò a Companhia , sennaõ taõbem as mais Religioes , e pessoas seculares , que tinhaõ alguma couza de seu , abundavaõ de escravos ; sem que a sua multidao causasse maravilha , por ser couza commua , e ordinaria no Brazil . Em segundo lugar seguia-se , que a porporcao do numero dos escravos cresciaõ as despesas , que com elles faziaõ em os sustentem-

stentar, e vestir; de sorte, que huma grande parte do trabalho, em que se occupavaõ, cedia em utilidade sua propria, e não dos Jesuitas; porque da cultura dos terrenos sahia o sustento, não só pera os que nelles trabalhavaõ, senão também para os enfermos, para os invalidos, para as mulheres, e filhos de menor idade. Ve, Senhor Gama, como da multidaõ dos escravos senão argue, nem prova a *immensidade das riquezas*? Vê como podem estas ser poucas, sendo os escravos muitos?

15. Pois o mesmo digo da multidaõ do gado. Este vale tão pouco no Brazil, que o maior, e melhor boy não custa mais de 6400. donde vem, que sendo os couros da quellas animaes huma grande porção dos bens da quella terra, he necessario ter muitos para receber delles algum lucro consideravel. Acrescentase, que sendo a carne o sustento ordinario dos Religiozos, e escravos ao jantar, e à noute, era necessario cada dia matar cinco, e seis boys, alem de outros muitos para provimento da carne seca, sustento ordinario na quellas partes da escravatura, quando trabalhaõ, ou andaõ em viagens; e por isto toda aquella multidaõ de gado, que o Senhor Gama chama innumeravel, appenas era sufficiente assim para o consumo, que d'elle se fazia com os Religiosos nos Collegios, com para o su-

sustento dos escravos nas fazendas. Eis aqui como taõbem da grande quantidade de bois, e vacas, que tinhaõ os Jesuitas, senão infere, nem prova, serem as *suas riquezas immensas*. Assim cuidava o Senhor Carvalho, Mecenas deste Poeta, chegando a dizer, que das riquezas dos Jesuitas Portuguezes se poderiaõ fazer de prata todas as ruas, e calçadas de Lisboa: mas enganouse; porque, feito o sequestro, em lugar de dinheio, achou dividas. Aqui talvez dirá o Senhor Gamma, que o teriaõ escondido, como fizeram os do Rio de Janeiro, mandando-o occultar por hum leigo nos alicerces da sua Igreja nova, mas com tal infelicidade do dito leigo, que deixando a Religião; e indo dar conta ao Senhor Conde de Bobadela do depozito, *elle senão achou: por huma das suas costumadas ligeirezas, que aqui fixeraõ os Jesuitas, hindo tirar o dinheiro, logo que viraõ o leigo sem habito Religioso*. Tanto diz nesta sua Nota.

Ora eu não quero negar este facto, (ainda que o podia negar;) não sabendo de certo, se he falso, ou verdadeiro: disse ainda que podia, porque elle me parece semelhante a muitos da quellescazos, que fingiraõ os emulos, e inimigos destes PP. para os metterem em ridiculo; não podendo soffrer, que todos, grandes, e pequenos, nobres, e plebeos, Principes, e vassallos, os aplaudissem, e esti-

estimassem, como elles na verdade me-
 reciaõ. Além disto eu não posso per-
 suadir-me, que os Jesuitas fossem tão pou-
 co advertidos, e acautelados, que fias-
 sem a quelle segredo de hum leigo, do
 qual não estivessem seguros, que havia
 de conservar a Roupeta, e perseverar na
 Religião. Taõbem não posso crer, que
 o leigo fosse tao bardo, que podendo
 occultamente, e a mão salva, aprove-
 tar-se de todo o depozito, fosse dar con-
 ta d'elle, expondo-se a não ter outro pre-
 mio, ou recompensa, que huma seca
 reposta, de ter feito o que devia. Mas
 deixando tudo isto, e dando de barato
 a verdade do cazo, pergunto ao Senhor
 Gama, se elle foubesse, que lhe haviaõ
 de ir a caza sequestrar todos os seus bens
 por hum crime falso, e para o qual de
 nenhuma sorte tivesse concorrido, não
 faria diligencia por occultar à Justiça tu-
 do aquillo, que pudesse, assim de alfayas,
 como de dinheiro, se por ventura o ti-
 vesse? He certo que sim. Pois o que el-
 le havia de fazer sem escrupulo, fizeraõ
 os Jesuitas em boa consciencia. Se hum
 homem ainda sendo culpado *non tenetur*
se tradere, à fortiori estando innocente
non tenetur tradere sua. Senhor Gama, en-
 tende este latim? Pois se o entende, não
 vitupere os Jesuitas de fazerem, o que
 todos fariaõ em semelhantes cazos, e
 circumstancias. Se acaso occultáraõ o

G

din-

dinheiro ; era seu, e não alheio : e se despois o tiraraõ donde o tinhaõ escondido, não foi *legeireza*, foi cautela ; foi advertencia ; foi prudente resolução.

17. Vamos a outra Nota. Na pag. 28. diz assim: *Os Indios, e os Hespanhoes fazem do Matè o uzo, que os Chinezes fazem do seu Thè. Este importantissimo commercio era todo dos Jesuitas do Paraguay. Cultivavaõ as arvores, que davaõ a tal folha, fabricavaõ na, e faziaõ girar em furroes de pelle por toda a America Hespanhola. So este negocio rendia em cada hum anno muitos milhoes: tudo suor dos miseraveis Indios. Não ha mentira mais clara, e manifesta. Eu para desculpar este Escrivaõ das Notas quero suppor, que sonhava, quando isto escreveu, porque estando acordado, e em seu juizo perfeito (se a cazo o teve algum dia) não podia asseverallo, como certo; parte porque nunca foi ao Paraguay, nem às suas vizinhanças, nem jam mais fallou com os Jesuitas Hespanhoes, dos quaes pudesse saber em confidencia, quanto o Matè lhes rendia cada anno: parte porque, ainda que là fosse, e se demorasse por alguns annos, não teria fundamento para affirmar oque diz, como agora mostrarêi.*

Mostra-se. Na quelles vastos paizes, aonde heli-
falsidade cito a cada hum occupar o terreno, que
o impor- quer, e dispor delle, como lhe parece ;
antissimo todos os que fazem uzo desta erva a
egocio, ne fizet. pla-

plantaõ, a cultivaõ, e preparaõ; não sò para se servir da que lhe for necessaria, senaõ taõbem para vender a superflua aos que não querem, ou não podem ter o trabalho de a hir, ou mandar colher aos matos, ou plantar nas suas hortas. Da qui vem, que os Hespanhoes e Indios a cultivaõ com toda a liberdade, e a vendem sem alguma prohibiçaõ, não por preço excessivo, mas muito limitado, assim por não ser este genero necessario para a vida, e sem o qual se pode passar; como taõbem porque nascendo, e produzindose em muitos lugares, quanto he maior a abundancia, tanto menor he o seu valor. Acrecento, que não sahindo esta folha da America para Europa, nem podendo na mesma America girar muito pella difficiltozissima communicacão de humas partes com outras, attendidas não sò as distancias, mas os dezertos, que as dividem, não pode ser o commercio grande, e o lucro muito.

sem os
Jesuítas
do Parag-
uay com
a erva
chamada
Maté.

18. Supposta esta verdade manifesta, e notoria a todas as pessoas, que vivem na quellas terras, ou que por ellas passaraõ, duas consequencias se deduzem, ambas innegaveis, mas ambas oppostas ao que diz aqui o Senhor Gama. A primeira consequencia he, não ser este importantissimo commercio todo dos Jesuítas. Se no Paraguay he livre a qualquer o

cultivar, e vender o Matè, como pôde ser *privativo dos Jesuitas todo este importantissimo commercio*? Agora digo, que nem todo, nem parte era; porque quanto vendião, e cultivavaõ os Indios, que estavaõ nas Aldèas, cedia em utilidade sua, e não dos Missionarios; os quaes tão longe estavaõ de se aproveitar de alguma couza, que antes quando eraõ mandados de huma parte para outra, o que era frequente, sahiaõ como entravaõ, isto he, com aquelle pouco, e insignificante, que era do seu proprio uzo; sem levarem com siigo nem ainda a minima couza da Missão, da qual não desfructavaõ mais, que o miseravel sustento, e às vezes nem o pobre vestiario: sendo necessario, que para este contribuissem os Collegios. Disse asima, que cedia em utilidade dos Indios, porque orendimento pouco, ou muito, que se tirava das Aldèas, todo se convertia, e empregava em bem dos mesmos Indios, e das suas Povoações, nos seus Templos, nas Boticas, e nas suas provizoões publicas, e particulares. Nisto, e não em beneficio particular dos Missionarios, he que se convertia o suor dos Indios, a quem chama *miseraveis* o Senhor Gama: mas se o eraõ, eraõ-no por natureza, e condição da Patria, e não pelo mão, e tyranico governo, e tratamento, que com elles uzassem os Jesuitas. Lease o Mu-

Muratori no seu Christianismo feliz. Leaõ se as cartas de tantos Bispos, e Governadores zelozos, e imparciaes: Leaõse tantos Decretos dos SSr. Reys de Hespanha, e ali se achará louvado o desinteresse, e taõbem a charidade, com a qual os filhos da Companhia de Jesus dirigiaõ na quellas Regioens os Indios Americanos.

19. Não posso eu aqui allegar todos os documentos, e testemunhos irrefragaveis, e certos, que provaõ a verdade, com que fallo, por não fazer mais extensa, e fastidiosa esta escriptura. Contentome com produzir hum sò, que vale por todos, e que por mais larga que tenha a boca, e comprida a lingua o Senhor Gama, o fará emmudecer. He este hum Decreto do Senhor Rey Philippe V., que não reinou nos seculos passados, mas nos nossos dias; o qual justfificando os Jesuitas de America, delatados falsamente das mesmas calumnias; com as quaes novamente os pertende infamar este Poeta, diz assim fallando do Ponto 4., em que se tracta, se a administração da quelles povos cedia em utilidade dos Missionarios, como eraõ accuzados. *Consta*) são as palavras da
quelle grande Monarcha) (a) por infor-

Decreto
del Rey
Philippe
V. que
desfaz a
sobredita calumnia.

ma-

(a) Dic. pag. 31.

mações que setiráraõ, e de outros documentos concernentes a esta materia, como, supposta a incapacidade, e fronzidaõ da quelles Indios na administração, e manejo dos seus bens, se assigna a cada hum porção de terreno, em que trabalhe, para que do fructo delle possa manter a sua familia: o remanente pois, que o commun semeia de grão, e outros generos comestiveis, se entrega a outros Indios com direcção dos Missionarios. O mesmo se faz da Erva (chamada Paraguay, ou Matè) e do gado. O producto destas couzas se divide em três partes: a 1. he para pagar o tributo ao meu Regio Erario; do qual tributo se tira a congrua, com que se sustentão os Missionarios: a 2. serve para os ornamentos, e manutenção das Igrejas: a 3. para manter de sustento, e vestido as viúvas, os orfãos, os enfermos, e estorpeados, e accudir a qualquer necessidade occorrente Desta administração se toma humma exactissima conta aos Indios, que são os Mordomos, os computistas, os fiscaes, eos guardas dos alnazens: e destes livros se vem em conhecimento da receita, e despesa, que se faz em cada humma das Povoações E tudo isto se pratica (continua a dizer o mesmo Rey no Decreto) com tanta exactidão, ainda por motivo de satisfazer ao preceito, que sob graves penas tem aquelles Missionarios do seu Gêral para não se aproveitarem di couza alguma, que pertença aos Indios, nem por via de esmola, emprestito, ou por qualquer titulo: e assim o testifica e Bispo que

que foi de Buenos Ayres Fr. Pedro Faxardo ... protestando , não ter visto em sua vida couza mais bem regulada , do que são aquellas Povoações ; nem de interesse semelhante à quelle dos PP. Jesuitas : pois nem para sustentar-se , e vestir-se se valem de couza alguma dos Indios. Com esta informação (prosegue o mesmo Monarcha no seu Decreto) do Bispo Faxardo (a) concordão outras notícias , não menos fideis ; especialmente as que mandou o R. Bispo actual de Buenos Ayres Fr. Joseph Peralta , da Ordem de S. Domingos , em carta de 8. de Janeiro de 1743. , na qual louva o bem que estão educados , e instruidos aquelles Indios , assim no que respeita à Religião , como no meu Real serviço , e governo temporal dos mesmos : de tal sorte , que acrescenta , ter sentido pena , e desprazer ao partir daquellas Povoações .

Athe aqui o Catholico Rey Philippe V.

20. Mas para que he ir buscar documentos , e testemunhos alheios , e antigos , ainda que de tanta authoridade , quando os temos nacionaes dentro do Reyno , e mais frescos ? Ouçaõ-se , e examinem-se muitos militares , que ainda hoje vivem , e habitaõ en Lisboa , os quaes foraõ às Missões do Paraguay , e Uruguay em companhia do Conde de Bobadela , empregados na expedição de demarcar os limites , e dirão , que sendo este

(a) Pag. 32.

este Poeta satyrico pasmáraõ de haver hum homem, que com tanta franqueza, e tão pouca verdade se attrevesse a estampar entre outras muitas esta impostura tão clara, esta calunnia tão manifestá, tendo elles visto com os seus olhos, e como se costuma dizer, tocado, com as mãos, o uzo que se fazia do trabalho dos Indios nas Aldéas da America Hespanhola, em que rezidiaõ os Jesuitas. Ali, dizemelles, que viráõ Conservatorios para se instruirem, e industriarem Donzelas: Recolhimentos para viúvas pobres, e dezamparadas: Casa de correção para os criminozos: Seminarios para educar meninos, não sò nas materias de Religião, mas para lhes ensinar a ler, escrever, contar, e tambem a Musica vocal, e instrumental: Fábricas finalmente de tecer, preparara seda, bordar et.c. Sendo todas estas couzas estabelecidas, e sustentadas com os bens do commum, administrados com o conselho, e direcção dos P. P. pellos mesmos Indios principaes; de sorte, que vivia esta nova christandade, como a primitiva da Igreja: fazendose collectas pelos discipulos, que aqui eraõ os mesmos Indios de melhor talento, e distribuindose aos necessitados por ordem dos Apostolos, cujos imitadores eraõ os Missionarios Jesuitas. Diga agora o Senhor Gama, ou faça dizer ao Indio, que intro-

troz

trôduz nos feos versos a fallar, *que toda a riqueza, que cobre os Templos dos bemsditos P. P. fructo he da sua industria, e do commercio da folha, e pelles, porque os Militares Portuguezes, que estiveraõ no Uruguay, e Paraguay o desmentiraõ, testificando o contrario; e dizendo á boca cheia, que quanto ali se vê, ou de ornato dos Templos, ou de fundações nas Aldêas, he dos Indios, que espontaneamente concorriaõ para todas aquellas obras de piedade, do culto de Deos, e utilidade dos pobres. Taõ fantamente estavaõ educados, e instruidos.*

21. Prosigamos a ouvir este Papagayo, que como ave de arribação veio do Brasil a Portugal. Diz elle na pag. 29. *Taõ-bem naõ he necessario ir ao Uruguay, para ter provas do excessivo trabalho dos Indios no serviço dos P.P. Entre a Villa de Santos, ea Cidade de S. Paulo, ha huma serra muito ingreme, e dilatada: naõ se pode subir a cavallo. O Conde de Bobadela, o melhor cavalleiro do seu tempo, cahio duas vezes logo á entrada, em cavallos, que tinha escolhido para isso entre muitos: todos sobem a pè com o seu cavallo pela maõ. Os P. P., como faxiaõ voto de pobreza, contentavaõ-se de a subir, e descer recostados em redes, ás costas dos miseraveis Indios; nem ja mais passaraõ ali de outra sorte. Este facto em Europa parece incrivel; mas o Author o attesta.*

De

Inepta
accuza-
ção, que
faz o Au-
thor do
Poema
dos Jesui-
tas em
materia
de pobre-
za.

Dehum grande peccado accuza aquí o Sr. Gama aos Jesuitas, ou para melhor dizer de hum grande sacrilegio, feito contra o voto da Pobreza, hum dos três affenciaes, que constituem hum homem Religioso. Mas, Senhor Gama, como queria V. M. que os Jesuitas subissem aquella serra tão *ingreme*, e *dilatada*, como diz; queria, que a subissem a cavallo? Mas se o Senhor Conde de Bobadela, sendo o melhor cavalleiro do seu tempo, escolhendo entre muitos os cavallos melhores para a poder subir, cahio duas vezes logo à entrada, e deu com figo no chaõ, quantas vezes cahiriaõ os pobres Jesuitas, senão tendo cavallos, que escolher, nem sabendo cavalcar, intentassem subilla desse modo? Cahiriaõ a cada passo; e não sò cahiriaõ, mas quebrariaõ as pernas, e a cabeça. Dirã, que a sobissem a pé com o seu cavallo pella mão, como todos a subiaõ: a qui mente: (perdoeme a confianca, porque não a subiaõ assim os Bispos, e Governadores, que não eraõ tão bons cavalleiros, como o Conde de Bobadela. Muitos Jesuitas sim, que eraõ mais moços, e robustos, e por isto mais capazes de fazer a quella subida tão *ingreme*, e *dilatada*. Mas queria V. M. que taõbem assim a fizessẽ os Provinciaes, Vizitadores, e Reytors, homens pela maior parte velhos, e talvez achacados?

Ora

Ora he muito querer, Senhor Gama; mais caridade, e menos critica. Nem se persuada, que hê, ou parecerà incrível na Europa, que aquelles Jesuitas, que pela sua idade, e molestias, nem a pè, nem a cavallo podiaõ subir aquella serra tão dilatada, e ingreme, o fizessẽm recoitados nas suas tedos, levados às costas dos Indios. Se em muitas cidades Europeas. se caminha hà muitos tempos em cadeirinhas conduzidas em braços de homens, sendo as estradas planas, e nada difficiltozas, como hade parecer incrível, que por huma serra *ingreme, e dilatada*, hum, ou outro Jesuita de poucas forças, e de muitos annos caminhasse em rede, que levassẽm os Indios às costas? Pois na America, aonde isto succedia, ainda faz menor specie, por ser alì mais frequente o uzo das redes, assim para andar de dia, como para dormir de noute. Senhor Gama, peçolhe por seu bem, que se quer, que os leitores lhe dem credito, quando não diga couzas certas, as diga ao menos provaveis: e senão forem verdadeiras, ao menos sejaõ verisimeis. Vejamos, se o faz assim nas Notas seguintes.

22. Na pag. 30. , na qual vai continuando a allocução do Indio Cacambo ao General Portuguez, traz em verso estas palavras.

re,

Prática
falsamente
attribuida
aos Indios.

*Nã, que o nome dos Reys não nos affusta ;
O teu está mui longe ; e nós os Indios
Não temos outro Rey mais , do que os Padres ;*

Palavras são estas , que o Poeta commenta com esta Nota : *Estas expressões não são ornato da Poesia : passou na realidade tudo quanto se faz dizer a este Indio .* Que este Poeta nos versos fingisse fahir da boca de hum Indio toda a quella sua arenga com termos altivos , e arrogantes , eu lho permittiria ; sabendo , que os Poetas assim costumão fazer , quando introduzem praticas em semelhantes encontros ; mas que na prosa diga , *que tudo*, o que faz dizer ao Indio , *passou na realidade*, isso não , isso não lho posso soffrer , nem desculpar . E deixando tudo o mais , mostrarei , fer huma solemne mentira , que o Cambo disseffe :

*E nós os Indios
Não temos outro Rey mais , do que os Padres ;*

Todos aquelles povos reconheciam por seu Monarcha , e Soberano a El-Rey de Hespanha , como consta das mesmas instruções , que muitas vezes cita o Senhor Gama ; nas quaes mais de 10. vezes se introduzem os Indios chamando ao-Rey de Hespanha o *nosso bom Rey* . Alem disto , quando os Governadores da quelle Esta-
do

do hiaõ às povoações dos Indios, não sò os Caziques, mas todos os outros principaes sahiaõ com grande acompanhamento a renderlhes obediencia, como a pessoa, que representava a do seu Soberano. Mais ainda: os Indios pagavaõ tributos aos Monarchas Hespanhoes: hiaõ sem repugnancia a trabalhar nas obras, que por sua Real ordem de faziaõ: tomavaõ as armas para os defender, e estavaõ promptos a expor as vidas, e derramar o sangue por elles, quando a necessidade o pedisse, como diz o Senhor Zeballos em huma carta, que ja citei. Ultimamente em huma carta do Senhor Rey Philippe V. escripta ao Provincial dos Jesuitas no Paraguay, incluza em hum seu Decreto pag. 66. da Edicção de Napoles, no anno de 1744. diz assim a quelle grande Monarcha.

Estar justificado com muitos factos veridicos, não haver em alguma outra parte maior reconhecimento, e subordinacão ao meu dominio, nem estar taõ bem estabelecido o Regio Padroado, e a jurisdicção espirital, e Real, como està nestas Povoações (governadas pelos Padres Jesuitas) o que consta das continuas vizitas dos Prelados Ecclesiasticos, e dos Governadores, e taõbem da cega obediencia das mesmas Povoações às suas Ordens: motivo, porque determinei, que se passasse hum Decreto, no qual se notificasse ao Provincial o meu agradecimento, e o gosto,
que

que tenho de ver desvanecidas com tantas justificações as falsas calumnias, e imposturas do Aidunare, e Barva; (estes eraõ os que tinham falsamente criminado os Jesuitas do Paraguay,) e de ver taõbẽm a Companhia empenhada em tudo, o que diz respeito ao serviço de Deos; e meu, e da quelles pobres Indianos: e que espero, que continuaraõ para o futuro com o mesmo zelo, e fervor na cultura das Reduções, e no cuidado dos Indios.

Ora se todos os Indios aldeados na America Hespanhola reconheciao por seus Reys aos Monarchas Catholicos, não sò nas palavras, senão taõbẽm nas obras; se lhes pagavaõ tributos, e rendiao obediencia com tanta subordinação, que affirma o grande Rey, e Senhor Philippe V. não a experimentar maior em parte alguma dos seus Dominios, como he possivel, que hum delles dissesse francamente.

• • • Nós os Indios

Não temos outro Rey mais do que os Padres;

Senhor Gama, que V. M. nos seus versos não fallasse verdade, isto he permitido aos Poetas (como já tantas vezes tenho repetido) mas que alem de a não fallar na proza, fizesse taõbẽm nella mentirozo o Indio Cacambo, isso he aleivozia; o que não he permittido, nem licito a hum Historico,

23. Na pag. 31. aonde introduz humã pratica do General Portuguez aos Índios Hespanhoes, traz estas palavras, que me-
lhor fora que as não trouxera!

*O Rey he vosso Pay, quervos felizes;
Sois livres, como eu sou, e sereis livres;
Não sendo a qui, em outra qualquer parte;
Mas deveis entregar-nos estas terras.*

Pratica do
General
Portu-
guez mal
concebi-
da pelo
Poeta.

Oh! que bem arrancada Ameixieira! Oh!
que bem deduzida consequencia!

O Rey he vosso Pay, quervos felizes;
mas ponde para aqui tudo aquillo; em
que consiste a vossa felicidade; as vossas
povoações; as vossas cazas, os vossos
campos, e hortas, de que vos susten-
tais, e taõbem os vossos gados.

Sois livres, como eu sou, e sereis livres.
mas por força, ou por vontade: ou quei-
rais; ou não queirais, deveis, e sois o-
brigados a deixar as vossas Aldeas com
tudo, o que tendes nellas: as fabricas;
que fundastes, as obras, que fizestes, as
Igrejas que erigistés com tanto trabalho,
e gastos.

Não sendo a qui, em outra qualquer parte:
Não sendo a qui, aonde Deos, e a natu-
reza vos poz desde o principio do mun-
do, dando-vos a posse de todos estes pai-
zes. *Não sendo aqui, aonde nascerão os*
vossos Pays, e Avós, e os vossos ante-
pas-

passados todos. *Não sendo aqui* ; aonde estais já acostumados ao clima do Ceo, e à qualidade da terra. *Não sendo aqui* , aonde estão bem accomodadas as vossas mulheres, e filhos, aonde repouzaõ quietos tantos velhos, e enfermos. *Em outra qualquer parte* sim, aonde não achareis cazas, nem choupanas feitas para vossa morada, nem searas maduras para vosso sustento. *Em outra qualquer parte* sim, aonde sabemos, que por vós sereis muitos, e as povoações poucas, as que vos damos, nem o vosso gado terá, que comer, nem vós terrenos, que cultivar.

E que pratica mais inepta, e menos proporcionada a mover os Indios à mudança pertendida! Dizerlhes, que se queriaõ verse livres da escravidão dos Jesuitas fossem para outras terras; sabendo elles, que nas suas, e debaixo da direcção dos Jesuitas tinhaõ toda a liberdade: dizerlhes, que sahisse dos proprios paizes, perdendo quanto nelles possuiaõ, e fossem habitar em outros, aonde não achariaõ nada! Por isso eu affirma disse, que melhor fora não pôr na boca de hum General Portuguez tão sensato, e prudente, como era o Senhor Gomez Freyre de Andrade, humas razões tão frivolas, huns motivos tão inconcludentes.

24. Na pag. 34. , aonde introduz, o
no-

APOLOGETICA: III

nosso Poeta outro Indio chamado *Cepê* a fallar com o General, lhe faz dizer estas palavras.

: : : : *E todos sabem*

*Que estas terras, que pizas, o Ceo livres
 Deu a nossos Avós; nos tão bem livres
 As recebemos dos antepassados,
 Livres as haõ de herdar os nossos filhos:
 Desconhecemos, detestamos jugo,
 Que não seja do Ceo por mãos dos Padres.*

Prova se
 a falsida-
 de de ou-
 tras In-
 struçõs,
 que se fin-
 gem da
 das aos
 Indios
 pelos Je-
 suitas.

Aqui se lem duas Notas; a 1.^a applicada à quellas palavras *Estas terras*. A qual Nota diz assim em letra grifa. *Estas terras no las deu Deos, e a nossos Avós, e por isso sò as possuimos em amor de Deos*. Está em letra grifa, porque são palavras copiadas de huma carta, que cita; e chama sedicioza, suppondo ser dictada pelos Jesuitas aos Indios, e remettida aos Generaes deputados para fazer as demarcações. Enganou-se porem o Senhor Gama, e suppoz falso; porque do mesmo estylo se está vendo, e palpando com as mãos não ser obra dos Jesuitas aquella carta. Estes P. P. não eraõ, como o Author destas Notas: sabião pòr a penna em papel, e por isso se haviaõ de explicar melhor. Alem de que nenhum Indio ignorava, que as terras, em que viviaõ, eraõ suas, e muito suas, e que dellas não eraõ devedores aos homens,

H

mas

mas sò a Deos , que por occultos fins da sua Providencia ordenou , que ali nascessem ; e que ali habitassem ; e ali morressem ; possuindo aquelles paizes por beneficio , e destino seu. Isto supposto , temeraria couza he , e alhea de toda a probabilidade , o julgar , que as palayras referidas foraõ dictadas pelos Jesuitas , e assignadas pelos Indios , que elles dirigiaõ nas 7. Povoações.

25. Asegunda Nota , que cahe sobre os dous versos :

Desconhecamos , detestamos jugo :

Que não seja do Ceo , por mãos dos Padres ?

Diz assim : *Esta mistura do sagrado com o profano , ou para melhor dizer , aquelle fazer servir a Religião aos seus fins particulares , foi sempre o caracter dos Jesuitas . Considere-se attentamente este verso :*

Non gentem imperio , sed religione tenemus ?
Vanier . Sup.

Aqui torna a suppor o Senhor Gama , que as palayras , que pôz na boca deste segundo Indio , eraõ dictadas , ou aprendidas por elle nas doutrinas dos Jesuitas ; cujo caracter diz , que era misturar o sagrado com o profano , e fazer servir a Religião aos seus fins particulares . Que maledico scriptor ! Eu tenho para mim , estar elle persuadido , que os Indios Aldeados
não

não tinhaõ fê, nem noticia da nossa
 santa Religião; que não criaõ em Deos,
 nem em S. Maria; que não sabião haver
 Ceo, e Inferno; nem o mais, que os
 Chistãos somos obrigados a crer. Se
 assim o julgava, enganouse de meio a
 meio. Os Indios tudo isto criaõ, e tudo
 isto confessavaõ; por isso sem suggestão
 alheia podiaõ por si mesmos distinguir
 hum jugo de outro jugo: o jugo do Ceo,
 a que Christo chamou suave, e brando *jugum meum suave*, do outro jugo violento,
 e tyrannico, que lhes queriaõ pôr os ho-
 mên, constringendo-os a sahir precipi-
 tadamente das suas terras, sem lhes dar
 tempo, nem comodo para se estabele-
 scerem em outras; e por consequencia
 dizer, que desconheciao, e detestavaõ
 outro jugo, que não fosse o do Ceo por
 meio destes P. P. isto he, o jugo de
 Christo, ao qual pôr meio dos P. P. se
 tinhaõ fogueitado. Ora como entra aqui
 o *misturarem os Jesuitas o sagrado com o pro-*
fano, nem o fazerem servir a Religião aos
seos fins particulares? Hè por ventura por-
 que assim o diz o Vanier na quelle ver-
 so, que cita. *Non gentem imperio, sed re-*
ligione tenemus? Pois saiba, Senhor Ga-
 ma, que aquelle Poeta não quiz dizer
 tal couza: o genuino, e verdadeiro sen-
 tido da quelle verso he este; que os
 Jesuitas domesticavaõ aquellas gentes, e
 as continhaõ entre os devidos limites,

não à força de armas, ou asperos castigos, mas com a suave actividade, e efficaz attractivo das verdades christãs, e maximas evangelicas. E se a isto chama misturar o sagrado com o profano, e fazer servir a Religião aos seus fins particulares, quaes eraõ os louvaveis, e santos de domesticar, conter, e salvar aquelles barbaros, eu de boa vontade lho concedo: este sim; este era o character dos Jesuitas: mas se quer com aquella sua Nota inculcarnos couza diversa, prove-o; e entãõ lhe daremos credito.

Atroz caluniania
contra o
Jesuista
Balda.

26. Na pag. 38. fallando de hum Jesuita, chamado *Lourenço Balda*, diz o Senhor Gama em huma Nota, que era *huma das cabeças mais tenazes, e que mais animava os Indios à rebeliaõ*. Que este Missionario fosse, o que mais trabalhou, e padeceu por induzir, e mover os Indios à pertendida transmigração, sabia eu, e constou em toda a America, como aqui provarei. Retirandose da Missão de S. Miguel o Jesuita *Hervera*, por temor da morte, que os Indios lhe queriaõ dar, por se oppor à sedição, e rebeliaõ, que intentavaõ, foi mandado para ella o P. Balda; homem conhecido pela sua intrepidez, e rezolução, e de espirito tão zelozo, e apostolico, que nenhum perigo o atterrava. Com a morte diante dos olhos reprehendia continuamente a
ob-

obstinção, e pertinacia dos Indios; e occaziaõ houve, que o fez com tanta violencia, que lhe sobreveio huma febre, e com ella huma enfermidade, pela qual esteve em pontos de perder a vida. Na fortaleza, com que se expunha aos perigos, e soffria os trabalhos, parecia este homem ser de ferro. Trabalhando os outros Missionarios muito nenhum trabalhava tanto, como elle. Padeceu injurias, e affrontas, que lhe fizeram os Indios, quando estavaõ tumultuantes, prendendo-o, e athè pondolhe (como se costuma dizer) as mãos, e a boa vontade, pelas grandes, e repetidas instancias, com que procurava reduzi-los ao que elles summamente repugnavaõ.

Na *Relação Abreviada* se diz deste Jesuita, que a acompanhara os Indios, quando das Aldéas se retiraraõ para os montes; couza, de que se lhe faz hum grande crime, como taõbem ao seu companheiro o P. Adolfo; sem advertir, que esta hida não foi voluntaria, mas violenta, e constrangida dos Indios; que não queriaõ estar sem sacerdotes, no cazo, que lhes fossem necessarios no artigo da morte. Tanto assim, que pedindolhes estes dous Jesuitas licenxa para irem comprimentar o General Hespanhol, talvez pretextando quererem hir rogalo, que lhes concedesse tempo para se

mudarem com comodo, e não tão precipitadamente, sò a hum deraõ licença, e ao outro a negaraõ. Ao Missionario Adolfo a negaraõ pondolhe logo guardas à vista, para impedir, que fugindo elle não ficassem sem sacerdote. Ao P. Balda permittiraõ, que fosse; obrigando-o primeiro a fazer hum juramento, de que havia de voltar. Recebeu o General este Jesuita, não sò com benevolencia, e agrado, mas porque lhe constava do muito que tinha trabalhado por induzir os Indios à transmigração, o tratou com demonstrações não indifferentes de honra, e agradecimento. Sabendo porem da promessa jurada, que tinha feito aos Indios, o mandou logo voltar, recomendandolhe duas couzas: 1. que puzesse toda a sua industria em impedir a união, e confederação dos Indios mansos com os bravos, o que entaõ se temia: a 2. foi, que continuasse com o mesmo empenho, e maior, se fosse possível, a mover os Indios à mudança dezejada. Conseguiu o P. Balda a primeira com trabalho, mas com felicidade. A 2. conseguiu-a não em tudo, mas em grande parte; porque induzio muitos mil, a que descessem dos montes. Esta foi a conducta daquelle fiel, e zeloso Missionario, de quem com tanta deshonra desscaradamente diz o Senhor Gama nesta sua Nota, *que foi huma das cabeças mais*

te-

tenazes, e o que mais animou os Indios à rebeldia: como se o General Hespanhol, a quem havia de ser necessariamente notoria a sua renacidade, o não houvesse de prender, e segurar, tendo-o na sua mão, na sua presença, e dentro do seu mesmo arrayal, para que não pudesse voltando à companhia dos Indios proseguir a animalos à quella obstinada rebeldia. Elle, que o recebeu, não sò com agrado, mas com honra, signal he certo, que o conheceu fiel, e não rebelde; interessado na mundança, e não pertinaz na rebeldia. (a)

27. Na mesma pag. 38. querendo este Poeta descrever a batalha, ou para melhor dizer a escaramuça, que os soldados Europeos tiverão com os Indios Americanos, finge, que hum destes mais animoso, e intrepido appareceu no campo, qual outro Goliath a dezafiar os exercitos de Israel, e diz assim.

*Gentil mancebo presumido, e nescio,
A quem a popular lisonja engana,
Vaidoso pelo campo discorria,
Fazendo ostentação dos seus pennachos.
Impertinente, e de familia escura,*

Outra
major, e
mais a
troz calumnia
contra
o mesmo
Jesuita.

Maf-

=====

(a) São testemunhas deste facto não sò o General Hespanhol, mas todos os Officiaes, e soldados, que com elle estavaõ.

*Masque tinha o favor dos santos Padres :
 Contaõ , não sei se he certo , que o tivera
 A esteril May por oraçoes de Balda :
 Chamaraõ-no Buldetta por memoria .
 Tinha hum cavallo de manchada pelle ;
 Mais vistoro , que forte : a natureza
 Hum ameno jardim por todo o corpo
 Lhe debuxou : e era Jardim chamado .
 O Padre na saudosa despedida
 Deu-lho em final de amor ; e nelle agora
 Gyrando ao largo com incertos tiros
 Muitos feria , e a todos inquietava .*

A estes versos , que ao Author pareceraõ
 escuros , acrescentou esta Nota , para-
 que se entendessem melhor : Os Jesuitas da
 America não eraõ taõ escrupulozos , como
 affectavaõ ser os da Europa . Era bem facil di-
 stinguir nas Aldeas as Indias , que gozavaõ do
 favor dos P. P. da mesma sorte se distinguiaõ
 muito bem entre os outros os rapazes da fami-
 lia . Na Asia era o mesmo . Lease a carta do
 Bispo de Nankim a Benedicto XIV.

28. Tendo este moderno Escrivaõ da-
 do na materia , que fez , tantos , e taõ
 enormes erros , como athe aqui temos
 visto , agora para mais ajuda lhe lançou
 hum borraõ ; com o qual , querendo e-
 scurecer a fama da virtude , que geral-
 mente corria do Jesuita Balda , de tal
 sorte manchou , e denigrou toda a sua
 obra , que não sei como teve cara para
 a imprimir ; e dar ao publico . Não ha-

ven-

vendo maldade, delicto, ou culpa, que os libertinos inimigos capitaes dos Jesuitas, não tenham attribuido a estes Religiosos, principalmente nestes ultimos tempos, em que soltaraõ os diques todos ao seu odio, furor, e maledicencia; com tudo nenhum houve, que em materia deshonesta, ou menos pura, se atrevesse a censuralllos, por temor de não ser acreditado; tal era nesta materia a opiniaõ, e credito, que conservou sempre a Companhia; taõ grande, e taõ radicado estava em todos o conceito da sua honestidade, que não julgaraõ aquelles impios ser possivel com todas as suas calumnias, e imposturas fazer mudallo, ou aomenos deminuillo. Se de todo este immenso numero de inimigos exceptuarmos sò dois: hum o Senhor Carvalho na sentença, que compoz, e extendeu contra o Missionario Malagrida; (a) dizendo delle falsa, e aleivozamente, que nos carceres do Santo Officio comettia actos impuros: o outro o Senhor Gama, dando a entender nos seus versos, que o Indio, a quem impoz o nome de Baldetza, era filho do P. Balda. Não ha maledicencia maior, que a destes dois calumnias-

(a) Lease o libro intitulado: *Il buon Raziocinio* pag. XXI. e seg. e nelle se acharà desmentida esta tão negra calumnia.

niadores ! Huma sò differença se acha entre elles, e he, que o 1. fallando geralmente dos Jesuitas Europeos dizia, que nesta materia eraõ acautelados : o 2. affirma, que affectavaõ ser escrupulosos. De sorte, que quando neste particular não criticavaõ acções externas, e publicas, não deixavaõ de insinuar, que as havia internas, e occultas : imitando nisto aos caes famintos, que não achando carne investem a roer os ossos.

29. Ora eu não quero fazer injuria ao bom juizo dos meos leitores, julgando, que pelo dicto simples de hum maledico percaõ o conceito da virtude de hum homem estimado per todos na America por Missionario zeloso, de virtude, e de espirito verdadeiramente apostolico: maiormente se reflectirem, que sendo mandado de novo para aquellas partes o P. Balda não podia emtaõ pouco tempo ter hum filho chamado Baldetta, capaz de montar a cavallo, e fazer as africanas, que finge o Senhor Gama nos seus versos: por isso não me canço em mostrar a falsidade desta calumnia, entre todas a mais enorme, com outras provas, e documentos, que aqui podia produzir. Contentome sò com referir a commua, e geral opiniaõ, que em materia de honestidade, e pureza se tinha dos Jesuitas, assim na America, como na Asia; partes, nas quais intenta criminar maior-

iormente estes Religiosos. Na America os Indios quando ou não sabião, ou não se lembravaõ do nome de algum Jesuita, os termos com que os davaõ a conhecer eraõ estes *he hum da quelles, que não trataõ com mulheres*: oque certamente não diriaõ, se alguns, ou algum neste particular os escandalizasse. Na Asia sei eu, que hum Regulo não podendo acreditar, (talvez porque julgava os outros por si) que os Jesuitas, que naquellas partes viviaõ, passassem sem ter commercio com mulheres, secretamente lhes pòz espias, às quaes pagava com mão larga, paraque os vi-giassem, e observassem dentro, e fora de caza para qualquer parte que fossem; athè que no fim de muitos mezes, não achando indicio, nem fundamento de couza alguma, em que os pudesse arguir, confessou ingenuamente a hum delles, *Agora sim, agora estou ja persuadido, que viveis isentos de hum vicio, que he taõ geral, e commum a todos.*

3o Allegue agora o Senhor Gama para confirmar a sua atroz impostura: *ser facil assim na Asia como na America distinguir nas Aldeas as Indias favorecidas dos PP., e os rapazes da sua familia.* Como se todos os homens de bem, e que tem vergonha na cara, não costumassem tratar melhor os servos, e as servas de casa, do que a outros, que nenhum serviço lhes fazem. Se isto fosse digno de nota, ou daqui se
pu-

pudesse inferir alguma culpa, bem avia-
dos estavaõ os Principes, os Fidalgos,
Cardeaes, Bispos, e ainda os mesmos
Papas, os quaes todos dezejaõ, que os
seos pagens, e criados, que os seos fa-
miliares, e servos andem mais decente-
mente vestidos, sejaõ em tudo bem tra-
tados: pelo moço se conhece o Amo, e
pelo servo o Senhor. Allegue taõbem
muito embora a carta do Bispo de Nan-
kim, escripta a Benedicto XIV. a qual,
se alguma cousa diz a seu favor, e con-
traria à geral reputação, que todos tem
dos Jesuitas, deve ser avaliada, como a-
pocrifa, e calumniosa; como são as de
Fr. Berdardino de Cardenas, Bispo do
Paraguay, e de D. João Palafox, Bispo
de Angelopoli; as quaes ja a todo o mun-
do he notorio, que não tem authorida-
de, nem merecem fê alguma. Lease o
XV. tomo da Colleção de Fossombrone,
que tem por titulo: *Verdade defendida por si
mesma*; (a) e a li se achará, ou que fo-
raõ retractadas, ou convencidas de falsas;
como são taõbem as Notas do nosso
Poeta Gama. Ouçamos agora as que se
seguem.

31. Na pag. 41, se encontra esta:
*Ainda que os PP. tinhaõ armado os Indios,
e feito quanto podiaõ para os disciplinar, com
tudo*

(A) Pag. 276, e seq. pag. 363, e seq.

tudo estavaõ bem longe de poder rezistir às Tropas regulares. Era necessaria muita crueldade, para entregar aquelles miseraveis à morte sò por ambição, e capricho.

Ao ler esta Nota, quem se não hade persuadir, que os Jesuitas Hespanhoes antes de irem para as Missões, não so apprendiaõ a lingua dos Indios para poderem nella exercitar os seus santos ministerios, senão raõbem a arte militar, para saber disciplinalos em todos os manejos, e evoluções, que se praticaõ nas guerras? Como se haõ de fazer as marchas, e contramarchas, e as retiradas a tempo, e sem perigo? os bloqueios, e os assaltos? Em huma palavra exercitalos em todas aquellas manobras, regras, e preceitos, que ensinaõ os livros, que tractaõ desta Arte. Mas o cazo he, que os Missionarios nada disto sabiaõ, nem apprendiaõ. Todo o seu estudo, e empenho era o menear bem, e com destreza a espada da palavra de Deos, e o escudo da paciencia contra as tropas infernaes, eos seus alleados; ou fossem em paizes barbaros, ou em catholicos, e civilizados, como attestaõ em seus Breves, e Bullas todos os Pontifices desde o primeiro, que confirmou a Companhia, athe o immediato Predecessor da quelle, que a supprimio. Verdade he, que na America os Indios ou sejaõ bravos, ou mansos, todos andaõ armados; mas somente de arcos,

Os Jesuitas nem armaraõ, nem disciplinaraõ os Indios para rezistir as tropas Europeas.

tos, e frechas; nem ja mais vão à campanha, ou se internão nos matos sem levarem estas armas, ou para se defenderem das fêras, quando as encontraõ, ou para a caça, que obviamente se lhes offerece. No exercicio destas armas se exercitaõ com emulaçaõ huns com outros desde meninos; e por esta causa são taõ destros, quando adultos que no ar atravessaõ, e mataõ qualquer passaro: e muitos não trazem mais, que duas frechas, porque he rara a vez, que vejaõ frustrado o primeiro tiro. Isto supposto, seria cousa superflua, e ridicula querer hum Europeo, e especialmente hum Jesuita Missionario disciplinalos no uzo, e exercicio destas armas.

31. Athe aqui concederã o Senhor Gama's; mas dirã, que nos encontros maiores, e em batalhas mais serias não uzavaõ das sobredictas armas. Assim he: mas que inferimos da qui? Que os Missionarios inertes, e nada peritos nos manejos, e evoluções militares disciplinãraõ os Indios, para rezistirem na occasiã de que vamos fallando às tropas regulares dos soldados Europeos? Que ignorancia! Que loucura! Os Indios da aquellas partes hà mais de hum seculo, com expressas, e repetidas ordens dos Reys Catholicos, como consta da Historia do Paraguay, estavaõ instruidos, e disciplinados em outras armas, que não eraõ

os

os seus arcos, e as suas flechas. Desde o anno 1637. até o de 1735. sahiraõ estes das suas Aldeas a 24. expedicoes todos armados ao uzo da Europa. Em hum Decreto de 25. de Julho de 1669. dirigido ao Vice Rey do Peru se lê, huma ordem; na qual se manda, que os Indios do Pará; e Uruguay tenham, e usem armas de fogo; approvando, e revalidando os Decretos anteriores já passados sobre este ponto. Havia taõbém outra ordem expedida no anno de 1716. a D. Bruno Mauricio de Zavalla, prevenindo-o, e a moestando-o, a que estes Indios se conservassem sempre armados, e que continuassem, como até ali no manejo das armas, na fabrica das mesmas, e de todo o genero de munições. Donde se vê, que muitos annos antes da chamada guerra já estavaõ os Indios instruidos, e disciplinados no uzo das armas de fogo. Mas por quem? Pelos Jesuítas, como aqui diz falsamente o Senhor Gama? certo que não: mas sim por officiaes da milicia Hespanhola, que ali eraõ mandados a este fim; e para terem em custodia nos armazens Reais a pólvora, e balla necessaria para as occazions de guerra. Sendo porem os Indios por sua natureza rudes, e por costume mais exercitados no uzo do arco, e flechas, que no das espingardas; não he de admirar, que não pudessem
nem

nem foubessem rezistir às tropas regulares dos Europeos. Esta dezigualdade, e differença conheciaõ muito bem os Jesuitas, e tanto a conheciaõ, que esta era a maior rezaõ, entre outras, porque lhes dissuadiaõ a guerra, e lhes obstavaõ à rezistencia. E à vista desta innocente conducta dos Missionarios se atreve a dizer o Senhor Gama, *que elles não obstante tẽrem armado, e disciplinado os Indios, por summa sua crueldade, levados da ambiçaõ, e capricho os entregaraõ à morte, não os tendo elles nem bem, nem mal disciplinado, nem armado; antes pelo contrario dissuadido, e quanto lhes foi possivel embaraçado a oppozicaõ, e a guerra; he aonde pôde chegar, a maledicencia. Diga fim muito embora, e com verdade, que foi crueldade grande a dos Portuguezes, e Hespanhoes o sacrificar tantas vidas, e o derramar tanto sangue da quelles pobres neofitos, ovelhas manfas do rebanho de Jesu Christo, que não pediaõ outra couza mais para a sua violenta transmigraçaõ, que o tempo necessario para conduzirem com commodo o seu gado, os seus bens, as suas mulheres, e filhos, os velhos, e os doentes; o que ja mais ses lhes concedeu. Isto he, que foi crueldade, isto he que foi sevicie, e tyrannia.*

CAN:



C A N T O III.

1. **N**ÃO contente este satyrico Poeta ;
 peior que nenhum outro da gen-
 tilidade ; possuido verdadeiramente do
 espirito da maledicencia , e taõbem da
 immundicia pelo muito que se deleita
 em fallar em couzas , e materias desho-
 nestas , e impudicas ; não contente , di-
 go , de contaminar com hum fingida ,
 mas dissimulada calumnia no seu 2. can-
 to a solida , e bem fundada opiniaõ de
 virtudes , que tinha em toda a America
 o Jesuita Balda , torna neste canto 3.
 sem rebuço já , e a cara descuberta a
 infamallo , não sò de deshonesto , mas
 de homicida , qual outro David , dizendo
 delle nos seus versos , que animàra , e
 mandàra à guerra o Indio Cacambo , para
 que dezembrachado da sua presença
 gozasse mais livremente da companhia
 da sua consorte , e quem dà o nome de
 Lindoya ; e que tornando este da cam-
 panha não esperado , o encerràra em
 hum carcere , e finalmente por virtude
 de hum desconhecido liquor o matàra ;
 para não poder mais nesta vida fallar
 com a dita sua consorte . Com estes amo-
 res quimericos , ou enthuziasmos amoro-
 zos ,

3. Calum-
 nia não
 menos
 atroz ,
 que as
 duas an-
 tecedentes , con-
 tra o Je-
 suita
 Balda.]

zos, julgou talvez o nosso Poeta; que divertiria os leitores, e faria mais voluminoza a sua canção; suprimindo a falta de acções verdadeiramente grandes do seu Heroe com delictos fingidos, e suppostos de hum innocente Missionario Jesuita. Mas não advertio este miseravel, e infeliz, (assim lhe chamo, porque he digno de compaixão) que não basta a lingua de hum maledico libertino, nem a penna de hum Poeta satyrico, e sobre satyrico adulator, para deturpar, e escurecer a fama de quem he tido, e avaliãdo geralmente por virtuozo, e santo. Se isto bastasse, que estimação gozaria hoje no mundo hum santo Athanazio, hum S. Pedro Martir, hum B. Henrique Susone, ambos Dominicanos, e hum S. Iria Portugueza, todos infamados em semelhante materia de castidade por bocas de gente malvivente; e infinitos outros, que padeceraõ na sua fama pelas linguas, e pennas de malevolos calumniadores; e que hoje a pezar dos seus contrarios os vemos, ou postos nos Altares, ou tidos em grande veneração?

2. Esta falta de advertencia não teve o Senhor Gama; e por isso mesmo *maius peccatum habet*. Se com esta sua postura estivesse persuadido, que não perigava a fama, e bom nome do P. Balda; menor seria a sua culpa; crendo po-

rem

sem; e querendo, que com os amores; que finge nos seus versos perdesse aquelle zelo Missionario a opiniao de virgindade, em que estava; ejustamente merecia, he peccado maximo, e que sera irremissivel, se arrependido delle senao retractar do que escreveu falsamente, sem vergonha, e sem consciencia; pelo que agora aqui referirei authenticado por pessoa veridica, que prezenciou o que na realidade succedeu com o sobredito Indio Cacambo.

Primeiramente nao consta, nem se pode averiguar, que este Indio tivesse por consorte India alguma com o nome de Lindoya; nem que houvesse mulher no mundo com este nome: razao, porque se pode argumentar, que assim o nome, como a mulher saõ fingimentos do Poeta. Em segundo lugar, he falso, que o Indio Cacambo fosse Principe, e descendente de sangue Real, nem a sua esposa, como diz o Senhor Gama nos seus versos; nao tendo existido ja mais na quella parte meridional da America nem Rey, nem Roque; mas so antigamente no Mexico, e no Peru; paizes affaz remotos das Aldêas do Uruguay; aonde estavaõ os Jesuitas. Vamos agora ao que de certo consta.

3. Era o Indio Cacambo hum da quelles muitos, que viviaõ na Missiao, para

I 2 onde

onde tinha ido o P. Balda, como Superior, para os mover à transmigração, que se pertendia: e sendo Cacambo altivo, orgulhozo, e intrepido por natureza, se animou a ir reconhecer as tropas auxiliares, e taõbem, segundo dizem, a ir fallar ao seu chefe, ou General. Cauzou esta ida hum grande temor aos demais Indios; e porque lhe conheciaõ o genio suspeitàraõ, que lhes era traidor, indo avizar os inimigos dos modos, e maneiras, com as quais os podiaõ facilmente vencer, e destruir. Confirmàraõ-se nesta suspeita quando viraõ, que tornava para Aldèa, naõ sò sem lezaõ alguma, mas jactanciozo, e soberbo. cegos com esta desconfiança, quizeraõ logo matallo; ao que se oppòz com toda a efficacia o P. Balda; compadecido na realidade, e naõ por ironia, (como diz o Senhor Gama) da desgraça do pobre Indio. Elles porem obedecendo ja pouco na quelle tempo aos Missiona-rios, de quem taõbem ja desconfiavaõ, por grande misericordia se rezolveraõ a encarcerallo; assim por impedirem, que lhes fosse traidor, se ainda o naõ tinha sido, ou para que por vingança o naõ quizesse fer. Vendo se Cacambo encarcerado, e sem liberdade para poder satisfazer ao genio, que o predominava enchendo-se de raiva, e de furor frene-
ti-

tico em poucos dias acabou a vida ;
(couza muito ordinaria nos Indios , o-
morrerem, quando querem.)

4. Esta realmente foi averdaderia cau-
za da prizaõ do Catambo, e esta taõbem
a da sua morte; sobre a qual fingio , e
arquitectou o Senhor Gama toda aquella
grande maquina de mentiras, quantas se
lem nos seus versos, e nas suas prozas,
ou Notas; naõ sò para enriquecer o seu
mesquinho Poema, quanto para adular
o Senhor Carvalho, seu Mecenaz; calum-
niando, e infamando os Jesuitas. Digo
calumniando, e infamando os Jesuitas,
porque neste 3. Canto, alem de fingir o
P. Balda amancebado, o finge taõbem
homicida; authenticando este segundo
fingimento com o que traz em huma
Nota, na pag. 57. a qual diz assim:
*Quanto a miudo se sirvaõ os Jesuitas de se-
melhante expediente (isto he de liquor ve-
nenozo) nos cazos mais apertados, sò o pòde
ignorar, quem nunca leu a Historia. A morte
improviza de Innocencio XIII., quando estava
de todo resoluta a pòr cobro nas dezordens dos
Jesuitas, ainda naõ houve, quem puzesse em
duvida ser obra dos mesmos. A mesma sorte
teve o Card. Archinto. Em Roma he couza
publica, (mente) que o Card. Passionei mor-
reu de hum accidente Jesuitico. Este incom-
paravel Turparado dissera algumas vezes, que
esperava ter o gosto de ver antes da sua mor-
te a total extinçaõ da Companhia. Os Jesui-*

tas tiverão o orgulho de fazerlhe este Epitaphio. Dominico S. R. E. Card. Passion. S. J. superstes.

Refuta-se
hũa antiga
calumnia
contra os
Jesuitas,
cuja me-
moria re-
nova aqui
o Poeta:
convem
saber,
matar
com ve-
neno aos
seos ini-
migos.

5. Senhor Gama, muito atrasado esta V. M. na arte de criticar, hoje tão commua a todos, os que se prezaõ de noticiosos, e eruditos: pois acredita por certas, couzas, as quaes não ha homem prudente que as não tenha por falsas. Fallemos claro: isto que he darem os Jesuitas veneno aos Papas, Cardeaes, e Reys, são historias da *carochinha*, ou contos de velhas, que do principio da Companhia inventaraõ, e espalharaõ os emulos desta tão util, e S. Religiaõ, para alterar o povo, e fazelo persuadir, que os Jesuitas não eraõ tão bons, como pareciaõ; antes pelo contrario traydores, infieis, ambiciosos, e o que mais he, feiticeiros. E a que fim? Para que, sendo desprezados, não tomassem os povos os seos conselhos, não seguissem as suas doutrinas, não ouvissem os seos sermoes, não frequentassem as suas escolas, nem finalmente se guiassem pelas suas maximas, e dictames; porque sò entaõ podia francamente reinar a libertinagem, triumphar o vicio, adoptar-se o Materialismo, o Deismo, e talvez taõbem o Artheismo: mas como todos os homens de bom juizo, e raciocinio, e dotados ao menos de senso commum, estimaraõ fabulosos estes delictos (tantas vezes desmentidos), como

mo na verdade eraõ, continuavaõ os Jesuitas a exercitar os seus sagrados ministerios sem diminuição do seu credito, sem a minima decadencia da sua reputação, e bom nome; victoriosos sempre dos seus inimigos; amados dos bons, e só aborrecidos dos maos. Os Pontifices os enchiaõ de mil bençoões, e louvores: os Cardeaes os queriaõ por seus Theologos, e Confessores: os Reys lhes entregavaõ a direcção de suas consciencias, e de toda a sua familia: os Bispos os chama-vaõ coadjutores os mais fieis do seu Pastoral officio: ou fosse entre fieis, ou barbaros era incançavel o seu zelo: entre fieis extirpando vicios, e plantando virtudes: entre barbaros arrancando a idolatria, e dilatando a Fè: mas por esta cauza em toda a parte estimados, venerados, e applaudidos.

6. Agora pergunto, se os homens, que lem historias, quaes são os que asima a pontei, achassem nellas o mais leve fundamento para prudentemente julgar, que *os Jesuitas a miudo, vendose em cazos apertados, se desembaraçavaõ delles, usando do expediente de matar com veneno os que lhes erão contrarios, estimariaõ estes occultos traydores, estes dissimulados homicidas, estes assassinos, estes tyrannos? Certamente não. Logo se os honravaõ, se os applaudiaõ, era por serem quimericas, e destruidas totalmente de verdade aquellas mortes attri-*

buidas à efficacia de veneno dado pelos Jesuitas. Isto supposto, que maior loucura, do que trazer aqui à memoria, *que a morte improvisa de Innocentio XIII. fora obra dos Jesuitas, e que a mesma sorte tiverão os Card. Archinto, e Passionei mortos de hum accidente Jesuitico?* gastando papel, e pondo em publico, como se fossem certos, huns factos, que nenhum homem, que discorre, pode ter por verdadeiros. Se os Pontifices, que succederaõ no Solio àquelle Papa, ao menos entrassem na sospeita, por mais leve, e minima que fosse, de que os Jesuitas lhe tinhão dado a morte com veneno, não procurariaõ examinar a verdade, e achando-a, não os castigariaõ com pena igual à atrocidade de delicto tão execrando? Pois nada disto fizeraõ todos elles. Continuaraõ a honrar, a louvar, e exaltar athè às estrellas esta Religiaõ. Mais ainda: se os Card. Archinto, e Passionei tivessem sido victimas dos venenos Jesuiticos, deixaria por ventura o Papa Clemente XIII. de o saber? E sabendo-o passaria, e expediria a Bulla *Apostolicum*, na qual ex *motu proprio*, & *ex propria scientia*, não so confirma, e approva de novo a Companhia, mas a louva, e engrandece pelo grande bem, e utilidade, que sempre fez aos proximos por meio de todos os seus ministerios? Ainda não disse tudo. Se o Papa immediato successor de Clemente XIII.

XIII. ; o qual constangido de alguns Principes abolio esta Religiao , tivesse não digo ja por certo , mas ao menos por provavel , e duvidozo , que os Jesuitas tinhaõ sido em algum tempo authores da morte de alguns Princepes , Pontifices , Cardeaes , ou Reys , omittiria no seu Breve este tão relevante , e forçozo motivo de osextinguir? Certamente não: pois lea-se o sobredicto Breve , e nelle se não acharà clauzula alguma , que indique huma tão absurda , e atroz maldade cometida por estes Religiosos.

7. Senhor Gama , se os Jesuitas soubersem manipular venenos , e delles se servissem *nos cazos apertados* , não os haviaõ de dar aos Papas , aos Cardeaes , e aos Reys , de quem sempre foraõ estimados , e favorecidos ; haviaõ de dallos à quelles , que sempre os perseguiraõ , e infamaraõ ; aquelles que nestes ultimos tempos , dispendendo grandes sommas de dinheiro a torto , e adireito , como dizem , procuraraõ a sua total ruina : entre os quaes tem hum grande , e distincto lugar o Senhor Carvalho , alem de outros , que o seguiraõ ; os quaes todos conhecidos eraõ muito bem dos Jesuitas ; sabendo com evidencia , que delles lhes vinha todo o mal , que experimentavaõ , e temiaõ. Mas se todos estes seos contrarios , ou ainda estaõ vivos , ou ja morrerãõ nos seos leitos , sem ser *de acciden-*

te

te Jesuitico, que maior prova ; que estes Religiosos, nem a miudo, nem raras vezes, se servirão do expediente de dar a morte aos seus adversarios com hum licor desconhecido? Se estas razões não convencem, he o Senhor Gama hum da quellas, dos quaes se diz, que cum fustibus est agendum. Antes porem, que passemos a outra couza, direi duas à cerca do epitaphio do Card. Passionei. A primeira he, não julgar eu, que este incomparavel Purpurado lançara pela boca fora aquella tão impia, e absurda propozição: de esperar ver o gosto de ver antes da sua morte a total extincção da Companhia. Mas se assim foi, (seja elle, ou não seja Jesuita) nunca a mão doa a quem põz, ou compoz o Epitaphio: *Dominico S. R. R. Cardin. Passion. S. J. superstes*. A hum tal dezejo convinha hum tal inscripção. Se o Senhor Carvalho, sendo morto ha tantos annos, fosse ja sepultado, tambem se lhe podia gravar na urna: *Sebastiano Josepho de Cavalho, e Mello Portugallia Administro Societas Jesu superstes*, porque a pezar das excessivas, e extraordinarias diligencias, que fez para extinguir a Companhia, elle ja està morto, e a Companhia ainda vive; conservando-a Deos intacta com altissima Providencia entre scismaticos, ja que foi com summa injuria regeitada dos catholicos. Desta passemos a outra Nota.

8. Na

8. Na pag. 59. diz assim: os Indios da-
 vaõse inteiramente a superstiçoẽs, e tinhaõ
 naõ sò por verosimel, senaõ por certa, quan-
 ta extravagancia se pode imaginar nesta ma-
 teria: viviaõ na mais crassa ignorancia. Naõ
 lhes era licito saber mais, que aquillo, que
 podia ser de utilidade à Companhia. To-
 da a doutrina, que lhes ensinavaõ, se re-
 duzia a atemorizalos com o Inferno, senaõ
 obedecessem em tudo aos seus santos Padres.
 Naõ ha mentir mais descarado. Naõ hà
 clauzula nesta Nota, que esteja izenta
 de falsidade. Primeiramente, se falla dos
 Indios das Missoẽs, e que estavaõ nas
 Aldẽas dirigidas pelos Jesuitas (como a
 qui dà a entender, que falla, fazendo
 vizionaria Tanaiùra muito amiga de Lin-
 doya) digo ser huma grossa mentira af-
 firmar, que inteiramente se davaõ a super-
 stiçoẽs; antes era tanto pelo contrario,
 que succedendo virem ellas à pratica,
 riaõ, zombavaõ, e escarneciaõ, por te-
 rem nesta materia tanta, ou mais in-
 strução, do que tem muitos rusticos nas
 Aldẽas, e Terras de Portugal. Com isto
 naõ quero negar, que se achasse hum,
 ou outro, que tivesse por mào agouro
 o encontrar-se de madrugada com tal, ou
 tal animal; ouvir cantar este, ou aquel-
 le passaro: nunca porem com adhezaõ tão
 firme, que immovelmente assentasse, ha-
 ver de acontecerlhe algum infortunio.
 Mas quanto hà neste genero entre os

Varias
 calum-
 nias fin-
 gidas pe-
 lo Poeta
 contra os
 Indios, e
 Jesuitas.

E u-

Europeos? E por não hirmos mais longe, quantos Capitaens, e Pilotos Portuguezes não querem sahir da barra de Lisboa em certos dias, que chamaõ *Aziagogos*? Quantos esposos senão querem receber no mez de Novembro, tendo por mão agouro casar no mez dos mortos? Na noite de S. João que cousas senão fazem em Portugal, para dellas agourar o estado, que se ha de ter, e as fortunas, ou desgrças, que se lhes haõ de seguir? E com tudo nem os que isto fazem são Indios, nem se dizem *dados a superstiçãoens*. Athe a qui pelo que pertence aos Indios mansos, e que residem em Aldéas; pelo que respeita pois aos bravos, e que nos matos vivem à lei da natureza, não duvido, que haja alguns verdadeiramente supersticiosos; mas que culpa tem os Missionarios das suas superstiçãoens, não sendo seos Pastores, nem elles suas ovelhas? Disse *naõ duvido, que alguns*; porque de certo se sabe, que nem todos são inficionados deste mal. Quando desceraõ dos bosques para se estabelecerem em Aldéas as duas Naçoens dos Muruanas, e Duiratybas, em nenhum dasquelle Indios se a chou indicio algum daquelle vicio; antes consta, que huã India dos Muruanas, depois de estar muito tempo na Missão sem saber, que cousa eraõ superstiçãoens, as foi aprender, e talvez praticar, em casa dos Por-

tu-

tuguezes, com outras maldades peiores ? E he possível, que hum homem, que nunca esteve nas Aldèas, nem teve communição com os Indios, que nellas estava, se atreva a levantar-lhes o falso testemunho, de que *eraõ dados à superstiçoens, e tinhaõ naõ sò per verosimil, senaõ por certa quanta extravancia se pode imaginar nesta materia?* E isto sem outro motivo mais, do que querer com este fingimento estender e seu Poema, e deshonnar os Jesuitas? Pois ainda aqui naõ pàra.

9. *Accrescenta, que viviaõ (os Indios) na mais crassa ignorancia, e que naõ lhes era licito saber mais, do que aquillo, que podia servir de utilidade à Companhia.* Eu dezerà aqui saber, que entende este Doutor por *viver em crassa ignorancia?* Quererà dizer por ventura, que os Jesuitas lhes naõ ensinavaõ, nem os Indios tinhaõ aprendido as bellas letras, para compor versos, e profas, assim como aprendeu delles o Senhor Gama? Ou tambem, que aquelles barbaros naõ se applicavaõ à Mathematica, nem sabiaõ Philosophia, ou Theologia, nem sciencia alguã speculativa? se à isto chama viver em *crassa ignorancia*, seja assim muito embora; naõ lho concedo, permittolho: mas veja naõ lhe caya o raio em casa, nem dê sentença contra si, chamando-o *alguem ignorante*, por estar, pouco mais, ou menos, taõ falto destas sciencias, como estaõ os Indios: mas

mas demos o feu à feu dono, e façamos justiça a todos . Nem de Vossa Mercè, Senhor Gama, nem dos Indios se pode dizer com verdade, que vivem em *crassa ignorancia*. De Vossa Mercè não; porque compoem os seus versos, taes; ou quaes. Dos Indios tambem não; porque alem de saberem alguãs artes liberaes; exercitavaõ, e muito bem, quasi todas as mechanicas. Muitos delles liaõ, e escreviaõ, alguns cantavaõ; porque para aprender tudo isto lhes tinhaõ os Jesuitas estabelecido escolas. Ellès sabiaõ a agricultura; porque cultivavaõ as arvores, *que davaõ a folha do Matè*, da qual diz Vossa Mercè na pagina 28. *que os Jesuitas tiravaõ cada anno muitos milhoens de lucro*. E tambem preparavaõ os *deliciõsos jardins*, aonde estes Padres recolhiaõ os espiritos cansados de trabalhar na vinha do Senhor, como diz na pagina 78. Elles sabiaõ alguã coufa de fortificação; porque os *militares Portuguezes* os acharaõ fortificados para lhes impedir os passos no Posto de Santa Tecla, como diz na pagina 13. Eraõ disciplinados no manejo das armas, como diz na pagina 41. Elles eraõ Ferreiros, Pedreiros, e Carpinteiros, porque elles foraõ os que fabricaraõ os Templos, que ali tinhaõ mais magnificos de quanto se pode imaginar em Europa; como diz na pagina 27. Elles finalmente sabiaõ bordar; e taõ primorosamente, que o General (Portuguez) não se podia per-

sua-

suadir, que os riquissimos ornamentos (das suas Igrejas) tivessem sido bordados naquelle paiz, athe que se lhe mostrou hum, que foi achado junto à sacristia, ainda imperfeito no tear, como diz na pagina 86. Tanto, como isto, não sabe Vossa Mercè fazer, Senhor Gama; e com tudo não ha de querer, que lhe digão, que vive em crassa ignorancia: pois para que o diz dos Indios, que estavam nas Aldèas dirigidas pelos Jesuitas Hespanhoes, sabendo elles muito mais, que Vossa Mercè? Vè como he certo o ditado, de que mais de pressa se apanha hum mentiroso, do que hum coxo. Quem mente não ha de ser desmemoriado, segundo o proverbio, que ja em outro lugar citei, mendacem oportet esse memorem. Se Vossa Mercè queria dizer nesta Nota, que os Indios viviaõ em huã crassa ignorancia, havia de lembrarse do que tinha dito nas antecedentes, e do que intentava dizer nas seguintes, para o não calcularem de falsario, mentiroso, e impostor. Eu creio, que este bom homem medio pela mesma rasoura os Indios das Missoens de Hespanha, e os das Missoens de Portugal, julgando, que todos eraõ o mesmo; mas enganouse, porque os da parte do Brasil, e Maranhão são mais brutos, e salvagens; e como non ex omni ligno fit Mercurius, não são tão habeis para as artes, ou sejaõ liberaes, ou mechanicas, como os outros; os quaes exerci-

citavaõ todas aquellas , que serviaõ para commua utilidade , e naõ sò da Companhia; como se diz nesta Nota , sem fundamento algum.

Desmente
esta ca-
lumnia
El-Rey
Carlos III.

10. Pois o que accrescenta no fim da mesma Nota , dizendo , que toda a doutrina , que os Jesuitas ensinavaõ aos Indios se reduzia a atemorizallos com o Inferno, senaõ obedecessem em tudo , e por tudo aos seus santos Padres , contem outra falsidade clara , e manifesta . Tinhaõ os Jesuitas mandado imprimir hum Catecismo , que todos os dias se lia , e explicava aos Indios na Igreja , e segundo elle os exhortavaõ naõ sò ao temor dos castigos , senaõ tambem a esperança do premio , ao amor de Deos , e do Proximo , à paciencia nos trabalhos , à resignação nas enfermidades , à devoção dos Santos , e veneração da suas Imagens; em huã palavra , ao exercicio , e praxe de todas as mais virtudes. Para confirmar o que digo , e tapar a boca à este maledico , naõ produzirei aqui mais , que dous testemunhos os mais authorizados , e dignos de fê , (omittindo outros muitos , que podia accumular) hum do Rey Catholico Carlos III. , outro do Illustrissimo Senhor Peralta , Bispo Dominicano , dando conta à sua Magestade da visita , que fêz a todas aquellas Aldêas. O Rey no Decreto , em que ordenou se mandassem para a America naõ sò trinta , como era costume , mas sessenta Je-
[sui-

fuitas, segundo ja asima disse, da expressamente esta razaõ (repare bem nella o Author destas Notas) paraque aicha Provincia del Paraguay attienda con el esmero, e zelo, que hasta aqui a las conversiones, de que està encargada. Ora se a doutrina dos Jesuitas se reduzisse toda a atemorisar os Indios com o Inferno, senaõ lhes obedecessem em tudo, e por tudo, louvaria aquelle Monarcha o zelo, com que estes Religiosos se applicavaõ às conversoens, de que estavaõ encarregados? Ou mandaria outros operarios, que ajudassem os primeiros a extorquir dos Indios a força do terror do Inferno huã cega, e total obediencia às ordens particulares, e preceitos dos Jesuitas? Que responde a isto, Senhor Gamma? Dirã talvez, que aquelle Soberano estando na Europa naõ era bem informado do que passava na America? Ora ouça agora, o que diz hum Prelado Ecclesiastico, testemunha de vista de quanto se fazia nas Aldèas.

II. Da Cidade de Santa Fè! (diz o Illust.issimo Peralta) passei a visitar os povos, e Reducçoens, que estàõ ao cuidado dos Padres da Companhia de Jesus, e se estendem por mais de 100. legoas. Saõ estes povos 30. em numero; dos quaes 17. pertencem ao Bispo de Buenos Ayres, e 13. ao do Paraguay. Visitados os 17. da minha jurisdicção, passei a administrar o Sacramento da Confirmação na quelles do Paraguay com licença, e à instancia

Tambem a desmen- te o Illu- str. Bispo Peralta.

do Cabido, sede-vacante. E porque não duvidou, que a catolico Real zelo de vossa Magestade terá grande gosto de ser informado do estado, e progresso destes pobres Indios, exporei o que vi aqui com os meos olhos, e toquei com as minhas mãos com tanto gosto meu, e consolação espiritual, que me faziaõ parecer ligeiros os muitos, e grandes trabalhos soffridos na dita visita, vendo huã tão grande multidão deovelhas, que estando postas em lugares diversos, e entre si tão distantes, com tudo estaõ com tanta obediencia pendentes da voz do seu Pastor, como se estivessem no mesmo aprisco. Obrigado a partir, não me pude separar sem grande dor, etaõ cheio de devoção, que dou graças à Deos de continuo pelos copiosos beneficios, e benção, com que assiste à quelles povos por meio da quelles santos Religiosos, e homens apostolicos da Companhia de Jesus. (Confundida se aqui de caminho o Senhor Gama de pôr, como por zombaria, em letra grifa o epiteto de santos aos Jesuitas, quando hum Bispo, fallando delles, lhes dà este mesmo titulo, como justamente merecido.) De continuo (prosegue elle à dizer) se occupao em instruillos, e em radicallos sempre mais na Fè catholica, e fazelos sempre mais aptos, e promptos para o serviço de vossa Magestade, com huã tal fidelidade, como se a tivessem herdado dos seus maiores. Ver as Igrejas, e o decòro, com que se dà o culto à Deos, a piedade, e devoção nos Officios divinos, a destreza no canto devoto, o

orna-

brnato dos Altars, o respeito, e magnificência na celebração do Divino Sacrificio, e amor de Jesus sacramentado; assim como por huã parte excitavaõ em mim huã ternura inexplícavel, assim por outra parte me enchiaõ de confusão; vendo huã taõ notavel differença entre estes povos hà pouco convertidos à Fé, e os outros christãos antigos. E tudo isto he fruto da industria, vigilancia, e zelo, com que aquelles santos Religiosos da Companhia (torne aqui a reflectir no epiteto de santos o Senhor Gama, dado não por escarneo, mas seriamente, aos Jesuitas por hum dignissimo, e zelantissimo Prelado) criaõ, e ensinaõ aquelles povos, que estaõ ao seu cuidado. Finalmente saõ aquelles povos huã parte taõ digna, e respeitavel do seu Real patrimonio, que bem pôde vossa Magestade ter outra igual, mas não melhor, que ella.

Sò à vista destes dous unicos testemunhos podia eu, e talvez devia insultar aqui o Senhor Gama, e arguillo do insolente, e temerario arrojõ, com que se atreve a dizer na face do mundo, que aos Indios não era licito saber mais do que, o que podia servir para utilidade da Companhia; como se tudo aquillo, que elles faziaõ, e alima se refere, não fosse aprendido dos Jesuitas, e não cedesse tudo em proveito, beneficio, e utilidade, assim espirital, como temporal, dos mesmos Indios. Podia tambem insultallo da

K 2

fal-



falsidade; com que diz, que a d' outrina dos Jesuitas na quellas partes se reduzia toda a atemorisar os Indios com o Inferno, *se em tudo, e por tudo lhes não obedecessem*; desmentindo nisto a hum Rey, e a hum Bispo; a hum Rey, que tão claramente louva *el esmero, y zelo, con que la Provincia del Paraguay, attiene a las conversiones, de que està encargada*. E a hum Bispo, que tão diffusamente refere os muitos, e differentes exercicios de devoção, e piedade, que nas Aldêas ensinaõ aos Indios os Missionarios. Considerando porem a este calumniador confuso, e envergonhado, perdo olhe por esta vez, mas espero, que se emende. Vejamos, se o faz nas Notas seguintes.

12. Na pagina 60: não tendo este Poeta, que contar, ou cantar do seu Heroe o Senhor Mendonça, passa da America à Europa à louvar o seu Mecenaz, o Senhor Carvalho. Para isto finge nos seus versos, que Lindoya vira no Paraguay por arte do Diabo a Cidade de Lisboa arruinada por causa do terremoto de 1755.. Ora eu não reparo aqui no grande pulo, e salto, que deu este Papagayo do Brasil passando de hum vo-o tanta terra, e tanto mar, para dizer quatro lizonjas a quem esperava, que lhe desse de comer; (a fome a isto, e a muito mais obriga) o que censuro he, que para adular o Senhor Carvalho, in-
fa-

famafse os Jefuitas , dizendo em huã No-
ta : He notorio quanto os Jefuitas abusarã ; e pertenderã servirfe da calamidade publica (o terremoto) para consternar os povos , e reduzi-los aos seus perniciosissimos interesses . De forte , que a não ser a serenidade de animo do nosso amabilissimo Monarcha , verdadeiramente imperturbavel , e a constancia do seu illumi-
nadissimo Ministerio (quer dizer Ministro) ficava para sempre Portugal sepultado nas ruinas de Lisboa . Estas palavras , que fielmente trasladou aqui o Senhor Gama de alguns escriptos compostos pelo Senhor Carvalho , tem sido verdadeiramente hum enigma ; mas tão confuso , e escuro , que ninguem athe a qui o pode entender , nem penetrar . A razão he ; por que por mais torturas , que se tem dado ao entendimento ; não occorre , quaes fossem os perniciosissimos interesses , a que os Jefuitas pertendessem reduzir os povos , consternando-os ; e servindose abusivamente de quella publica calamidade ? E muito menos , que os interesses fossem taes , que a não ser a serenidade do Rey , e a constancia do seu Ministro , houvesse de ficar Portugal sepultado nas ruinas de Lisboa .

13. Estes pobres Religiosos com aquella publica calamidade ficãrã tão consternados , e fora de si , como todo o mais povo de Portugal ; principalmente em Lisboa , aonde fez maior estrago aquella horriavel flagello : Vendose sem ha-

Mostra-se a falsidade, com que se diz, que os Jefuitas Portuguezes se aproveitãrão da occasião do terremoto para aterrorizar os povos.

bitações, nem Igrejas: huás em grande parte arruinadas, outras ameaçando ruína, por causa dos tremores da terra muito sensíveis, e frequentes; para conservarem as vidas, que Deos por sua misericordia lhes tinha salvado na quelle funesto dia primeiro de Novembro de 1755., se retiraraõ aos seus hortos, não só admittindo nelles, senão tambem soccorrendo com as esmolas, que podião, a todos aquelles, que necessitados de abrigo, e de sustento, ali se quizerão recolher. Nestes sitios levantaraõ Igrejas de madeira, afim de celebrar as Missas, como taõbem para administrar os sacramentos da Penitencia, e Communhaõ às innumeraveis pessoas, que arrependidas das suas culpas dezejavaõ reconciliar-se com Deos, e aplacar a sua Divina justiça. Ali exhortavaõ de continuo aquelles Padres a huã seria, e verdadeira conversão, a hum entranhavel odio ao peccado, a hum efficaz proposito de emenda; ali consolavaõ os afflictos, ali animavaõ aos pusillanimes a esperar bem na Divina misericordia; ali, dando os remedios de graça, curavaõ os enfermos, e feridos. Não he isto ainda o mais; porque dali sahiaõ tambem a desenterrar os vivos, e a sepultar os mortos, a assistir aos moribundos, e athe a confortar nos patibulos os muitos reos, a quem por aquella occasião se deu a morte; em

pe-

pena de delictos, dos quaes talvez adian-
 te fallaremos. Isto fizeram os Jesuitas em
 Lisboa, no tempo da quella publica ca-
 lamidade; isto sim, isto he, o que foi
 notorio, não só à toda aquella Corte,
 mas a todo o Reyno. Agora quaes fos-
 sem os abusos, que commetterão, quaes
 os perniciosissimos interesses, a que perten-
 derão reduzir os povos consternados,
 nem então foi notorio a alguém, nem
 depois, nem o será ja mais. Desorte,
 que todas aquellas palavras altiloquas,
 todas aquellas expressões hyperbolicas
 não são só insignificantes, e unintelligi-
 veis, mas contrarias entre si, e repu-
 gnantes. E senão pergunto: ou os Jesui-
 tas entendião, que a serenidade do Monar-
 cha, e a constancia do seu Ministro haviaão
 de obstar, e impedir os seus interesses per-
 niciosissimos, ou não? se o entendião, era
 loucura nelles pertender reduzir os povos
 aos taes interesses; se onão entendião,
 maior loucura era, e mais rematada;
 porque não sendo os interesses impedidos
 pela serenidade do Monarcha, e constancia do
 seu Ministro, ficava Portugal, como se diz
 nesta Nota, sepultado para sempre nas rui-
 nas de Lisboa; e por consequencia legiti-
 ma todos os Jesuitas ficariaão mortos,
 todos os seus collegios perdidos, todas
 as suas casas arruinadas, todos os seus
 bens, e fazendas, todos os seus moveis,
 e alfayas, todas as suas immensas rique-

zas, e inexauriveis thesouros ficariaõ
sepultados para sempre nas ruinas de Lisboa;
Veja aqui, Senhor Gama, as entrosgas,
em que se mette, quem imprime tudo,
o que lhe vem à penna. Se *bis ad limam,*
cum semel ad linguam, (a) isto he, se duas
vezes se ha de limar, o que huã vez se
ha de dizer; quantas vezes será bem;
que se lime, o que se ha de estampar?
Entre as palavras, e os escriptos ha esta
notavel differença; que as palavras ape-
nas nascem morrem: os escriptos, se
chegaõ a sahir à luz, são immortaes.
Assim que, meu Senhor Escrivão, para
outra vez ou estampe menos, ou consi-
deré mais; senão quer verse em calças
pardas, como se vio nesta Nota, e em
todas, ou quasi todas as passadas. Passe-
mos às seguintes.

Louvor;
que dà o
Poeta ao
seu Mece-
nas nada
por elle
merecido.

14. Na pagina 62. para proseguir os
louvores do seu Mecenas, e tambem do
seu Heroe, continúa esse Poeta à fingir
nos seus versos, que a India Lindoya;
depois de ver por arte magica as ruinas
de Lisboa, vira logo esta Cidade reedi-
ficada, ea Marinha em hum estado flo-
rente: ao que tráz estas Notas: *Providen-
cia sobre o terremoto. Desentulho da Cidade.
Reedificação de Lisboa. devida inteiramente à
grandeza do coração de sua Magestade, e ao in-*
can-

(a) *Divus Bernard. Spec. Monn.*

tançavel espirito do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde de Oeyras. A Marinha Real no florencissimo estado, em que a vemos, não he a ultima gloria deste felicissimo Reynado (do Senhor D. Josè I.) gloria, que se deve principalmente ao zelo do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Francisco Xavier de Mendonça Furtado. Não fallando estas Notas nos Jesuitas, cuja defesa he o meu principal assumpto, estive para o mittillas; mas por que vejo, que o Senhor Gama nesta materia está falto de noticias, quero darlhe aqui alguãs, para sua instrucção.

Primeiramente as providencias sobre o terremoto, que deu o Senhor Carvalho não sô forão poucas, mas muito tarde, e às mãs horas. Lisboa esteve abraçando por mais de dez dias successivos, sem se dar providencia a apagar o fogo, ou atalhallo ao menos, para não consumir o Palacio Real, a Igreja Patriarchal, a casa do Thesouro, e assim outros edificios publicos, não fallando nos particulares: Desorte, que se hum leigo Jesuita, que residia na Casa Professa de S. Roque (a), se não animasse, ajudado de alguãs pessoas, que para isso chamou, a extinguir o fogo, e chamas ja vizinhas àquelle sitio, usando de duas bombas, que bem a caso se tinhaõ comprado no espolio do Em-

mi-

(a) Chamado Braz Duarte.

minentissimo Cardeal Almeyda ; arderia sem duvida todo o Bairro alto , e com elle , alem de muitos edificios nobres , a riquissima capella de S. Joaõ , que o Senhor Rey D. Joaõ V. tinha mandado fabricar na Igreja dos Jesuitas ; e tambem os preciosissimos ornatos , e para-mentos , de que a tinha dotado . Foi esta acção tão singular , e agradou tanto ao Senhor Rey D. Josè I. , que contando lha o Senhor Monteiro Mór , mandou por elle agradecer à quelles Religiosos o grande beneficio , que tinham feito ao publico . Mais ainda : podendo logo , e devendose por patrulhas de soldados , ou por editaes fixados nos lugares publicos , para embaraçar , e prohibir , que se entrasse nas Igrejas arruinadas , e nas casas particulares sem manifesta licença de seus donos à tirar , o que nellas havia , por muito tempo se omittio esta providencia ; demaneira , que a plebe erradamente persuadida , que aquelles lugares , e tudo , o que nelles se achava , estando *pro derelicto* , era *primi capiensis* , sem rebuço , ou cautela , mas com toda a liberdade , entrou à aproveitarse de quanto encontrava , assim nos templos , como nos mais edificios , em parte destruidos , o totalmente desertos : Athè que avisado o Senhor Carvalho desta tão grande desordem , como se acordasse de hum profundo letargo , mandou em huã madrugada , que

huã

huã parte da soldadesca impedisse a saída de Lisboa, e a outra discorrendo pela cidade prendesse estes suppostos, ou verdadeiros ladroens, fazendo nelles huã cruel carnesficina: porque summariamente julgados do mesmo lugar, em que ouviaõ a sentença, partiaõ para o patibulo, sem mais disposição, ou preparo para à morte, doque aquelle, que fizessem pelo caminho. Aqui foi, que os Jesuitas tiveraõ huã nova occasião de exercitar o seu zelo, e caridade, que costumavaõ usar com os Justificados; trabalhando não pouco em dispor aquelles Rêos a receber com resignação aquella morte tão apressada, ainda que bem merecida.

15. A mesma negligencia houve em não mandar logo, que succedeu o terremoto, e se vio arruinada Lisboa, fazer nos seus arredores fornos de cal, e telha para reparo, ou dos edificios, ou das barracas: como tambem em não cuidar em recolher, e unir em algum lugar separado as Religiosas, esposas de Jesu-Christo; antes permittir, que andassem por muito tempo vagabundas: huãs pelas casas dos parentes, outras pelas dos amantes. Estas, e outras muitas faltas de *Providencias*, que devia, e podia dar o Senhor Carvalho, estando naquelle tempo ao leme do Governo, experimentarão os pobres Portuguezes na quella publica calamidade, e se hei de dizer tu-

tudo, tão longe esteve este Ministro de
fer, ou mostrar-se provido em huas cir-
cunstancias tão criticas, como eraõ a-
quellas, que antes impedio se continua-
sem a pôr em praxe alguas, que se ti-
nhão dado para commum remedio dos
necessitados, como agora direi. Tinha o
Senhor Diogo de Mendonça insinuado à
sua Magestade, que à custa do seu Regio-
erario ordenasse matasem alguns bois,
e vacas em certos lugares, para onde se
tinha refugiado maior multidão do po-
vo; e ali se repartissem aos que necessi-
tassem de sustento. Annuio o pio Mo-
narcha; e com effeito se executou esta
ordem, dada pelo mesmo Senhor Diogo
de Mendonça Corte Real da parte de sua
Magestade aos Marchantes: passadas po-
rem poucas semanas, foi por conselho
do Senhor Carvalho suspendida esta tão
louvavel, e necessaria providencia; de-
sorte, que não se animando o Senhor Dio-
go de Mendonça a fallar segunda vez
nesta materia ao Rey, se vio obrigado à
pagar da sua algibeira toda a despesa,
que não era indifferente, que nisto se
tinha feito. Mais ainda: Tinha tambem
aquelle mesmo Senhor Diogo de Men-
donça supplicado à sua Magestade, que
perdoasse aos Pescadores os tributos, que
pagavaõ, para poderem vender o peixe
mais barato, e consequentemente com
menos dispendio ter o povo, que comer,
mas.

mas também esta providencia impedio logo o Senhor carvalho, dizendo, e persuadindo a El-Rey, que pelo terremoto ninguem ficara mais pobre, do que Elle. Huã certa providencia quiz elle dar, não à favor dos pobres, mas dos ricos, que foi ordenar, que na praça do Rocio se fabricasse huã casa, na qual os habitantes de Lisboa podessem depositar as suas pratas, as suas joyas, e mais alfayas ricas, que tivessem salvado das ruinas do terremoto, em quanto não tinham lugar commodo, em que as guardar com segurança. Pareceu louvavel este arbitrio, e com effeito se fabricou a casa; mas os Portuguezes ou por ingratos à quelle beneficio, ou por suspiciosos de tanta benignidade, não se aproveitaram da quella graça; e não obstante ser esta occasião, em que parecia ser necessario fazer do Ladrao fiel, como he costume dizer, antes quizerao todos expor-se a que os seus teres, e haveres, por via de roubo cahissem nas mãos de outros, do que por meio da quelle deposito viessem à noticia do Senhor Carvalho. Tanto desconfiavao dos projectos deste Ministro! Taõ mào conceito formavao das suas sinistras, e occultas intençoens!

16. As noticias destas couzas, que presenciou em Lisboa, quem as escreve, não sabia Vossa Mercè, Senhor Gama, que

que neste tempo estava no Brasil divertindo-se, e brincando com outros da sua idade; porque, se as soubesse, creio, que não fallaria aqui em *Providencias sobre o Terremoto* dadas pelo Senhor Carvalho. Verdade he, que as não expõem; ou estende, assim como elle fez, mandando imprimir hum Papel alguns meses depois de ter succedido aquelle funesto caso, no qual referia por miudo as cautelas, as diligencias, eos meios, que logo se tinham applicado para o fim de reparar os estragos daquelle horrivel flagello, e acudir promptamente à necessidade de tantos infelizes, e miseraveis. Narração, que à todos causou riso, quando sabião, que por muito tempo nada se tinha feito, do que ali se contava. Igual a todas estas negligencias, que tenho apontado, foi tambem a que houve em desentulhar a Cidade, e em reedificalla. Quantos meses se passaraõ primeiro, que alguãs ruas de Lisboa dessem passagem livre, e franca aos seus habitadores? Quantos annos correrão antes, que começasse aquella reedificação? Cuidou logo aquelle Ministro em fazer novo Palacio para si, e em alugar o antigo. Cuidou em fingir conjuraçoens, e edificar carceres, e depois de encher os velhos, entulhar tambem os novos de presos de Estado; cuidou em povoar as conquistas de desterrados: de extinguir huã parte da

da nobreza de Portugal, e de abater, e humilhar a outra: cuidou em infamar os Jesuitas, despojallos de todos os seus bens, e exterminallos para sempre do continente do Reyno; e de todos os seus dominios. Nisto occupou o Senhor Carvalho todos os seus pensamentos; nisto empregou todas as horas dos dias, e também as das noites, estando suspenso entre tanto a demarcação das estradas, o desenho dos templos, o risco dos edificios, e a abertura dos aqueductos: em huã palavra, a restauração de Lisboa, e com ella demorado juntamente o bem commum, o reparo do povo, a utilidade publica.

17. Da terra passemos ao mar, em que diz este Poeta lisongeiro, *que o Senhor Mendonça, seu Heroe, conseguira hua gloria immortal, pondo a Marinha por virtude do seu zelo em hum estado florentissimo. Que encarecimento! Que hyperbole! se o fogo, que se seguiu ao terremoto, abrazou grande parte da madeira, que estava no Arsenal, para construcção dos navios, e a que depois se mandou vir toda era necessaria para formar barracas, ou edificios, que grande quantidade de naos se podia fazer para o mar, que puzesse a Marinha em hum estado florentissimo?* Este fastoso titulo, Senhor Gama, só compete à Marinha de Inglaterra, e nestes ultimos tempos à de França, à de Hespanha, e à da

Ostro
louvor,
que dá
ao Heroe
do seu
Poema
sem o
merecer.

à da Rússia; à de Portugal, fallemos claro, nunca competio: e muito menos no tempo do Senhor Mendonça. Duas naões de Linha pouco mais, ou menos; quatro fragatas, e meia, com outros tantos chavecos não fazem huã Marinha verdadeiramente respeitavel, nem a poem em estado *florentissimo*. Dizer o contrario he querer enganar o Publico, e tapar os olhos ao mundo. Mas agora me occorre, que talvez o Senhor Mendonça mandasse fazer em Lisboa no tempo do feutal, ou qual Ministerio algum Hyate semelhante à quella não mandada fazer por elle no Rio de Janeiro, e em que vieraõ do Maranhão desterrados os Jesuitas Portuguezes; da qual diz na pagina 63. *que era embutida de peregrinas madeiras de diversas cores; obra muito rara, e admiravel no seu genero*. E a isto unicamente se reduza o *pòr em estado florentissimo a Marinha de Portugal*. Se tanto chegou a fazer este Heroe, e Irmaõ de Heroes, e se tão pouco basta para merecer o grande louvor, que nesta Nota se lhe dà, outros o julguem, em quanto eu passo à pagina 64.

Refuta-se
o que fal-
samente se
affirma da
ignorancia
dos Jesui-
tas da A-
merica
Portugue-
za.

18. Aquì depois de dizer em verso, que *aquella não embutida de peregrinas madeiras*, em que da America vieraõ para a Europa desterrados os Jesuitas, transportava a *ignorancia, e a magra inveja, e envolta em negros, e compridos panos*, o di-

a discordia, o furor, a torpe, e velha hypocrisia, et c. traz esta Nota sò a posteridade poderá justamente avaliar esta acção, que será sempre a mais brilhante entre todas as do nosso tão applaudido Ministerio (isto he Carvalhano.) Sem se fazer este passo, ja mais poderia o Reyno sahir da ignorancia, em que o tinhaõ. Antes que va adiante, quero aqui primeiro consolar ao Senhor Gama, a quem talvez terei mortificado neste meu Papel, dizendolhe, que finalmente cheguei à entender a justa razão, porque elle sahio dos estudos tão pouco adiantado. Se os Jesuitas, que o ensinaram no Brasil eraõ huns idiotas, como havia de sahir das suas escolas hum grande letrado? Era impossivel, sendo verdade Evangelica, que *non est discipulus supra Magistrum*: (a) Mestres ignorantes não podiaõ fazer hum discipulo sabio. Senhor Gama, eu o desculpo, antes me compadeço, da sua desgraça; conhecendo agora, que se estudasse com outros, que não fossem Jesuitas, supposta a sua grande capacidade, seria hum abismo de sciencia; como aprendeu com elles, he hum monstro de ignorancia.

19. Mas, Senhor Basilio, *nunc ammoto queramus seria ludo*. Vossa Mercè nenhũa
ra-

(a) *Matth.* 10. v. 24.

razaõ tem para dizer , que a fragata ; que trouzera à Portugal os Jesuitas do Brasil, transportava a *ignorancia*. Aquella Provincia não sò floreceu sempre em feitos insignes em santidade, (a) senão também em sabedoria , como pode ver no Barboza, Author da Bibliotheca Portugueza; entre os quaes acharà hum Antonio Vieira, hum Alexandre de Gusmaõ, hum Simaõ de Vasconcellos, hum Prudencio de Amaral, hum Manuel Ribeiro. Alem destes mais antigos, outros nos nossos tempos se assignalaraõ nas faculdades, e sciencias, que publicamente ensinavaõ , como foraõ hum Francisco de Matos, hum Simaõ Marques, hum Francisco de Almeida, hum Manuel da Fonseca, hum Christovão Cordeiro, hum Manuel Xavier Ribeiro, e outros muitos, que omitto por brevidade . Se no Brasil não fossem prohibidas as impressas, teria visto a Republica literaria produçoens excellentes dos raros engenhos, de que abundava a Provincia da Companhia Brasiliana. Em Italia sei eu, que por ser ali menos custosa a estampa, que em Portugal, tem elles dado ao prelo

obras

(a) Taes foraõ Ven. Josè de Anchieta, o Jesuita Joaõ de Almeida, o Ven. Alexandre de Gusmaõ, o Jesuita Manuel de Nobrega, eo Jesuita Belchior de Pontes; não fallando em outros, que morrerãõ em Roma com opiniaõ de santidade.

obras Poeticas com estilo tão culto, e latinidade tão pura, que os eruditos as lem com applauso, e admiração: (a) Mas para que me canço? este injusto Almotacel das sciencias, e ignorancias alheas teve por Mestre o Jesuita José Nogueira, homem consummado na Arte de Rethorica, que lhe ensinou no Rio de Janeiro: Conheceu o Jesuita Francisco da Silveira, que além de o favorecer, e soccorrer muito em Roma, lhe corrigia os versos, que eram dignos de emenda, e os que não chegavam a fello, os substituiu com outros, que de novo fazia. Finalmente conheceu, fallou, e tratou ao Jesuita José Rodrigues, que além dos versos por elle dados à luz, lhe compoz outros muitos, os quaes, como obras suas repetia na Arcadia, para poder merecer com elles hum lugar entre aquelles Academicos. Isto supposto, senhor Gama, se V. M. sahio das Escolas fraco letrado, esta sua ignorancia não se pode attribuir à falta de sciencia dos Mestres, mas à sua pouca applicação, em quanto mancebo. Eo peor he, que ja agora, como Preto velho, não

(a) Prudentii Amaralii Brasiliensis de Sacchari Opificio Carmen, Pisauri 1780. Josephi Rodrigues de Mello Lusitani Portuensis, de Rusticis Brasiliæ rebus Carminum libri IV. Romæ 1781.

não aprende lingua; segundo o ditado Portuguez : sinto lhe pouco remedio . Mas console-se , que tem muitos compañeros; tambem os Indios Americanos vivem em grande *ignorancia* por culpa dos Jesuitas, como diz na pagina 59. e com tudo vivem alegremente.

20. Dada amigavelmente esta consolação, não me canço, nem enfastio aos meos Leitores em refutar os vicios, que no Poema se attribuem aos Jesuitas; chamandolhes *Invejosos, Discordes, Furiosos, e Hypocritas*: (pelo que toca a Ignorantes, talvez fallarei depois) porque como aquelles vicios estão descriptos em verso, isto basta para se conhecer, que são ficções, ou enthusiasmos poeticos . Quero unicamente restringirme ao que diz na prosa . Nella affirma, que *sò a posteridade poderá justamente avaliar esta acção* (de exterminar os Jesuitas), *que será sempre a mais brilhante entre todas as do nosso tão applaudido Ministerio* . Aquí em parte diz mal o Senhor Gama, em parte diz bem. Diz mal, porque não he necessario appellar para o futuro. Logo que a Companhia sahio de Portugal, se avaliou esta acção, ou, para dizer melhor, esta expulsão, não pela *cousa mais brilhante do applaudido Ministerio*, mas pelo golpe mais fatal, que podia vir a todo o Reyno : sentindo, e chorando todos a falta de huns Religiosos, cujo unico emprego era

pro-

promover a maior gloria de Deos, e bem espiritual dos proximos: Virão-se de repente os Pays de familias sem ter aquem confiar os seus fillos para a boa educação: virão se os discipulos sem Mestres, os penitentes sem confessores, os rudes sem catequistas; sem Pregadores os ouvintes; sem conforto nos ultimos momentos da vida os moribundos. Virão-se os reos sem ter quem soubesse animallos, e consolallos nos patibulos; os presos sem Procurador, que lhes sollicitasse, e lhes subministrasse algum sustento. E vendose as aulas fechadas, os confessionarios desertos, as grejas despoçadas, os pulpitos mudos, e todos, ou quasi todos privados da grande utilidade espiritual, que recebiao dos Jesuitas por meio dos seus sagrados ministerios, sentiaõ amargamente esta perda, e a avaliavaõ por huã das maiores, e mais lamentaveis desgraças, que podiaõ succeder a Portugal.

21. Athe aqui a razão, porque disse mal, proferindo, que só a posteridade seria justa avaliadora deste exterminio: Agora a razão, porque disse bem, he este, porque fazendose cada vez mais sensivel a falta destes zelosos operarios, e incantaveis Ministros de Deos, quanto mais forem correndo os annos, e passando os seculos, pela mesma fragilidade dos homens, e corrupção da nossa natureza,

se experimentará neste Reyno maior decadencia na piedade, no culto de Deos, e dos santos, na frequencia dos sacramentos, na boa educação da mocidade, e finalmente em todos os exercicios devotos, e conducentes à nossa eterna salvação. E sendo assim, com razão diz o Senhor Gama, que sò a posteridade poderá justa, edignamente *avaliar esta acção* de exterminar os Jesuitas, não pela mais *brilhante do applaudido Ministério*, como assevera, mas pela mais funesta, e nociva, que lhe podia succeder, como eu acabo de mostrar. Ponhamos fim a esta Nota; na qual se accrescenta, que *sem se fazer este passo* (de desterrar os Jesuitas) *ja mais poderia o Reyno sabir da ignorancia, em que o tinhaõ.*

Insolente
asserção do
author do
Poema, e
absurdas
consequencias,
que delle
se deduzem.

22. Senhor Gama, se este seu asserção he verdadeiro, como parece, que quer que julguemos, delle necessariamente se deduzem alguãs consequencias, que V. M. não poderá negar. A primeira he, que todos, os que estudaraõ com os Jesuitas, sahiraõ das suas escolas ignorantes. E quererá V. M. honrar com este fastoso titulo a tantos homens grandes por nascimento, e por letras, os quaes frequentaraõ as aulas destes Padres, ou em Lisboa, ou em Coimbra, ou em Evora, não fallando em outras cidades, nem em tempos mais antigos? Quererá, torno a dizer, honrar com este fastoso

ti.

titulo aos Excellentissimos Senhores José Francisco, D. Francisco de Noronha, os dous Senhores D. José, e D. Luiz de Vasconcellos, e ao Senhor Nuno da Cunha? Estes escolares dos Jesuitas em Lisboa; em Coimbra aos Eccellentissimo Senhores Ayres de Sá, e Mello, e ao Senhor José de Seabra? Em Evora aos Excellentissimos Senhores Martinho de Mello, D. Miguel de Portugal, Pedro Jaques de Megalhaes, D. Nuno Alvares Pereira, e Jaime da Silva Telles? Sem fazer aqui menção de infinitos outros de menor graduação, mas de igual, ou talvez maior sabedoria, ques eraõ quasi todos os Alumnos do Real Collegio da Purificação. Nomearei alguns, que me lembrão, e porque são mais modernos. Hum Faleiro, hum Monte, hum Branco, hum Torraõ, Ecclesiasticos todos de huã profunda sciencia, ou fosse na Theologia moral, ou na especulativa. Senhor Gama, se se atreve a chamar a estes homens ignorantes, digolhe, que tem grande animo.

23. A segunda consequencia he, que tambem foraõ ignorantes os Jesuitas todos, que ensinaraõ neste Reyno. E perceberá V. M. ter nesta conta a tantos Mestres insignes assim na Rethorica, como em Philosophia, Theologia especulativa, e moral; faculdades, que publicamente ensinaraõ estes Religiosos? Ignoran-

rante hum Manuel de Azevedo ; hum Vignier, hum Duarte , hum Motta , e hum Noronha? Estes Rethoricos : Hum Manuel Marques, hum Sebastião de Azevedo, hum Francisco Antonio, hum Domingos da Cunha, e hum João de Valadares? Estes Philosophos . Hum Francisco Monteiro , hum Diogo Pacheco, hum Ignacio da Silveira , hum José de Araujo, hum Antonio Pereira , e hum Estanislao Manso? Estes Theologos . Hum Paolo Armario , hum Manuel Baptista , hum José da Costa, e hum José de Oliveira? Estes Moralistas; além de outros innumeraveis, de que podera fazer aqui hum grande catalogo, Mestres todos elles singularmente distintos na perfeita comprehensão das materias, que ensinam. Aqui, como se trata de Jesuitas, menos duvida pode ter o Senhor Gama em negarlhes a sciencia, e concederlhes a ignorancia . Vamos à terceira consequencia.

24. Esta ainda he mais absurda, mas tambem innegavel, supposta a verdade do asserto, de que *sem se fazer o passo, (de lançar fora os Jesuitas) não poderia ja mais o Reyno sair da ignorancia, em que o tinhaõ*. He pois esta a terceira consequencia, que todos os Doutores, e Mestres ou fossem regulares, ou seculares, que regeraõ Cadeiras em Portugal no tempo, que existio nelle a companhia, foram

não ignorantes por culpa dos Jesuitas? Que dirião agora, se vissemos, a esta consequencia tirada legitimamente da asserção do Senhor Gama, aquelles grandes homens; não sò os que no século passado, mas ainda os que neste presente florescerão na Universidade de Coimbra? Hum Lucas de Seabra, hum Fernão Pires Mourão, hum Dionísio Bernardes, hum Manuel Borges, e hum Diogo Cardozo? Hum Manuel Braz Anjo, e hum Nicolao Alvares Brandaõ? Que dirião hum Frey Theodosio da Cunha, hum Frey José Caetano, hum Frey Christovão, hum Frey Feliciano, hum Frey Manuel da Rocha, e hum Frey Pedro de Santo Thomas? Homens todos doutísimos, applaudidos, consultados, e ouvidos, como oráculos? Mas não inquietemos os mortos: saibamos o que dirão os poucos, que ainda vivem, ouvindo aquelle asserção: hum Antonio Cardozo Seára, hum Pedro Viegas, e hum Manuel Gomez Ferreira? Sogeitos, que foraõ o credito, e esplendor da Universidade regendo as Cadeiras, e hoje são o objecto da admiração, e assombro sentenciando nos Tribunaes? Dirão, fallando com a modestia, que he propria dos Sabios, ser hum temerario arrojo proferir huã tal proposição, da qual necessariamente se seguem illações tão falsas, consequencias tão absurdas.

25. Mas

25. Mas vamos de vagar, e não quejamos interpretar com tanto rigor as palavras do Senhor Gama, sem examinarmos primeiro, que cousa intenta elle significar com aquelle termo *ignorancia*? Será por ventura a falta de noticias, que tinham os Portuguezes no tempo, que existia em Portugal a Companhia, as quaes se achão em livros, que então eraõ reprovados, e hoje são livremente permittidos? (a) Mas Senhor Gama, que culpa tem disto os Jesuitas? Se o Tribunal do Santo Officio, sendo então mais escrupuloso, do que agora he a Meza

Cen-

(a) *Espion de toutes les Cours des Princes Chrétiens, ou Lettres e Memoires d'un Envoyé secret de la Porte dans les Cours de l'Europe. Lettres Cabalistiques. Lettres Chinoises. Lettres Juives. Lettres sur la Religion essentielle à l'Homme. Oeuvres du Philosophe Sanffoucy. Tableau du Siècle. Abregé de l'Histoire Universelle du meme Auteur. L'Henriade du meme. Precis de l'Eclesiastes, & Cantique. L'Esprit de Mr. de Voltaire. Encyclopedie ou Dictionnaire raisonné de Sciences, des Arts, e des Métiers. De l'Esprit. L'Espion de Thomas Kouli-Kam dans le Cours de l'Europe. Le Contrat. Social. La Philosophie de l'Histoire. Discours sur l'inegalité des Hommes de Mr. Rousseau. Dictionnaire Philosophique. Le Despotisme Oriental. Dupin de Antiqua Ecclesiæ disciplina. Dissertationes Historicæ. Justinus Febronius de Statu Ecclesiæ, & legitima potestate Romani Pontificis. La Pucelle d'Orleans de Mr. Voltaire. Belisaire par Monsieur Marmontel, de l'Academie Francoise. Todos prohibidos por erroneos, escandalosos, e hereticos; e por esta causa mais dignos de ser queimados, do que lidos.*

Censoria, uniformandose aos pareceres dos Qualificadores, que eraõ pela maior parte os homens mais doutos, e timoratos de todas as sagradas Religioens, prohibia debaixo de graves penas a lição da quelles livros, que queria V. M^{ce}, que os Jesuitas persuadissem nos pulpitos, aconselhassem nos confessionarios, e ensinasssem nas Cadeiras, que os curiosos desobedecendo aos preceitos, e desprezando as censuras, podiaõ ler os taes livros, e seguir as doutrinas, que traziaõ com segurança, e sem perigo. Oh ! isso não ; isso não faziaõ estes Religiosos. Accuze-os V. M^{ce}. de outros crimes: attribualhes outros delitos: diga, que *eraõ envejosos, discordes, furiosos, e hypocritas (a)*; mas corruptores dos bons costumes, e afsecclas de doutrinas falsas, erroneas, e hereticas, isso certamente não eraõ: esse vicio não tinhaõ elles. Alem deque, não saber noticias, que em boa consciencia senão podem ler, nem ouvir, tão longe està de ser *ignorancia*, ao menos reprehensivel, que antes he cautela louvavel, prudencia christã, e conselho santo. *Non plus sapere, quam oporteret sapere*. Não he bem, que se saiba, o que não convem saber, diz o Doutor das gentes

(a) Como lhes chama na pag. 64.

tes (a). Desorte, que nesta matéria também há extremos viciosos; e tanto se perde por carta de menos, como por huã carta de mais, que se lê, ou ouve ler. Se as noticias, que vem nos livros, são boas, ou ao menos indifferentes, e as doutrinas fãns, he bem, que se saibão; mas se são más, e perigosas, o não sabelas não he *ignorancia*, he sciencia, e sciencia de santos. Assim que he necessario investigar outra razão, em que possa fundarse o Senhor Gama para dizer, que *sem se dar o passo* (de exterminar os Jesuitas) *naõ poderia ja mais saber Portugal da ignorancia, em que o tinhaõ*.

26. Agora sim, agora julgo eu, que acertei com ella. A razão não he, nem me parece, que pode ser outra, senão esta. Não ensinar a companhia nas suas aulas as faculdades, e materias, que, depois de sahir ella de Portugal, ordenou o Senhor Carvalho, sendo Reformador da Universidade de Coimbra, que ali se ensinassem, e em alguãs outras partes do Reyno. Mas tambem nisto, Senhor Gama, não são culpaveis os Jesuitas. Estes Religiosos ensinavaõ aquellas materias, ou faculdades, que os Fundadores dos seus collegios lhes tinhaõ determinadamente assignado, e paraque lhes tinhaõ dei-

(a) *Ad Roman. 12, v. 3.*

deixado rendas determinadas . Da qual vinha , que , segundo as diversas Instituições , em huas partes ensinavaõ sò a ler , escrever , eos primeiros principios da Grammatica ; em outras tambem a Rethorica , e Philosophia ; em outras a Theologia moral , e especulativa ; e finalmente em alguas , como em Lisboa , e em Evora , a sciencia Mathematica : em Coimbra a lingua Grega , e Hebraea ; attendendo sempre os fundadores , ou fossem Reys , ou vassallos , nestas suas determinaçoens ao que era mais util , e necessario aos povos , e não ao que julgavaõ superfluo , ou em certo modo de superrogação . E se hei de dizer o que entendo , acertavaõ nesta parte , porque mostrando a experiencia , que em Portugal por ser hum Reyno pequeno , e não dos mais ricos , sò as faculdades , que são lucrosas , se aprendem , e que as que o não são se desprezaõ , restringiraõ as suas vontades , a que unicamente se ensinasssem as que eraõ uteis ao lucro dos particulares , e necessarias para o bom governo do commum .

27. Declaro , que eu não pertendo a qui controverter , e muito menos decidir , se seria , ou não , conveniente , que na Corte , ou fora della em hum Collegio , ou Seminario de Nobres houvessem Mestres , que ensinasssem todas aquellas Artes , e sciencias , e ainda as linguas

todas, cuja noticia, e instrucção faz aos homens cultos, eruditos, e mais habéis para poderem, indo a Cortes estrangeiras, fazer nellas maior figura; e acreditar a Nação. O que digo, e torno a dizer he, que as faculdades, a que senão propoem algum premio vantajoso, ou não dão de si lucro grande; ordinariamente nem se aprendem, nem se estimam. Isto experimentavaõ os Jesuitas nas suas Aulas de Rethorica, e Philosophia; nas de Rethorica, porque os discipulos contentandose com entender os livros latinos, que trataõ de Leis, ou Cañones, Theologia, ou Medicina, desamparavaõ os Mestres, e hiaõ aprender a Philosophia; nas de Philosophia, porque apenas tinhaõ completo o primeiro anno, não querendo saber mais, partiaõ para as Universidades, aonde se não fosse prohibido admittir algum estudante às sciencias maiores, sem ter primeiro aprendido Logica, nem esta talvez estudariaõ. O que passava nestas aulas succedia tambem na quellas, em que ensinavaõ Mathematica, e as linguas Hebreã, e Grega; mas em todas pela mesma razão de não serem estas artes nem lucrosas, nem premiadas. (a) *Sint Mæcenates, non deerunt, Flacc, Marones.* Hajaõ Mecenas, e não falta-

(a) *Mart. Lib. 8. Epigr. 56.*

taraõ Virgilio, dizia Marcial ja no seu tempo. Tanto he certo, que sem proveito não ha estudo; e muito menos grande applicação; se della não se espera grande utilidade.

28. Ora esta falta de frequencia, que experimentavaõ antigamente os Jesuitas nas aulas; em que ensinavaõ as faculdades menos uteis, e frutiferas; se experimenta ja hoje em Portugal em todas aquellas, em que se ensinaõ as sciencias, que são proficuas, e rendosas: e fallando particularmente da Universidade de Coimbra, depois de ser reformada, são tão poucos os estudantes, que a frequentaõ, que não sei se alguns chegaõ a duvidar, qual seja maior, se a multidaõ dos Mestres, se o numero dos discipulos. Eu tenho toda a veneração, que devo, aos Professores todos actuaes daquelle novo; ou renovado emporio das letras, não obstante não ouvir fallar delles neste Reyno com aquella prefação, com que se fallava dos antigos; antes saber, que alguns delles se queixaõ, de que os seus mesmos ouvintes os desprezaõ, e desestimaõ. Mas dado, que todos sejaõ tão bons, ou ainda melhores que, os seus predecessores, temo muito, que supposta a carestia de discipulos, brevemente não haja Mestres; que com honra os substituaõ nas Cadeiras, e depois com rectidão venhaõ a sentenciar nos Tribunaes. Que alguns

guns sahiraõ das Aulas para os cárceres do santo Officio por Materialistas, ja nõs sabemos (a). Que hajaõ de sair para os Tribunaes, e Cadeiras, ainda està por ver.

29. Não sejamos porem aves de mão agouro : deixemos correr o tempo ; e a posteridade verà, quantos annos passaõ, ou talvez quanto seculos, primeiro, que appareçaõ em Portugal na epoca da sabedoria homens taõ doutos, e letrados, como os que floreceraõ no tempo chamado da *ignorancia*; quero dizer, outro Pegas, outro Barboza, pay, e filho, outro Gama, outro Pereira de Castro, outro

(a) Não menos de vinte foraõ os estudantes da Universidade de Coimbra penitenciados pelo Tribunal do Santo Officio por culpas nunca ouvidas em Portugal, quaes eraõ blasfemar da Santissima Trindade, de Christo, de Maria Virgem; apodrejar as sagradas Imagens, negar alguns Sacramentos, receber a Eucharistia não estando em jejum, negar a Pureza de Maria Santissima, negar, que fosse peccado a transgressaõ do sexto Preceito do Decalogo, e assim outras impiedades semellantes, aprendidas sem duvida dos muitos livros, que os novos Apostolos do seculo illuminado introduziraõ em Portugal. E porque o zeloso, e santo Bispo de Coimhra D. Miguel da Annunciaçaõ os prohibio na sua Diecezi, foi encarcerado, deposto da Cadeira Episcopal, despojado da Nobreza, que tinha por nascimento, e tambem pela sua Dignidade; pelo nascimento, porque era da casa dos Excellentissimos Condes de Povolide; pela sua Dignidade, porque a ella estava annexo hum Condado, e hum Senhorio.

tro Arias Pinello, outro Temudo, outro Oliva, outro Pedro Nunes, alem de outros muitos, que omitto; estes seculares. Agora os Jesuitas. Mas destes, porque tambem não posso dizer todos, nomearei somente alguns. Quando apparecerà em Portugal outro Alvares, e Vellez em Grammatica: em bellas letras outro Bartholomeu Pereira, e Antonio de Amorim; o primeiro chamado o Virgilio, o segundo o Ouvidio Portuguezes: em Philosophia outro Pedro da Fonseca, outro Suares Lusitano, outro Ignacio Monteiro: na Theologia especulativa outro Christovão Gil, outro Molina: na Moral outro Manuel Pereira, outro Fragofo, outro Rebello, outro Pinheiro, outro Bento Pereira, e Nogueira: na exposição da sagrada Escriptura hum Mendonça, hum Barradas, hum Braz Viegas: na Predica quando apparecerà outro Vieira, outro Keys, e outro sà: na Theologia Polemica, e Catechetica outro Affonso Mendes, ou Francisco Leitaõ, outro Henrique Henriques: na Ascetica outro Diogo Monteiro, outro Francisco Ayres, outro João da Fonseca: na Mística hum Antonio Carneiro, hum Gaspar Cardozo, hum Luiz Brandaõ: na Historia Ecclesiastica, e Profana, hum Manuel de Almeida, hum Antonio Franco, hum Cordeiro, hum Vasconcellos, hum Queirões, e hum Aranha: na

M

Chro-

Chronologia hum Antonio Fernandes ; e hum Francisco de Macedo? Seria certamente importuno ; se quizesse aqui trazer todos os Jesuitas Portuguezes , assim antigos ; como modernos ; que compuzeraõ , e estamparaõ naõ sò sobre materias diversas , mas em diversas linguas. Quem os quizer saber , busque-os no *Synopsis* do Jesuita Franco ; e ali acharà o numero dos tomos ; que imprimiraõ , e a variedade das materias , que escreveraõ .

30. Ora à vista deste catalogo que poderà ser maior ; senaõ temesse enfastiar aos leitores ; diga muito embora o Senhor Gama ; que a acção (de exterminar os Jesuitas.) *serà sempre a mais brilhante entre todas as do nosso taõ applaudido Ministerio ; e que sem se fazer este passo , ja mais poderia o Reyno sahir da ignorancia , em que o tinhaõ .* Mas saiba ; que outro homem , sem comparação mais douto , e intelligente do que elle ; (a) ouvindo nesta Corte a hum seu amigo louvar os progressos , que faziaõ as letras neste Reyno depois da reforma dos Estudos , respondeu : *pois , meu Senhor , eu julgo , que em materia de Sciencia estamos agora mais atra-*

2a-

(a) O Excell. Senhor José de Siabra, e Silva bem conhecido em todo o Portugal, e fora delle pela sua sciencia, e grande talento.

ÁPOLOGETICA? 179

zados, do que estávamos há dous seculos. Ex-
tendo esta opiniaõ a mais geral, e com-
mua, digo, que com a expulsaõ dos Je-
suitas não foi Portugal, o que sahio da
ignorancia, mas que a ignorancia foi,
a que entrou em Portugal: A melhor,
e mais concludente prova desta verda-
de he, argumentar-se agora nas Aulas
de Philophia, e Theologia em lingua
Portugueza, porque não se sabe a lati-
na. Disto basta. Sobre aquellas palavras
do nosso tão applaudido Ministerio, quero por
fim lembrar huã cousa em confirmação
deste dito, e he o elogio, que fez ao
tal Ministerio applaudido o Doutor Franci-
sco Coelho da Silva no dia da solemne
Acclamação da Rainha Fidelissima D.
Maria Francisca, presente toda a No-
breza nacional, e estrangeira, e com
ella as principaes Pessoas, que represen-
taõ os tres estados do Reyno. Lançaõ a
inda sangue as feridas, que abriu no coração
de Portugal aquelle despotismo illimitado, e
cego, que agora acabamos de soffrer. Foi elle
inimigo por sistema da humanidade, da reli-
giaõ, da liberdade, do merecimento e das
virtudes. Povoou os cárceres, e os presidios com
a flor do Reyno; vexou o Publico, e o reduzio
à miseria: perdeu o respeito à authoridade
Pontificia, e Episcopal; deprimio a Nobreza,
infectou os costumes, perverteu a legislação,
e governou o Estado com hum sceptro de ferro
pelo mais vil, e grosseiro modo, que athe aqui

Juizõ;
que fez
do tão
applaudido
do mini-
sterio o
Dr. Fran-
cisco
Coelho
da Silva.

se vio no mundo. Senhor Gama, construa lá estas palavras, e ajunte lá estes louvores ao seu tão apptaudido Ministerio, em quanto eu passo a ler outra Nota, que diz assim.

Expoem-
se o ver-
dadeiro
motivo,
porque
sahirão
a Repu-
blica de
Veneza as
Jesuitas.

31. Na pagina 65. Por aquelle famoso Interdicto de Paolo V. os Jesuitas, que em bñas escabrosas circumstancias querião ter da sua parte a Curia, sahirão de Veneza, aonde finalmente depois de meio seculo tornaraõ a entrar. Parece incrivel, que os Senhores Venezianos se tenhaõ esquecido totalmente desta acção. Dezejoso este filho adulterino da Companhia, que a Republica de Veneza não recebesse nos seus Dominios os Jesuitas desterrados de Portugal, traz nesta Nota à memoria, ter esta Religião escolhido antes obedecer aos Decretos Pontificios, que às Ordens da quelle Senado, no tempo, em que Paolo V. irritado contra os Senhores Venezianos, por causa de terem mandado prender hum Conego de Vicenza, e o Abbade de Nerveza, violando nisto a liberdade, e immuidade Ecclesiastica, publicou hum Monitorio, pelo qual declarava incurso em excommunhaõ o Doge, e todo o Senado, e intimava hum Interdicto a Veneza, e a todo o Estado da Republica. (a)

Ne-

(a) Lea-se o Muratori nos Annaes ann. 1605.

Nestas criticas circumstancias julgaraõ os Jesuitas, e tambem os Theatinos, e Capuchinhos seguir antes as partes do Papa, que as do Senado; o qual mandava, que nem se consentisse fixar em parte alguã o Monitorio; nem deixassem de se continuar, como antes os Officios Divinos. Por esta causa sahiraõ todos dos Estados da quella Republica: Ora eu não considero, que os Jesuitas nesta sua resolução fizeraõ alguã injuria tão grave à quelles Senhores Senadores, que depois de tantos annos senão podessem esquecer della. A falta de obediencia destes Religiosos às Ordens do Serenissimo Senado não foi espontanea, ou voluntaria; foi constrangida, e forçada; não foi porque o não reconhecessem por seu Principe, e Soberano, e a si por seus subditos, e vassallos; foi porque sendo Ecclesiasticos, e alem de Ecclesiasticos Religiosos, julgaraõ, que devia preponderar nelles obedecer antes ao Papa Cabeça da Igreja, que ao Principe secular da quelle Estado. Esta he hũa razão; outra he, quererem antes sacrificar-se a perder a patria, os bens, e as commodidades todas, que ali tinhaõ, não conformandose à vontade do Senado, do que expor o corpo todo da sua Religião ao odio, e ira de hum Pontifice, que se considerava affrontado, vendose desobedecido. De forte, que se havemos de

fallar sem paixão, nem os Jesuitas injuriarão a Republica, nem a Republica os Jesuitas; de ambas as partes se obrou prudentemente: os Jesuitas, porque de dous males elegerao o menor, isto he sacrificar-se antes a si, do que a toda a sua Religiao. A Republica, porque de dous bens escolheu o maior, isto he privar-se antes desta Religiao, do que ver offendida a sua Soberania. Esta innocente conducta dos Jesuitas conheceu muito bem aquelle sapientissimo, e prudentissimo Senado; por isso, quando o Pontifice Alexandre VII. lhe escreveu a favor destes Religiosos, representandolhe os motivos, que havia para os tornar a admittir, sem repugnancia alguã o fez, restituindolhes fiel, e inteiramente tudo aquillo, de que os tinha despojado. O mais he, que vendo-os nestes ultimos tempos perseguidos, tao longe esteve de dezejar, ou pertender a sua extincão, que antes não admittio o Breve, que os supprimia em todas as suas clausulas, e determinações; e a Encyclica, que depois se passou, prohibitiva de alguns feos ministerios, totalmente a regeitou. Pelo que, Senhor Gama, não lhe pareça incrível, que os *Senhores Venezianos se tenham esquecido desta acção*, que certamente não foi tao injuriosa, como V. M^{ca}. se persuade. São elles prudentes, judiciosos, e reflexivos; e sabem avaliar as cousas,

não

naõ pelo que apparece de fõra, mas pelo que sãõ essencialmente por dentro : quero dizer, pelo que justa, e realmente merecem.

32. Na mesma pagina 65. depois do nosso Poeta mostrar o grande dezejo, que tinha, que Veneza naõ recebesse nos seus Portos os Portuguezes, continua nos versos a exprimir quanto gostaria, que Hespanha, França, e toda a Italia lhes dessem a mesma repulsa, dizendo assim:

*Alegre deixarei a luz do dia,
Se chegarem aver meos olhos, que Adria
Da alta injuria se lembra, e do seu seio
Te lança; e que te lança do seu seio
Gallia, Iberia, eo paiz bello, que parte
O Apenino, e cinge o mar, eos Alpes.*

Commentando a palavra *Adria* poz a Nota, a que a fima respondemos: agora às palavras *Gallia, Iberia* traz esta, que logo refutaremos: Quando a Author escreveu estes versos estava bem longe de imaginar, que a maior parte do que nelles se contem se havia de cumprir em seus dias. Temos agora de mais a mais boas esperanças de ver cumprido brevemente o resto. Que fima, e nunca mais vista, nem ouvida caridade, que se alegra, e alvoroça com a esperança de ver a total ruina do proximo! Se este pio, e santo homem deixaria alegre a luz do dia, se chegasse aver expulsos de Ve-

Impios
sentimen-
tos do
Poeta,
vendo
proxima
a sup-
pressõ da
Compan-
hia de
Jesus.

neza, e do restante de Italia, de Hespanha, e França os Jesuitas, qual seria o seu gosto, vendo a Companhia abolida em todo o catholicismo? Aqui sim, aqui me persuado eu, que elle com mais razão exclamaria dizendo, e repetindo aquelle cantico: *Nunc dimittis servum tuum Domine.* (a) Senhor, agora sim, agora, quando quizeres, levai-me deste mundo para o outro; porque ja morro descansado, vendo com os meos olhos extincta ja a Companhia de Jesus; aquella, que como May amorosa me recebeu no seu gremio, me deu o seu leite, me educou, e ensinou este pouco, que sei; e que, ainda depois de eu a abandonar ingrato aos seus beneficios, me quis tornar a admittir, não por merecimentos meos, mas por summa bondade sua. Agora sim; agora morrerei alegre, (continuará a dizer) porque vejo destruida, e desbaratada a Guarda Pretoriana dos Papas, como eu lhe chamo nesta minha obra; (b). dissipado aquelle esquadrão formidavel a todo o poder do inferno: posta por terra a quella torre, de que estavam pendentestantos trofeos, quantos eraõ os Heresiarchas, cujas feitastinhaõ impugnado os filhos desta Companhia-

(a) *Luc. 2.*

(b) *Pag. 97.*

panhia. Agora sim; morrerei contente; vendo cortado à Igreja aquelle braço direito, que a defendia; privada a vinha do grande Pay de familias dos melho- res, e mais incâncaveis operarios; a idolatria, e a infidelidade sem terem Missionarios, que lhes vão pregar o evan- gelho, instruir na Fè, e baptizar. Ago- ra sim, agora ja a morte me será do- ce, vendo que faltaõ à mocidade Mestres, que a eduquem; aos libertinos Prega- dores, que os intimidem, e aos peniten- tes Confessores, que os dirijaõ, e guiem pelo caminho do Ceo. Agora sim final- mente *alegre deixarei a luz do dia*; vendo sem opposição, nem obstaculo da quelles Ministros de Deos triumphar o vicio, a dissolução, a maldade.

33. Ora, que outros podiaõ ser os sen- timentos de hum herege, ou de hum impio, e mão catholico? Pois sem teme- ridade podemos crer, que estes foraõ os do Senhor Gama, vendo extincta a Com- panhia, semelhantes em tudo aos do seu Mecenas, o Senhor Carvalho, que len- do o Breve suppressivo desta Religião ficou tão forá de si por excesso de go- sto, e contentamento, que fez com e- scandalo de todos os bons cantar em todas as Parrochias, e Igrejas de Portu- gal o Hymno Ambrosiano em acção de graças a Deos por aquelle beneficio; co- mo se fosse o mesmo abolir hum Institu-

to

to sagrado, que desterrar do mundo huã feita heretica. Senhor Gama, se lhe parece, que neste paragrafo o tratei mal, respondo-lhe com as palavras de Christo: *ex ore tuo te judico, serve nequam(a)*. Não dissesse tanto nos versos, e tambem eu não diria tanto na prosa: vamos adiante, e acabemos de ouvir as Notas do terceiro Canto.

34. Na pagina 66. se le esta: *Gabriel de Malagrida, diabolico martyr, que cã deixou a Companhia para ultima prova do seu sedicioso, e fanatico espirito. Os Jesuitas espalharaõ pelos seus devotos em Roma huã estampa com a letra: Venerabilis Pater Gabriel Malagrida in Portugallia pro fide occisus; e mais abaixo, foi relaxada ao braço secular. Que o Malagrida foi martyr muita gente boa, e desapaixonada o cre, tendo por si a authoridade não menos, que do Papa Clemente XIII. o qual ouvindo a cruel, e infame morte, que se tinha dado a este tão celebre, e zelozo, Missionario, não duvidou proferir, ter a Companhia mais hum martyr. Agora que este martyr fosse martyr diabolico, ainda està por provar. Explícite assim, porque a sentença, que d'elle se publicou, logo que a leu o publico, a teve por illegal, invalida, e nulla, por estar cheia de incoherencias, e*
fal-

Refuta-se
o que se
diz do
Malagri-
da, e mais
Jesuitas.

(*) Luc. 19. v. 22.

falta de todas aquellas regras, que ensinão os Canones, e prescreve o Direito para condenar hum reo. Quem quizer saber fundamentalmente a razão deste meu dito, lêa o livro intitulado; *Il buon Raziocinio, dimostrato in due scritti, o siano Saggj Critico-Apologetici sul famoso Processo, e tragico fine del fu Padre Gabriele Malagrida, Sacerdote Professo, e celebre Missionario della Compagnia di Gesù (a)*. E delle evidentemente conhecerà, que quanto na quella informe sentença se publicou contra este septuagenario, e quasi decrepito Jesuita, ou são culpas fingidas, ou loucuras verdadeiras; e por boa consequencia não ser merecedor da quella morte. Se vier o tempo, como firmemente se espera, em que se conceda revista á esta causa, então com toda a clareza saberá o mundo, se o Malagrida foi martyr santo, ou diabolico, Hoje ja se diz, que mais herege foi dos mandamentos o juiz, que o sentenciou, do que foi herege do credo o reo sentenciado. Pelo que pertence à estampa, de que se falla nesta Nota, digo ser absolutamente falso, que os Jesuitas lhe puzessem

(a) Impresso aprimeira vez no anno 1782. e segunda vez no an. 1784. com novos anedotos, e noticias interessantes; alem de hum Appendix, emque se mostra a innocencia deste mesmo Jesuita no caso da supposta Conjuração contra o Fidelissimo Rey D. José I.

188 REPOSTA APOLOGETICA:

sem aquella letra *Venerabilis Pater Gabriel Malagrida in Portugallia pro fide occisus*. Mas se acaso corre com ella, não foi obra dos Jesuitas, ou de algum seu devoto; mas antes de algum seu inimigo; senão foi erro do impressor, que em lugar de pôr *per fidei Tribunal occisus*, pôz, cuidando que acertava, *pro fide occisus*.



CAN-



CANTO IV.

1. Querendo o nosso Poeta descrever neste Canto huã investida, que os soldados Europeos deraõ aos Indios em huã das suas Aldèas, e exaggerar o valor, com que nella se portaraõ, encarece a destreza dos Indios, e a sua disciplina militar, dizendo nos seos versos:

*Que mãos traidoras a distantes pòvos
Por asperos desertos conduziaõ
O po sulfureo, e as sibilantes ballas,
Eo bronze, que rugia nos seos muros!*

Eporque attribue aos Jesuitas agrandeinstrucção, e destreza, que mostraraõ na guerra aquelles pòvos, accrescenta na pag. 70. esta Nota: os Jesuitas, que hoje negaõ altamente a verdade de factos taõ evidentes, faziaõ ostentação disto mesmo. Os versos seguintes saõ do ja citado Jesuita Vanier na Digressaõ a respeito dos Indios do Paraguay. Præd. rust. lib. XIV.

*. . . . Arma, ducesque paratos
Semper habent, Martisque truces formantur in usus.
Hæc operum requies, sacris jam rite peractis,
Tim-*

*Timpana que, & lituos festis audire diebus ;
Et peditum turmas, equitumque videre sub armis :*

Prova-se,
que dos
officiaes
Europeos,
e não dos
Jesuítas
tinhaõ a-
prendido
os Indios
o manejo
das armas.

Primeiramente os Jesuítas nem hoje, nem ja mais negaraõ, que os Indios da America Hespanhola tivessem alguã instrueção na milicia, sendo esta mandada; e recomendada pelos Reys Catholicos; como deixo dito na pagina 64., e 65. O que negaõ, e sempre negaraõ; he, que elles fossem os que os instruissem, e ensinassem no manejo das armas; exercitando-os postos na frente das tropas em todas aquellas evoluçoens; marchas, e contramarchas, que ensina a arte militar; como quer persuadir ao publico o Author destas Notas. A pouca, ou muita sciencia, que nesta materia tinhaõ os Indios Manfos, e Aldeados era aprendida dos officiaes Europeos para este fim destinados; e paraque della senaõ esquecessem; os seus mesmo caziquês, ou principaes os exercitavaõ alguãs vezes; segundo as ordens Reaes, que para isso tinhaõ. Ora como entraõ aqui os Jesuítas? Por ventura em consentir, que se observassem os Decretos da sua Corte, e se cumprisse a vontade dos seus Soberanos? Se assim o não fizessem, seria huã desobediencia formal; e huã transgressão manifesta às suas Reaes Ordens. Pois os versos do Vanier tambem não provaõ; que os Missionarios se jactassem, ou fizessem ostentação de instruir

os Indios na milicia. He desgraça, que o Senhor Gama allegando tantas vezes nesta sua obra aquelle Poeta, nunca entendesse o que dizia; fallando elle tão claro: se huás vezes o interpreta mal; outras o explica peor. O Vanier nos seos versos refere singellamente a exacção com que os Indios observavaõ nesta parte as Ordens dos Reys Catholicos, seos senhores, e que para as observar melhor, nos dias de festa, acabados os officios Divinos na Igreja; costumavaõ exercitar, e pòr em praxe os preceitos, que tinhaõ aprendido da arte militar.

2. Aquí huã cousa noto eu de caminho; e he, que o Senhor Gama nesta sua Nota não se faça cargo da quellas palavras do Poeta *sanis jam rite peractis*. As quaes claramente significão, que aquelles exercicios militares se faziaõ depois de se terem feito com toda a devoção, e piedade, que isso quer dizer aquelle *rite*, os divinos officios na Igreja; depois de terem os Missionarios explicado o catecismo, exortado ao odio do peccado, ao amor da virtude: e não sò ao temor do inferno, (como calumniosamente diz na Nota a pag. 59.) senão também à esperança do Paraizo, além da preces, e oraçoens, que se diziaõ; assistindo a tudo os Indios com aquella modestia, composição, e ternura, que tanto louva na sua carta a El-Rey Catholico Philip-

pe

pe V. o zelosissimo Bispo D. Frey José Peralta, Dominicano, de que já fizemos menção na pagina 72. desta reposta, confutando a Nota, que vem na pagina 59. Mas como estas palavras do Vanier cedião em louvor dos Missionarios, passou por ellas, como gato por brazas, e como aranha fôí atráz de achar algum veneno deixando o lugar, donde podia tirar o mel.

Em segundo lugar:

*Que mãos traidoras são aquellas, que
Por asperos desertos conduziao
O pó sulfureo, e as sibillantes ballas,
Eo bronze, que rugia nos seus muros?*

Tudo castellos de vento, levantados no ar, quaes os que via D. Quichote nas suas celebres aventuras. Se as mãos traidoras eraõ as dos Indios bravos, estes nunca tiveraõ polvora, nem viraõ ballas; se eraõ as dos Indios mansos, a estes não convem o nome de traidores, chamando-os os Reys Catholicos fieis subditos, e vassallos: alem de que a estes não se lhes permitia muita polvora, nem elles a appeteciaõ, gostando mais do uso das frechas, que do das espingardas: se compravaõ alguã, e essa pouca, era para fazerem foguetes nas occasioens das suas festas. As suas ballas eraõ de algodaõ, as suas peças, não de bronze, mas de

CAN-

canna, forradas de couro, ás quaes para fazer maior estrondo a farinha podre da mandioca lhes servia de meya carga. Somente no tempo da guerra os fornecia El-Rey de Artilharia, balla, e polvora. Tudo o mais, que se diz nos versos, he fingimento vão, he exaggeração poetica. Paulemos a outra cousa.

3. Na pagina 73. depois de dar ao Jesuita Balda por escarneo, e zombaria o titulo de *bom Padre*, trazendo outra vez à memoria os seos fingidos amores, falta sem que, nem para que na pagina 76. a improperar hum pobre leigo da Companhia, a quem pôz o nome de *Patufca*, descrevendo-o desta sorte:

*Aquem acompanhava vagaroso
Com as chaves no cinto o Irmão Patufca,
De pesada, e enormissima barriga;
Ja mais a este o som da dura guerra
Tinha tirado as horas do descanso;
De indulgente moral, e brando peito
Que penetrado da fraqueza humana
Soffre em paz as delicias desta vida,
Taes, e quaes notas dão; gosta das cousas,
Porque gosta; e contentase do effeito,
Enão sabe, nem quer saber as causas.*

Falsa, e impertinente descripção de hum Leigo da Companhia.

Tive a paciencia de copiar aqui estes versos, para que visse o meu leitor, em que gastou papel, e tempo este Poeta das duzias; em fingir hum leigo com

N

to-

todas aquellas qualidades, que tão minudamente refere. Disse em *fingir hum leigo*, porque atque aqui não consta, que existisse no mundo este individuo da natureza humana; nem que tivesse tal alcunha. Donde vem, que a Nota, que traz nesta mesma pagina em confirmação da verdade, com que falla, he huã solemne mentira. A Nota diz assim: *Este retrato (do Patulca) he tirado ao natural de hum leigo da Companhia, que o Author conheceu*. Mas, Senhor Gama, se V. M^{te}. nunca esteve no Paraguay, nem o Patulca no Brasil, aonde o conheceu? Em Roma, quando là foi pretender segunda vez a Companhia? Mas se em Roma nunca estiveraõ Jesuitas Hespanhoes, como o conheceu ali? Dirã, que por noticias abstractivas. Mas assigne quem lhas deu, aonde, quando, e em presença de quem? Que tudo isto he necessario, e talvez que ainda não baste, para lhe darmos credito'.

4. Mas eu sou tão bom, de Moral tão indulgente, e brando peito, que penetrado da fraqueza humana soffro em paz, que ou houvesse, ou V. M^{te}. conhecesse hum leigo da Companhia, como aqui o retrata. Seja assim; mas que cousa mais alheia de hum Poema tão grave, e tão serio, como he, ou deve ser este seu laudatorio, e encomiastico de hum Heror, e *Irmaõ de Heroes*, qual foi o Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Francisco Xavier de

de Mendonça Furtado, Governador, e Capitão General das Capitanias do Grão Pará, e Maranhão, e depois Secretario de Estado de Sua Magestade Fidelissima, &c. do que introduzir entre as suas gloriosas acções a ridicula descripção de hum leigo Jesuita; podendo com facilidade expor mais largamente as proezas, que fez, as façanhas, que obrou este seu Heroe! Quanto mais gostaria o publico de saber, como governou no Norte do Brasil este Senhor: qual foi a resistência, que às suas grandes, e vastas ideas encontraram os Jesuitas; e a prudencia, ou a força com que a venceram. Quaes foram as diligencias, que fez, para livrar os Indios do captiveiro, e os pôr totalmente em liberdade: de que artes, ou industria se valeu para nobilitar de huã hora para outra, e admittir, e exaltar aos Cargos da Republica huns homens athe ali brutos, e salvagens: como pôde em breve tempo das Povoações dos Indios, compostas unicamente de rusticas, e viz e honpanas, reduzillas a grande Villas, e enobrecelas com os nomes de alguãs, que havia em Portugal? Disse em breve tempo, porque b mesmo era entrar este Governador, e Capitão General em huã da quellas Aldéas, que transformalla logo em huã Borba, em hum Aveiro, em huã Villa Rica &c. Pois ja se depois, que este Heroe se restituiu à Europa, e foi

promovido ao honorifico Cargo de Secre-
tario de Estado, referisse as Naos de lin-
ha, as Fragatas, os Chavecos, ec. que
no pouco espaço, que durou o seu Mi-
nistrio, fez lançar ao mar, para pôr a
Marinha Portugueza no florentissimo estado, em
que a vemos, entao sim, entao mostraria,
que esta gloria a devia Portugal ao seu
zelo. Mais ainda; tão pouco memora-
vel e gloriosa lhe pareceu a quella ac-
ção, que obrou o Senhor Mendonça em
destruir, e abater tantos Regulos, quan-
tos entao os Jesuitas, que intrusos na A-
merica governavão as Aldeas feitos
Senhores dos Indios; e despojallos de tu-
do, quanto ali possuiaõ estes tyrannos?
Eritto sem effusão de sangue, nem perda
de hum só soldado antes com tanta fa-
cilidade, que podia dizer com mais ra-
zão, o que em outras circumstancias dis-
se Julio Cesar: *veni, vidi, vici*; porque
não lhe foi necessario ir a todas as Al-
deas em que se faziaõ fortes estes ini-
migos de Portugal, e usurpadores dos
seos Dominios; nem a todos os seos col-
legios, e casas, em que estavaõ aquartel-
lados bastou só huã ordem sua intima-
da com imperio, para os fazer retirar,
e largar o campo, não obstante estarem
armados de huã tão grande multidão de
tropas, que se elle senão antieipasse,
juntos os Jesuitas Portuguezes de huã par-
te, e os Hespanhoes da outra, poriaõ em
me-

menos de dez annos hum tal cordão á
America, que nem todas as forças dos
Príncipes da Europa o poderiam comprar
(a). Taõ pouco memoravel, e gloriosa
(tornou adizer) pareceu ao Senhor Ga-
ma esta acção, que apenas a tocou; po-
dendo justamente exaggeralla! Oh! quan-
to seria mais grata aos leitores; e tam-
beim ao seu Heroe esta narraçãõ, do
que aquella da figura, e qualidades de
hum leigo com as chaves no cinto, de pesa-
da, e enormissima barriga. Senhor Gama,
se V. M.^{te} antes de começar o seu Poe-
ma lesse a Arte Poetica de Horacio, sem
folhear muitas paginas, logo no princi-
pio (b) acharia estas palavras: *señ nunc
non erat his locus*. E tambem a razãõ,
porque eu lhas applico para sua emenda.

3. Na pagina 78. diz huã Nota e os In-
dios viviaõ na maior miseria, e apenas tin-
haõ as cousas necessarias absolutamente para a
vida. Os Padres porem viviaõ todos na abun-
dancia, e tinhãõ jardins deliciosos, onde re-
colhiaõ os espiritos cansados de trabalhar na
vinha do Senhor. Se os Indios tinhaõ as
cousas, que sãõ absolutamente necessarias
para a vida, mais afortunados eraõ; do-
que

Refuta-se
o que se
diz da mi-
zeria dos
Indios, e
abundan-
cia dos
Jesuítas
nas Al-
deas.

(a) Tudo, o que por ironia se diz aqui dos Je-
suítas, disse delles falsamente o Senhor Carvalho em
muitos seus escriptos.

(b) Lib. 2.^a Pafones.

que muita gente, e boa, que vive em Portugal, sem ter, o que he preciso para comer, e vestir. E se hei de dizer tudo, de melhor condição estavam, do que o Senhor Gama, antes de compôr este Poema; porque a falta do que lhe era necessario para passar a vida foi, a que o obrigou a sair no execrando excesso de escrever tão atrozes, mas juntamente tão manifestas calumnias contra os Jesuitas. Mas voltando ao que se diz nesta Nota sobre a pobreza dos Indios, digo, que tendo elles as *coisas necessarias para a vida*, não se pode affirmar delles com verdade, que *viviaõ na maior miseria*; porque maior he ainda, e sem comparação maior a quella, que experimenta, quem não tem o necessario para viver. Digo mais, que se os Indios não tem o superfluo, ou não vivem em maior abundancia, he culpa da sua ociosidade, enão delicto dos Jesuitas. Se elles mais trabalhassem, mais teriaõ. Terrenos não sò não lhes faltaõ, mas sobejaõ-lhes; o que lhes falta he vontade de os cultivar; por serem de sua natureza perguiçosos, e por esta causa muito propensos ao ocio. Tendo com que passar o dia presente, não cuidaõ do futuro. Desorte, que senão fosse o cuidado, e a providencia, que tem os Missionarios feos Directores em os mandar semear, e depois colher os fructos, entaõ
fim,

sim, então digo eu, que alguma vez pa-
deceriaõ fomes, e não teriaõ as *coisas*
necessarias absolutamente para a vida.

6. Pelo que toca pois à *abundancia*, em
que *viviaõ os Padres* será *necessario*, que
o Senhor Gama nos explique, em que
ella consistia: porque não he fácil de
crer, que em paizes tão faltos de muitas
couzas, que produzem os da Europa, e
della vão para a America transportadas
por mar a troco de grossas despesas, pos-
saõ venderse là tão baratas, que ainda
dos que tem alguma cousa de seu com ver-
dade se affirme, *que vivem em abundancia.*
Tambem será *necessario*, que o Senhor
Gama nos diga aonde vio, ou soube,
que na America havia *jardins deliciosos*,
aonde os *Jesuítas recolhiaõ os espiritos cansa-*
dos de trabalhar na vinha do Senhor; porque
perguntados os que la estiveraõ muitos
annos, unanimemente attestaõ, não te-
rem na quellas partes encontrado *jardins*;
emuito menos *deliciosos*: o que dizem he,
que quem là tem hum quintal, ou cerca
fechada à moda rustica, em que crie al-
guã flor, alguma banana, ou outra fructa
silvestre, he hum grande porrentado. Hor-
tas prouvera a Deos, que là ao menos
astivessem os ricos. O que supposto, aon-
de vão aqui os *deliciosos jardins*, aos
quaes os *Jesuítas*, depois de ter vivido
em *abundancia*, no mesmo tempo, em que
os *Indios* *vivião na maior miseria, recolhiaõ*

os espiritos cansados de trabalhar na vinha do senhor? Muito perdeu este Poeta em não ter entrado mais cedo na Companhia; porque, se nella perseverasse, poderia finalmente, depois de trabalhar na vinha, ir descansar nos jardins; e nelles colher as flores, e também os fructos dos seus trabalhos. Mas como teve a desgraça de vir no tempo das vacas magras, como dizem, nem fructos, nem flores colheu. Tenha porém a consolação, que o mesmo certamente lhe havia de succeder, se tivesse a fortuna de entrar mais cedo nesta Religião, e nella perseverasse toda a vida. Depois de estar já cansado de trabalhar nas Missões, se recolheria aos collegios; como os mais, a morrer pobre em huã enfermaria. Senhor Gama, peço-lhe por bem seu, que nos versos minta quanto quizer, mas nas prosas falle sempre verdade. Vejamos se o faz assim nas paginas seguintes.

7. Muito a carga cerrada tomou este Poeta a primeira parte do conselho, que agora acabei de lhe dar, porque logo na pagina 61. e nas seguintes diz nos versos huã mentira tão grossa, que leva a boia ao fundo, e he capaz de o levar também a elle. Haja boas contas, Senhor Gama; isto, que he metter nos versos deve-se entender *cum mica salis*. Quero dizer; pode o Poeta fingir quanto a sua fantazia lhe dictar; com a condição po-

porém, que as cousas, que finge, não cedão em damno, ou prejuizo do proximo; mas se lhe servirem de deshonra, e infamia, não he o tal fingimento huã mentira leve, he hum peccado grave, e gravissimo; do qual se o Poeta não se arrepende, é retracta, escuse de esperar a salvação. Nesta critica conjunctura esta V. M.^{de} Senhor Gama; porque nos versos, que traz nas paginas acima ditas, finge, que o P. Balda fora tão impio, que, vendo morta Lindoya, deixára sem sepultura o seu cadaver, exposto à voracidade das feras; e à fome das aves; que para se vingar de huã feiticeira, serva da mesma Lindoya, que ou lhe aconselhara, ou pintara; como mais suave o género de morte, com que acabou, a tinha mandado queimar viva. Que tyrannia maior? Que maior atrocidade? Pois esta pertende o nosso Poeta, não sendo gentio, mas Catholico Romano, que o publico creia, ter sido executada por hum Jesuita, Missionario zeloso, edificativo, e exemplar. He aonde pôdo chegar a petulancia de hum maledico, se o predominou huã vez a paixão, e o cegou a cobiça do interesse: violou todas as leis Divinas, e humanas; e para conseguir hum bom temporal, não duvidou renunciar a os eternos.

8. Ora eu para mostrar claramente a falsidade desta tão negra calunnia, não
al-

allegarei outro documento, nem me valerei de mais prova, que esta: que tendo este facto tão novo, tão estrepitoso, tão horrendo, e execrando succedido na Aldèa de S. Miguel, donde foi, e esteve o Senhor Gomes Freyre, elle o não soubesse; e sabendo-o o não escrevesse na quella carta, que se lhe attribue, e na qual refere a destruição da sobredita Aldèa, e tudo o que nella aconteceu; e o que mais he, não se ler na Relação Abreviada; sendo ella realmente hum affaz estendido resumo de calumnias contra os Jesuitas Americanos; final evidente, e argumento certo, de fer o caso fingido, e não ter mais existencia, do que a que lhe deu este Poeta na sua fantasia, ideando-o, e no papel, escrevendo-o. Não me quero aqui demorar mais, para não ser obrigado a dizer quanto me occorre contra hua maledicencia tão estranha, e insolente.

9. Na pagina 85. em que diz, que os Missionarios se retiraraõ da Aldèa de S. Miguel, tendo noticia, que estava ja vizinho a ella o General Portuguez, descreve assim esta retirada:

*Por mais, que o nosso General se apresse,
 Não acha mais, que as cinzas ainda quentes,
 E hum deserto, onde ha pouco era Cidade. E
 Tinhaõ ardido as miseras choupanas
 Dos pobres Indios; e no chaõ cahidos.*

Fu-

*Ennegavaõ os nobres edificios,
Deliciosa habitagaõ dos Padres.
Entraõ no grande Templo, e vem por terra
As Imagens fagnadas. O aureo throno,
O throno, em que se adora hum Deos immenso,
Que o soffre, e naõ castiga os temerarios,
Em pedaços no chaõ. Voltava os olhos
Turbado o General: aquella vista
Lhe encheu o peito de ira, e os olhos de agoa.*

Sobre a palavra *entraõ* traz o Com-
mentador esta Nota os nossos ainda conse-
guirão salvar o Templo, do qual se remeteu a
panta, e o prospecto a sua Magestade. Os Pa-
dres tinhaõ mandado despedaçar as Imagens, e
reduzir a pequenas partes o Sacrario. Oh! esta
he bella; esta he, a que faltava! Que
depois de hum Jesuita mandar queimar
huã India, estando viva, e naõ querer
dar sepultura a outra, estando morta,
receando os mais a chegada das tropas
Portuguezas, se incaminhassem furiosos
ao Templo; e vendo ali, que nenhum
delles, como *sansão*, nem ainda todos
juntos o podiaõ abalar, e pòr por ter-
ra, ordenassem aos Indios, que ao menos
despedaçassem as Imagens, e reduzissem a pe-
quenas partes o Sacrario.

Mostra-se
ser falso,
que os
Jesuitas
mandas-
sem despe-
daçar as
Imagens,
co sacra-
rio da I-
greja da
Aldèa de
S. Miguel.

Eu ja naõ quero aqui notar, que o
Senhor Gama nos seos versos chamasse
cidade a huã Aldèa, composta toda de
choupanas, como diz; nem tambem, que
desse o titulo de nobres aos edificios, deli-

cio-

*tiôsa habitação dos Padres: porque-sei; que os Poetas tem licença para fazer de argueiros cavalleiros. Neste passo o que me occupa; e arrebatava toda a attenção he unicamente o horrendo dezacato, que os Jesuitas, sendo Sacerdotes, e Ministros do Altar, se atreveraõ a commetter; profanando aquelle lugar sacrosanto por hum modo, que sò Barbaros, e Idolatras fariaõ. Confesso, que estando lendo esta Nota me parecia estar vendo diante dos olhos aquella espantosa *abominationem desolationis*, que dicta. est. à *Danielle* *Propheta stantem in loco sancto*, de que fallou Christo por S. Matheus (a). E ao mesmo tempo me admirava de não ler, que Deos castigasse logo com mortes repentinas esta temeridade, incomparavelmente maior, que a de Oza; (b) porque se este levantou a mão para impedir, que cahisse em terra a Arca do Testamento, os Jesuitas levantaraõ-nas para lançar por terra não sò as Imagens sagradas, mas para fazer em pedaços o Divino tabernaculo, o aureo throno; em que se adora hum Deos immenso. Mas, Senhor Gama, antes que passemos adiante, quizera, que supposta a incredibilidade deste execrando facto, e o frequente costume, que V. M^{ce}. tem*

em

(a) *Math. cap. 24. 15.*

(b) *Lib. 2. Reg. cap. 6. v. 6.*

em trucar de falso nas suas Notas, produzisse alguás provas, ou documentos, em que fundou este seu dito, para se lhe poder dar credito, e não o fiar só da corteza dos leitores. V. M^{te} não achou esta noticia nas Instrucções dos Jesuitas, que tantas vezes allega nesta sua obra; nem também nas cartas do Excellentissimo Senhor Andrade, ou em outras de pessoas veridicas, que vindas da quellas partes podessem fazer fê: logo em que charco foi beber este veneno, que, revolvendolhe o estomago, o fez vomitar, que os Padres tinhaõ mandado despedaçar as Imagens, e reduzir a pequenas partes o Sacrario?

10. Mas ja sei: V. M^{te} achou no seu Alcôraõ, (*a Relação Abreviada*) que este facto vinha attribuido aos Indios fugitivos; e como o segundo, que refere hum conto, sempre lhe accrescenta hum ponto, V. M^{te} para se accomodar a este uso, ajuntou de sua casa, que, o que os Indios tinhaõ feito, ou para dizer melhor tinhaõ desfeito naquelle Templo, fora por ordem, e mandado dos Padres Missionarios. Pois saiba, meu cavalheiro, para sua instrucção, que tanto mentio o primeiro, que lhe referio o conto, como o segundo, que accrescentou o ponto. Os Indios assim he, que fugirão, e desampararão a Aldèa; mas no Templo não tocaraõ; e muito menos no Sacrario;

rio, ou *antco throno* e as Imagens, a que tinham maior devoção, e veneravaõ com mais ternura; não as deixaraõ; levarã-nas com siço. Assim o atestaõ os Diarios, e o viraõ com seus olhos as tropas dos dous exercitos combinados, Hespanhol, e Portuguez; e o mais he, que ainda hoje existem em Portugal pessoas, que o confirmaõ; dizendo, que podem ser testemunhas de que viraõ a Tabernaculo inteiro, o Sacratio sem lesaõ, e finalmente o Templo sem ser em couza alguma profanado. A unica profanação, que padecceu este Templo, de que vamos fallando, não a causaraõ os Indios Americanos por ordem dos Jesuitas; causaraõ-na os soldados Europeos por mandado do seu General; como agora direi.

Os Europeos forã, os que profanaraõ aquelle templo.

II. Hum Indio muito esperto, e ladino, querendo espiar, o que se fazia na Aldèa; donde com os outros tinha fogido, para o fazer livremente veio dezar-mado dizendo aos soldados, lhe era necessario fallar ao Senhor General, e revelar-lhe hum grande segredo: foi logo admittido a audiencia; e contando, que os Missionarios antes de partir tinhaõ escondido debaixo do Altar mór grande quantidade de prata, e ouro, e muitas pedras preciosas, o General, ainda esta noticia não era bem dita, deixando o Indio, mandou logo cercar o Templo de hum grosso cordaõ de Infantaria por fo-

fôra; e por dentro junto ao lagar assignado outro; senão maior, ao menos semelhante; tudo para que o thesouro não fogisse. Hum capitão Hespanhol, que assistio a este bloqueio, explica em hum seu Diario o grande numero das guardas, dizendo serem tantas, e tão unidas, que nem hum rato poderia escapar. Feita esta diligencia, veio o Excellentissimo Senhor Andrade acompanhado dos Cabos principaes, trazendo com si Escrivães, que passassem se da quantidade do ouro, da prata &c. que ali estivesse escondida. Veio a Mestrança para demolir, cavar, e descobrir aquelle riquissimo thesouro. A primeira vista assentaraõ todos com si-go, que o Indio tinha mentido, não apparecendo signal, de que ali se tivesse feito algũa cousa de fresco. Sò o Senhor General, a quem o bom Hespanhol dá o titulo de *hombre de buenas creederas*, insistio no seu proposito, e perseverou no seu engano. Demolio-se por seu mandado o Altar mòr; arrancaraõ-se os ladrilhos, e pedras do pavimento: cavouse toda a capella mòr: abriãõ-se nella minas para diversas partes; mas o encantado thesouro não appareceu, nem o Indio se viõ mais. Assim soube illudir a sagacidade Europèa a rudeza de hum sò Americano. Esta foi, como a sima disse, a unica profanação, ou insulto, que se fez à casa de Deos na Aldèa de S. Miguel.

guel. Não a presenciaraõ os Indios, mas creio, que se avillem, turbados voltarão as costas; e aquella vista lhes encheria os peitos de ira, e os olhos de agoa.

12. Na pagina 86., em que introduz os soldados Portuguezes pasmados, e com a boca aberta, de ver na aquellas Regiões

*O rico Templo; e os desmedidos arcos,
As bases das firmíssimas columnas,
Eos vultos animados, que respirão*

traz o Senhor Gama esta Nota.: o General não se podia persuadir, que os riquissimos ornamentos tivessem sido bordados naquelle paiz; athe que se lho mostrou hum, que foi achado junto a saebristia ainda imperfeito no tear. Deixemos admirar os Portuguezes a grande fabrica, e architectura daquelle rico Templo; porque tem razão para isso, sendo elle, como aqui se descreve, huã cousa nunca vista. Vamos aos riquissimos ornamentos. Senhor Gama, se os Indios perdoaraõ a estes santos ornatos, e os deixaraõ intactos, se os vio, e contemplou o Senhor General; não podendo persuadir-se; que tivessem sido bordados naquelle paiz, athe que se lho mostrou hum, que estava imperfeito no tear; como se ha de persuadir o publico, que elles despedaçarão as Imagens sagradas, e reduzirão a pequenas partes o Sarrariõ, e o aureo throno?

O Tro-

O Throno, emque se adora hum Deos immenso?

Os Indios eraõ christãos, e bons christãos (assim fossem todos os Portuguezes,) e como taes adoravaõ as Imagens, faziaõ-lhes reverencia, e ainda genuflexoens: respeitavaõ o Sacrario, e diante delle oravaõ prostrados profundamente em terra. E nada disto faziaõ aos ornamentos riquissimos, bordados na quelle paiz; porque nem quando estavaõ guardados, nem quando estavaõ expostos, se encomendavaõ a elles, ou lhes abaixavaõ as cabeças, e muito menos lhes ajoelhavaõ. E sendo assim, como se ha de crer, que despedaçassem as Imagens, a que tinhaõ veneração, e tambem o Sacrario, ao qual mostravaõ o mais profundo respeito, deixando ao mesmo tempo ilefos, inteiros, e com toda a sua perfeição os ornamentos da Igreja, aos quaes por mais ricos, que fossem, e ainda riquissimos, como aqui se fingem, certamente não tinhaõ os Indios nem maior, nem igual veneração? Senhor Gama, se nesta parte quer, que o creiaõ, busque *hombre de buenas creederas*, como o Senhor Gomez Freyre; e se o não achar, (a) *Credat Judæus Apella.*

(a) *Orat. Satyr. 5, v. 12.*



CANTO V.

1. **P**arecendo ao Senhor Gama, que ti-
 nha sido parco, e diminuto nas
 calumnias, que nos Cantos, e Notas an-
 tecedentes tinha escrito sem deshonra
 dos Jesuitas, e que talvez por esta causa
 a sua obra seria menos grata ao seu
 Mecenas, posta de parte a *Relação Abre-*
viada, charco immundo, donde bebeu
 todas aquellas noticias falsas, que temos
 refutado, quiz valer-se de outras, que al-
 guns Hereges, e Libertinos mais antigos,
 que o Senhor Carvalho, estamparaõ ;
 para com ellas escurecer a fama, e de-
 sacreditar o bom nome destes Religiosos,
 de quem eraõ declarados, e capitaes ini-
 migos. Com este intento buscou, e re-
 volveu alguns destes satyricos, e infames
 Libellos, convencidos ja de falsos tantas
 vezes, quantas foraõ impressos, e o que
 mais he, proscriptos ja, e queimados em
 praça publica por authoridade naõ sò
 ecclesiastica, senaõ tambem secular; e
 tirando delles aquellas imposturas, que
 julgou mais atrozes, e por isto mais
 proporcionadas a infamar os filhos da
 sagrada Religião da Companhia de Jesus,
 as foi encaixando a torto, e a direito,

ora

Calumnias
 antigas
 contra os
 Jesuitas,
 trazidas
 aqui à me-
 moria, naõ
 obstante
 terem sido
 muitas ve-
 zes con-
 vencidas
 de falsas.

APOLOGETICA: 111

ora aqui, ora ali, ja em verso, ja em
prosa, neste seu quinto, e ultimo Canto,
ao qual dà principio com huã fingida
descripção das pinturas, que se viaõ no
tecto da Igreja da Aldèa de S. Miguel,
dizendo assim:

*Na vasta, e curva abobeda pintara
A destra mão de artifice famoso
Em breve espaço, e Villas, e Cidades,
E Provincias, e Reynos. No alto solio
Estava dando leis ao mundo inteiro
A Companhia. Os Sceptros, e as Coroas,
E as Tiaras, eas Purpuras em torno
Semeadas no chaõ. Tinha de hum lado
Dadivas corruptoras: do outro lado
Sobre os brancos Altares suspendidos
Agudos ferros, que gotejaõ sangue.
Por esta mão ao pé dos altos muros
Hum dos Henriques perde a vida, e o Reyno.
E cabe por esta mão, oh Cèos! de balde
Rodeado dos seos o outro Henrique.*

Que a ficção, destas pinturas fosse in-
ventada pelo nosso Poeta, sem outro
fim, que inculcar com ellas a soberba
dos Jesuitas, e as mortes, que deraõ,
ou quizerão dar, aos dous Henriques
Reys da Franca, ninguem pode duvidar;
principalmente se attender às suas No-
tas. A primeira, que põz à palavra va-
sta diz assim: *As façanhas dos Jesuitas naõ
estavaõ sepultadas sò no Uruguay. Quem se*

admirar da pintura deste templo considere attentamente as que elles tem na Igreja do seu Collegio Romano, e na Casa Professa; que com estar cubertas da mascara da Religiao, não deixo de ser ainda mais soberbas, e insultantes. Não me canço em refutar o que este Poeta diz nos versos, conhecendo todos ser hum puro fingimento toda aquella descripção; vamos ao que diz na prosa: *As façanhas dos Jesuitas não estavam sepultadas só no Uruguay*. Bem aviados estavam elles, Senhor Gama, se o Uruguay fosse o unico theatro das suas façanhas, e proezas; em outros muito maiores, e mais extensos, e plausiveis tem os Jesuitas obrado cousas maravilhosas. Não he só a America Hespanhola testemunha ocular dos relevantes serviços, que tem feito a Deos, e aos proximos os filhos da Companhia: tambem o he a Europa, a Africa, a Asia, e finalmente o mundo todo; porque por todo elle se propagarão estes zelosos operarios da vinha do Senhor, pregando o Evangelho, e convertendo peccadores, illuminando infieis, extirpando vicios, e plantando virtudes; à custa de immensos trabalhos, peregrinações, e viagens por mar, e terra; e tambem à custa de muito sangue, que alguns delles derramaram em defesa da Fè, e Religiao christã: podendo dizer-se delles com muita propriedade, o que se diz dos primeiros Apostolos: *In omnem*
ter-

*terram exiit sonus eorum , & in fines orbis
terra verba eorum (a).*

2. Isto supposto, não se persuada o Sen-
hor Gama; que nesta Nota deu ao pu-
blico alguã novidade. Que as virtudes
e obras santas dos Jesuitas (chamelhe fa-
çanhas muito embora) não estavam se-
pultadas so no Uruguay, ja todos o sa-
biao: agora oque he novo para todos
he, que estes Padres na Igreja do Collegio
Romano; e na Casa Professa tivessem pinturas
*cubertas da mascara da Religiao; mas na reali-
dade soberbas, e insultantes.* De tantos Ita-
lianos; que estaõ hoje em Lisboa, e vi-
veraõ muitos annos em Roma; nenhum
ha, que testifique ter visto na quellas duas
Igrejas, nem em alguã outra destes Re-
ligiosos; pinturas *cubertas com mascara de Re-
ligiao; e muito menos soberbas, e insultan-
tes.* Dizem, que na Igreja da Casa Pro-
fessa, dedicada ao Nome de JESUS, es-
tava pintado no tecto este Santissimo No-
me adorado dos Anjos bons, e despe-
dindo de si rayos; não tanto de luz;
quanto de fogo; os quaes ferindo aos
mãos Anjos; em hum confuso, e desor-
denado tropel os precipitava do alto. Se
esta pintura he *soberba, e insultante*, não
se poderá dizer; que este Nome he su-
perior a todo o nome; que he respeita-
do

Falsifica-se
oque se
diz das
pinturas,
que se vem
nas Igre-
jas dos
Jesuitas.

(b) Psalm. 18. v. 15.

do no Ceo, venerado na terra, e temido do inferno. Que illação tão absurda! Que consequente tão falso! Dizem mais, que na Igreja do Collegio Romano, dedicada à S. Ignacio, se ve pintado no tecto este Santo mandando a seus filhos a todas as quatro partes do mundo a pregar o Evangelho. Se também esta pintura he *insultante*, e *soberba*, risquemse das liçoens do Breviario aquellas palavras, que a Igreja propoem aos fieis, fallando deste grande Patriarcha: *Ipsè, misso ad prædicandum Indis Evangelium Sancto Francisco Xaverio, aliisque in alias mundi plagas ad Religionem propagandam disseminatis, ethnica superstitioni, hæresique bellum indixit.* Senhor Gama, he de parecer, que assim se faça? Dirà, que sim; para se accommodar ao do Senhor Carvalho, seu Mecenas, que não podendo soffrer estes, e outros louvores dados pela Igreja a S. Ignacio nas liçoens proprias do seu officio, mandou, que estas se omittissem, e se lhes dissessem as do commun; como também a Missa, e as mais oraçoens della. Mas gracias a Deos, e à Rainha Fidelissima D. Maria Francisca, que apenas subio ao Throno, e loube desta impiedade, ordenou, que a Missa, e Officio deste Santo se dissessem, como antes: assim como restituiu a S. Francisco de Borja o culto, que se lhe dava, como a Protector do Reyno, de que o tinha privado

do Carvalho no tempo do seu Ministerio; e a S. Francisco Xavier todas as joyas, e preciosos donativos, que os fieis tinham offerecido em Goa a este Santo, e ornado com ellas o altar, em que se conserva incorrupto o seu santo cadaver: thesouro, de que o tinha despojado aquelle barbaro Ministro.

3. Estas, que tenho referido, são as pinturas, que se vèm em Roma na Igreja da Casa Professa dos Jesuitas, e na do Collegio Romano: e se ali senão observão

. Os Sceptros, e as Coroas.
E as Tiaras, e as Purpuras em torno

Semeadas no chão; como na vasta, e curva abobeda do Templo da Aldèa de S. Miguel finge o Senhor Gama, que pintara a destra mão de artifice famoso, não he porque fossem insultantes, e soberbas estas pinturas; ante seriaõ edificativas, e santas, porque denotavaõ, que os fillos da Companhia, como verdadeiros imitadores de Christo, regeitavaõ todas as grandezas, que o mundo estima, os Principados, os Titulos, as Mitras, e as Purpuras; e tudo o que he, ou se pode chamar Dignidade; ou seja ecclesiastica, ou secular; e isto com tal rigor, que se obrigavaõ com voto a não acceitar Dignidade alguã, senão em circumstancias, que fossem con-

strangidos por hum preceito formal dos Romanos Pontifices. Veja, Senhor Gama, como nem as pinturas verdadeiras, nem as que fingio, eraõ soberbas, e insultantes; antes, que taõ longe estavaõ de o ser, que serviriaõ de dar bom exemplo aos homens, e muita gloria à Deos? Para este fim se pintaõ nas Igrejas os passos das vidas dos Santos, as suas obras heroicas, os seus extases, e os seus milagres. Se V. M^{ce}. cego da sua paixãõ contra os Jesuitas se persuade a outra cousa, engana-se, e com V. M^{ce}. se verifica, que *cæcus non judicat de coloribus*. Ouçamos outra Nôta.

4. Na pagina 90. sobre as palavras *hum dos Henriques* se le este commento: *Henrique III. assassinado por Frey Jaques Clemente. Quem ha, que ignore quanta parte tiveraõ nisto os Jesuitas? He publico o processo do Padre Guinard, e quanto a Companhia defende ainda hoje este seu digno filho. Vejaõ-se os seus Authores; e por todos o Jovency.*

Prova-se
a innocencia
dos Jesuitas
nos insultos
commetidos
contra os dous
Henriques
de França.

Eis aqui já huã da quellas calumnias, de que eu a lima disse, ter sido tantas vezes refutada, e convencida de falsa, quantas tem sido impressa: o Senhor Gama com huã simples pergunta faz complices da quella morte de Henrique III. a todos os Jesuitas; e porque não faz também complices della a todos os Dominicanos, de cuja Ordem era Frey Jaques Clemente, que deu a morte àquelle

le

le Rey? Porque he publico o processo do Padre Guinard, todos os Jesuitas tiveraõ parte na quella morte; porque foi publico, e publicissimo o assassinio feito por Frey Jaques não tiveraõ nelle parte os Dominicanos todos. Que incoherencia! Em huã parte pela leve, e mal fundada suspeita, que cahio em hum, culpar a todos: em outra não culpar a todos pelo crime certo, e inegavel, que fez hum. Aqui se ve a paixãõ, com que sempre fallaraõ neste caso os emulos da companhia, e tambem o odio, com que agora renova a memoria delle o Senhor Gama. Ora assim como este novo calumniador dos Jesuitas com huã pergunta lhes imputa este delicto, assim eu com outra o poderia refutar; perguntando, e quem ha ja hoje, que ignore, não ter parte na quella morte o Guinard, ou algum outro Jesuita? Principalmente depois de ter lido, não digo ja os Authores da Companhia, como Joveney, e outros, mas aquelles, que nunca foraõ desta Religiaõ, e por isto imparciaes, desapaixonados, e dignos de toda a fê, como são o Davila, o Cheverny, o Cardeal Ossat, o Muratori, Battaglini, e Dupleix, os quaes todos defendem os Jesuitas, e attribuem ao odio dos hereges Ugonotes a morte do Guinard, e o exterminio da Companhia do Reyno de França.

5. Mas porque alguns dos meos leitores

res não estarão plenamente informados da verdade deste horrivel parricidio, direi aqui brevemente o que julgo ser bastante, para mostrar a innocentia do Guinard, e de todos os mais Jesuitas. Se por esta causa sahir mais extensa, do que era bem, esta minha empugnação, mereço de sculpa; não estando de igual partido os calumniadores, eos Apologistas. Huã impostura por maior, e mais atroz, que seja, dizse muitas vezes em duas palavras: pelo contrario a sua defesa, por mais breve, e succinta, que se faça, occupa às vezes muitas folhas de papel.

Depois, que o Papa Xisto V. com huã Bulla, assignada por 25. Cardeaes, excomungou a El-Rey de Navarra, que depois foi Henrique IV. de França, e absolveu os subditos do juramento de fidelidade, por ser recidivo na heresia; logo, que este Rey (diz o Davila (a) teve avisa da declaração do Papa, escreveu a todos os Estados de França, queixandose da afronta, que julgava terlhe feito aquelle Pontifice, e exortando-os a não consentir, que Roma se metesse à decidir os negocios, e razoens da quella Coroa. Escreverão muitos volumes à favor, e em opposição da sobredita Bulla os maiores, e melhores engenhos da Europa. Huã grande multidaõ de satyras, e livros se-
di-

(a) Liv. 6. pag. 317.

dicioſos ſahio neſte meſmo tempo à luz contra Henrique III. depois do celebre facto ſuccedido em Blois, aonde eſte Monarcha tinha mandado matar o Duque de Guiſa, e ao Cardeal Luiz ſeu Irmaõ, prender ao velho Cardeal da Borbon, e ao Arcebiſpo de Leaõ; por ſerem cabeças da famoſa, e tão decantada Liga de França: antes a meſma faculdade dos Theologos de Pariz tinha decidido, ſer licito fazer guerra ao dito Rey, a quem tinha por excomungado, infiel ao juramento, e promotor de Hereſias. Affaſſinado pois, que foi eſte Soberano por Frey Jaques, Clemente, os do ſeu partido reconhece-
raõ por ſucceſſor ao Throno o Principe de Navarra Ugonote. Não he crível quanto por eſta cauſa ſe amutinou Pariz, cidade ja de muitos meſes rebelde; nem tambem os louvores, que deraõ ao Affaſſino do Rey os Academicos nas Cadeiras, e os Pregadores nos Pulpitos. Inundou a Europa huã prodigioſa quantidade de livros, dos quaes huns ſolemnizavaõ o martirio do matador; outros defendiaõ, como juſta, a morte do Monarcha: outros finalmente propugnavaõ, ſer hum violento uſurpador do Reyno de França o Principe de Bearne: (aſſim por eſcarneo chamavaõ ao Rey de Navarra.) Ma depois, que eſte Soberano ſe reduzio ao gremio da Igreja catholica, e ungido em Chartres, como Monarcha de França,

ça, com o titulo de Henrique IV., e, passado algum tempo, reconhecido tambem, e acclamado em Pariz; he certo, que toda aquella immensa multidão de satyras, livros, e mais composições infamatorias, se deviaõ queimar, como effectivamente se ordenou; mas não sendo moralmente possível, que em huã cidade tão ampla, como he Pariz, e tão confusa, é perturbada, como estava, obedecessem todos ao Real Decreto; succedeu, o que de ordinario costuma acontecer, quando se prohibem escritos semelhantes, haver muitos curiosos, que anciosamente buscaõ, e zelosamente guardaõ estes papeis; por julgarem, que se- raõ estimados nos tempos futuros, assim como o são no presente; os que se conservaõ escriptos nos seculos passados.

6. Dadas previamente estas noticias, ouçamos agora a culpa do P. Guinard. Era este infeliz Padre Bibliothecario do Collegio dos Jesuitas, no tempo, que succedeu o impio attentado de João Castel contra Henrique IV., e por causa do emprego, que tinha, poucos dias antes lhe tinhaõ mandado alguns escritos, e obras estampadas no tempo, em que todo o Reyno estava tumultuante; para que em lugar separado se guardassem na livraria: Prezo o Assassino, entre outras muitas cousas, de que foi perguntado, depoz, ter estudado com os Jesuitas. O

P. Gua-

P. Guaret, que muitos annos tinha sido seu Mestre, foi tambem immediatamente prezo, e confrontado muitas vezes com o Reo; mas foi pelas constantes deposições, e repostas delle declarado innocente, elivre de toda a culpa. Foraõ neste mesmo tempo vistos, e revistos todos os cartorios, e esquadrinhados todos os cubiculos dos Jesuitas por ordem do Parlamento, e da quelles Hereges Ugonotes, que muito desejavaõ, que nos Jesuitas se encontrasse algum indicio de culpa. Ouçamos aqui ao Muratori: (a). Porque a Reo (Castel) disse, que tinha estudado com os Jesuitas, e depois foraõ achados na camera do P. Joaõ Guinard, sacerdote da Companhia alguns escritos contra o Rey, compostos, quando estava no seu maior fervor a decantada Liga; isto bastou, paraque sabbisse hum edito, solicitado por aquelles, que por outros precedentes motivos viaõ com mãos olhos os Jesuitas; no qual se ordenava, que todos elles sabbissem do Reyno. Sentença, que todos os homens prudentes julgãraõ ser injusta; pois pelo delicto de hum, ou de poucos, se castigava huã taõ grande multidão de homens benemeritos por muitos titulos da Religiao, e do Publico. Athe a qui o Muratori. O grande Chanceler Cheverny (b) mette em duvida, se realmente se achã-

(a) Murat. nos Annaes de Italia, an. 1594.

(b) Nas memor. H. stor. pag. 241.

acharaõ os taes escritos na camera do infeliz Guinard; ou se foi estratagemã, de que se valeraõ os que absolutamente queriaõ, que os Jesuitas apparecessem complices naquelle execrando facto.

7. Mas fosse como fosse: o certo he, que unicamente por estes papeis manuscritos, achados no cubiculo do P. Guinard Jesuita, foi elle sentenciado à morte; e os Jesuitas todos exterminados por ordem do Parlamento del Pariz: *sinistramente instigado a fazer isto, pelos hereses Ugonotes*, como diz Battaglini (a). Tambem he certo, que o Castel nos ultimos momentos da sua vida, naõ obstantes as grandissimas diligencias, que se fizeram, paraque elle declarasse complice no seu delicto algum dos Jesuitas, sempre respondeu francamente: *o que muitas vezes tenho dito, isso juro, e affirmo; nenhum Jesuita ter sido ou complice, ou sabedor das minhas deliberaçoens, e do meu attentado.* O mesmo Rey Henrique IV. na allocuçaõ, que fez no Parlamento em 1603. para restituir à França os Jesuitas, assim como justificou estes Religiosos de outras calumnias, que lhes imputava o primeiro Presidente Achilles Du-Harlay, assim tambem os justificou desta, de terem dado a maõ ao Castel para aquelle seu atroz delicto; di-

zen-

(a) Battagl. nas *Annaes do Sac. Imper.* an 1603. n. 14.

zendo ao Harlay: *O Castel nada disse contra os Jesuitas, e voltandose para os Parlamentarios disse: Vos mesmos sois disto as melhores, e mais irrefragaveis testemunhas.* Ora se hum Rey, que era o offendido, na forma mais solemne attesta a innocencia do Guinard, e de todos os mais Jesuitas, não he huã refinada malicia; e in solente temeridade dizer o Senhor Gama em huã Nota: *Quem ha, que ignore quanta parte tiveraõ os Jesuitas na morte de Henrique III. assassinado por Frey Jaques Clemente?*

8. Pois ainda aqui não para: ouçamos outra não menos falsa, que se lê na mesma pagina 90. sobre a palavra o outro Henrique. Na morte de Henrique IV. soube se esconder melhor a mão Jesuitica, mai não se soube esconder nas duas occasioens antecedentes, emque se tinha intentado o mesmo parricidio. O Padre Varade, Superior da Companhia em Pariz, foi quem desencaminhou ao miseravel Barriere. Levou-o ao seu cubiculo, deitou-lhe a sua benção, confessou-o, depois lhe deu a communhaõ &c. Os Jesuitas no Collegio di Clermont, e na sua Igreja de Santo Antonio por meio de praticas, conferencias, meditaçoens, e exercicios espirituaes corromperaõ o espirito de Castel.

Tres Calumnias atrocissimas, mas todas ja velhas, e muito rancidas, convencidas ja de falsas por mil modos, e maneiras, accumulou o Senhor Gama nesta

sta Nota contra os Jesuitas de França :
 Leu elle sem duvida no libello saryrico
 de certos Reflexionistas modernos (a) estas
 palavras, tiradas do livro *Cathecismo dos*
Jesuitas, obra impiissima do Pasquier, pro-
 scripta, e condemnada pela santa Sè .
Tres foraõ os Assassinos, os quaes em diversos
tempos attentaraõ contra este grande Rey) Hen-
rique IV.) Pedro Barrier, Joaõ Chatel, e
Francisco Ravaillac . O designio do primiero
naõ sortio effeito algum sobre a sagrada Pessoa
do Rey . O golpe do segundo o ferio na face :
o assalto do terceiro o deixou por morto . Julgue
Deos do attentado do Ravaillac ; mas da quel-
les do Barrier, e Chatel podem tambem julgar
os homens . Hum, e outro nos exames, que lhes
fizeraõ, confessaraõ, que sò os Jesuitas os tin-
haõ exhortado, e instigado à quelle horrendo sa-
crilegio . Graças sejaõ dadas aos Senhores
Reflexionistas, e tambem ao Senhor Gama,
por naõ imputarem claramente aos
Jesuitas o ultimo attentado contra Hen-
rique IV. contentandose de o pòr em
duvida ; os Reflexionistas deixando a
Deos o julgallo ; o Senhor Gama dizendo,
que nelle se soube esconder melhor a maõ Je-
suitica : podèra accrescentar, que de tal
sorte a souberaõ esconder, que nem o
mesmo Deos foi sabedor, de que alguã
maõ

(a) No *Apendix às Reflex. n. 50.*

mao Jesuitica concorresse para semelhante attentado.

9. Ora eu deixando de parte quanto differaõ, e estamparaõ os homens mais doutos, e os escriptores mais veridicos de França refutando estas tres calumnias; e mostrando ao mesmo tempo a innocencia dos Jesuitas na quelles tres attentados, unicamente exporei aqui (assim por me parecer superfluo dizer mais, como por não causar tédio aos meos leitores) o que disse, e o que fez em prova da innocencia dos Jesuitas o mesmo Rey Henrique IV., depois de ter plenamente conhecido, que tudo quanto se tinha escrito, e obrado em descredito destes Religiosos, attribuiindolhes falsamente a morte do seu Precedessor, e os insultos commettidos contra a sua mesma Vida, e Pessoa, era hum puro effeito do odio, com que os hereges Ugonotes, e alguns catholicos Libertinos perseguiaõ a Companhia. Resoluto pois este grande Monarcha, por virtude do conhecimento a si-ma dito, a restituir à França os Jesuitas, e a recuperarlhes o credito, que com tantas imposturas lhes tinhaõ escurecido; em publico Parlamanto, depois de ouvir as ultimas, e mais fortes instancias, que os inimigos destes Religiosos fizeraõ, paraque não fossem chamados, e restituídos ao Reyno, começou a perorar por elles dizendo assim: *Quanto me*

P

be

Alcân-
ço de
Henrique
IV. em de-
fesa dos
Jesuítas.

he graga a vossa fidelidade, tanta me he tambem a representação, que me fazeis neste encontro, no qual vos mostrais mais sollicitos do interesse do meu Reyno, do que eu sou. Mas porque ha huã grande differença entre as discussões de processos, e materias de Estado; de que não entendeis, não vos perturbem os vossos temores. Dizeis, que os Jesuítas são ambiciosos; e eu sei, que jurão não aceitar Dignidade alguma do mundo. Parece vos odioso o vocabulo de Jesuita; e eu vos digo, que he melhor, que o de Franciscano, Dominicano, ou Agostiniano; porque aquelle traz à memoria JESUS, que he o Mestre; os outros lembrão os Discipulos, e os que forão seos sequazes. Affirmais, que tambem forão Partidarios dos Confederados na Liga; mas peores, que elles forão neste tempo contra mim o Collegio de Sorbona, e o mesmo Parlamento: Attribuix a culpa o buscarem elles para a sua Companhia os mancebos de melhor espirito: pois eu vos digo, que uso o mesmo na eleição, que faço dos soldados: e bem he, que para Ministros da Deos, e Pregadores do Evangelho se escolhão os sogeitos melhores. Dizeis, que são immensas as suas riquezas; e com tudo eu sei, que em todo o Reyno não tem mais de renda que quinze mil escudos. (Veja aqui, Senhor Gama, quanto he antiga a fabula da immensidade das riquezas, que possuião os Jesuítas.) Exagerais (continua a dizer o mesmo Rey) a pernicioso obediencia, que jurão ao Papa: mas eu sei, que esta obediencia não se dirige

a ou-

o outro fim, que a mandallos ao Martirio, enviando-os ás Missões dos Indios. Dizais, que tem artes para se insinuarem na graça dos Principes: em o confesso; e o tenho experimentado com grande utilidade minha nos dous graves negocios da minha Absolução; e na Dispenza de minha Irmã; nós quaes o melhor Advogado; que tive, foi o Cardeal Toledo Jesuita: e se elles me saã bons, e uteis em Roma entre os Ministros de Hespanha, como o não seraõ dentro do meu Reyno? O que supposto, eu absolutamente quero os Jesuitas em França; e vós também os deveis querer; se quereis conservar os vossos Cargos; e o credito de homens de honra; já que unicamente os Ugonotes; e alguns do Clero ignorantes, e escandalosos; saõ, os que se lhes oppoem: (Aqui entro yo, dirá V. M^{de}. Senhor Gainá, e comfazaõ) Quanto ao que reprehendeis (prolegue o mesmo Monarcha a dizer) na sua Doutrina, eu o não posso crer; porque não tenho achado hum só em tão grande numero de Estudantes, que frequentão os seus Collegios, o qual affirmé ter ouvido dizer, ou ensinar aos Jesuitas, que fosse licito tirar a vida aos Tyrannos; ou de attentar contra as Pessoas dos Reys. Nunca o Barrier foi instigado, ou confortado por algum Jesuita a quelle seu excesso, antes hum delles lhe disse, que quem se a trevesse a commettera lo se condemnaria para sempre. Accrescento, que ainda que o Castel os tivesse accusado, o que certamente não fez ... nem por isso se devia criminalar a todo o Corpo Jesuitico; assim

como por hum *Judas* senão culpa todo o *Apostolado*. Eis aqui o que disse a quelle *Rey*, depois de terem succedido todos aquelles attentados, fallando da *Companhia*. Lea-se o *Battaglini* (a). O *Dupleix* (b). Eo *Mathieu Confelheiro*, e *Historiografo* da quelle *Soberano*, em cuja *Vida* escreveu elle quanto aqui escrevo: (c). E nelles se achará esta tão sensata, e madura *Allocução* do *Grande Henrique IV.* a favor dos *Jesuitas*.

Demon-
strações
da estima-
ção, que
este *Rey*
fazia da
Compan-
hia.

10. Pois o que obrou este *Monarcha*, em final da estimação, que fazia destes *Religiosos*, não he menos digno de se saber, do que, o que disse. Elle (dizei aqui em compendio, o que não sepode referir exactamente, senão em muitas paginas) Elle os restituiu à *França*, a pezar da opposição dos seus emulos, e contrarios: Elle os encheu de beneficios: Elle os introduzio em *Constantinopla*: Elle procurou congraçallos com os *Venezianos*: Elle escolheu por *Pregador da Corte*, e seu *Confessor* o *Jesuita Cottonio*; chegando a tal excessso a sua *Real benevolencia* para com elle, que se dignava de o conduzir alguãs vezes com sigo no

co-

(a) *Battagl. ann. 1603. n. 14.*

(b) *Dupl. Mem. Hist. tom. 4. pag. 400.*

(c) *Mathieu lib. 3. Na continuação da sua Hist. part. 3. pag. 44.*

Coche, e de lhe dar a mão para subir ao pulpito; e querendo dar ao mundo hum maior, e mais claro testemunho da estimação, em que tinha estes Religiosos, ordenou no seu Testamento, que o seu Coração fosse transportado á Flesché, lugar, em que tinha recebido a sua primeira forma, e ali sepultado na Igreja do collegio da Companhia de Jesus; como effectivamente se fez, no modo mais solemne, e com toda aquella pompa, e magnificencia, que era devida à Magestade daquelle Grandé Rey; como diffusamente descreve o mencionado Mathieu (d). Ouvio, Sênhor Gama, como El-Rey Henrique IV. desmentio os impostores, que V. M^{te}. leu, e copiou nesta sua obra, sem saber, nem examinar, se elles eraõ dignos de fé, ou merecedores de desprezo? Ouvio a prefacão, com que hum Monarcha de França fallou da Companhia, não tendo sido Jesuíta, nem lhe tendo comido o pão, como V. M^{te}.? Ouvio aquella grande sentença, de que ainda que algum deste numeroso corpo fosse complice em algum da quellas attentados, (o que certamente não succedeu) nem por isso se havia de culpar toda a Religião? Ouvio como este Soberano mostrou reconhecer os serviços, que

os

(a) Mathieu na contin. de sua Hist. &c.

os Jesuitas lhe tinhaõ feito em Roma ; não sendo tantos, nem tão grandes, como os que fizeraõ à V. M.^{te} em Roma, e no Brasil? Pois, se ouvio, aprenda a ser agradecido, e obsequioso; e não seja ingrato, nem maledico.

II. Na pagina 91. commentando a palavra *Novos crimes*, traz o nòsso escripto esta Nota: *Tragaõ-se à memoria a tarde dos cinco de Janeiro, e a noite dos trez de Setembro, tão funestas para França, e Portugal, e que podião cubrir de luto estas duas Monarquias.*

Refuta-se
o que se
diz dos
Jesuitas
na desgraça
sucedida a El-Rey Fidelissimo na
noite de
5. de Setembro.

Perdidimus oleum, & operam. Acabo de dar a este Notario no paragrafo a sima hum consello tão necessario para a sua emenda, e logo na pagina seguinte torna a fallar não sò na morte de Henrique III., senão também no attentado contra o Fidelissimo Rey D. Josè I.; querendo com esta repetição imputar novamente aos Jesuitas estes dous execrandos delictos. Do primeiro ja eu justifiquei estes Religiosos; do segundo os justificarei agora. Mas para que? Sabendo ja a Europa toda, que aquelle attentado não teve outra existencia, senão aque lhe deu o Senhor Carvalho na Sentença de treze de Janeiro de 1759. na qual declarou complices delle a três Jesuitas; e condemnou a huã cruel carneficina huã boa parte da melhor, e mais illustre Nobreza de Portugal. Senhor Cãna, o seculo pre-

sen-

fente está muito illuminado , e o Publico está hoje mais critico , e reflexivo do que antes era . Observou elle em primeiro lugar , que nenhum daquelle Fidalgos tinha motivo , nem ainda apparente , para estar tão desgostado daquelle Soberano , que o obrigasse a dezejarlhe , e muito menos , a procurarlhe a morte ; sendo favorecidos delle com sinaes não indifferentes da sua Real benevolencia , e agrado . Observou em segundo lugar , que na Sentença se liaõ alguns factos totalmente oppostos , e contrarios a muitas noticias certas , e particulares , que se sabião na Corte . Observou em terceiro lugar , que suppondo-se Reos do mesmo delicto três Jesuitas , nem fossem processados , nem condemnados à mesma , ou diversa pena . Observou mais , que o mesmo Senhor Carvalho não duvidou poucos annos depois em parentar-se com a familia *Tavora* , dando por Esposa a hum seu filho huã Senhora da quella Illustrissima Casa .

12. Pois já depois , que Deos levou para si o Fidelissimo Rey D. José I. de gloriosa memoria ainda o Publico abriu mais os olhos , e observou , que a Rainha hoje felizmente Reynante , logo que tomou posse do Governo , não só alleviou das duras prisões , em que estavam os dous Irmãos do Marquez de *Tavora* D. Francisco de Assiz , arrotado , e mor-

to poi traidor, mas os promoveu, e collocou em postos honorificos. (a). Observou mais, que supplicando o Marquez de Alorna, como Procurador da fama postuma de seus Parentes à Rainha Fidelissima a revilação da quella causa, allegando para isso acharemse na Sentença factos, que não se liaõ nos Processos, além de outras substanciaes nullidades, a clementissima Soberana depois de mandar examinar este ponto, e certificada por unanime voto dos seus mais zelosos, e imparciaes Ministros de que era verdade, o que o Marquez allegava, benignamente annuo à sua supplica: e reven-
dese a causa com toda aquella circumspecção, que pedia hum caso tão estrepitoso, publico, e notorio em toda a Europa, a respeitabilissima Junta composta dos Desembargadores mais rectos, e doutos dos Tribunaes da Corte concordemente votou, estarem innocentes no supposto crime de lesa Magestade, e alta Traição todos os Reos declarados na Sentença de treze de Janeiro de 1759. (b). Ainda observou mais, que pedindo
o Pro-

(a) O Sr. Nuno de Tavora no Governo de Evora: eo Sr. Joaõ Gaspar no de huã Praça do Reyno do Algarve. Veja-se a vida de Carvalho, tom. 4. da 4. Edição, pag. 140.

(b) Assim se lê na vida de Carvalho, tom. 4. da 4. Edição, p. 229.

o Procuradour, ou Fiscal da Corte tempo para contrariar, e responder a esta ultima decisaõ da causa, o fez tão do vagar, e com lentidaõ tão grande, que mais pareceu querer de proposito demorar a reposta, do que dalla. Deu-a porrem finalmente, e entregandose por ordem Soberana a novos Ministros, actualmente se vê, e examina; mas com tantas demoras, e dilaçoens, que dão motivo ao Publico para suspeitar, que por alguma occulta razão não convem ainda declarar, se foi verdadeiro, ou fingido a-quelle insulto.

13. Ainda aqui não paraõ as observaçoens, que os Criticos tem feito sobre este tão famoso caso. Sabem elles, que tendo os Jesuitas supplicado varias vezes a Rainha Fidelissima (a), que lhe acordasse a graça de poderem em Juizo contradictorio provar a sua total innocencia neste facto, e mostralla tão manifesta aos olhos dos homens, como estaõ certos della nos de Deos, offerecendose todos aos castigos mais rigorosos, se por ventura hum sò delles for legal, e juridicamente convencido de culpado; a reposta, que os Ministros de Estado particularmente lhes dão, he, que a sua in-

no-

(a) Estas supplicas se acharaõ na vida de Garvalho, ubi supra pag. 168. 198. e 199.

nocencia he clara, e notoria; mas que por ora se lhes não pode fazer Justiça. Observação ultimamente, que a Piusissima Soberana por hum seu Real Decreto, (a) ouvindo primeiro os pareceres dos seus Regios Ministros, declarára livre *ainda da mais leve sombra de culpa* a Excellentissima Senhora Condeça de Atouguia, lhe restituirá inteiramente todos os bens da sua casa, a admittira em Palacio, lhe dera a mão a beijar, dignandose alem disto delhe mostrar aquelle agrado, que he proprio da sua innata Real, e nunca affaz louvada, benignidade; o que certamente não faria, se soubesse, que tinha sido consorte de hum homem pouco antes Assassino de seu Augusto, e glorioso Pay. Destas, e outras mais observações, que o Publico tem feito, e eu aqui omitto por brevidade, infere, que o vèro misterioso de alguns motivos politicos, e razoes de Estado impede fazerse publica, e formalmente authentica a manifestação da verdade; mas o veô, que a encobre, seja elle qual for, he tão fino, e transparente, que claramente deixa ver aos que tem melhor vista, que a reserva de mandar o Duque de Aveiro a dous criados seus disparar huus tiros à carruagem, em que se persuadia, que

(a) Passado ao r. de Julho de 1780.

que hia Pedro Teixeira, e sò Pedro Teixeira, de quem estava gravissimamente offendido, tudo o mais, que isto não he, e se le na Sentença de 13. de Janeiro de 1759. he huã pura quimera, hum mero barbaro fingimento, que ideou a ferocidade do Senhor Carvalho, para arruinar os Jesuitas, e vingarse da quelles Fidalgos, que não lhe dobravaõ o joelho, como Aman a Mardoqueu, privando-os da vida pelo modo mais cruel, que neste seculo se tem visto; e com a vida tambem da honra.

14. O que supposto, Senhor Gama, não devia Portugal cobrirse de lucto pelo que succedeu na noite de trez de setembro de 1758., sendo tudo o que nella aconteceu de infausto, não huã conjuração ordida, nem insulto premeditado, mas hum accidente fortuito, huã desgraça não prevista, nem sonhada. Outros deviaõ ser os dias, em que com mais razão podia Portugal dar estes sinais de dõr, e sentimento. Hum delles toi aquelle dia, em que passou aos eternos repousos o Fidelissimo Rey D. Josè I., digno pelas Regias qualidades, e virtudes, de que era dotado, de Reynar perpetuamente, fenaõ tivesse a infelicidade de se fiar de hum Ministro por natureza sevo, e por sistema cruel, e barbaro. Outro dia foi aquelle, em que com espanto, e horror não sò desta Monar-

narquia, mas de todas as que são cultas, e civilizadas, foi em publico cadafalho degolada a Héroiça deste seculo a Excelentissima Senhora D. Leonor de Tavora, Marqueza deste Titulo: arrotados vivos D. Francisco de Affiz, seu Marido, e feos dous filhos Luiz Bernardo de Tavora, e Josè Maria de Tavora, o Duque de Aveiro D. Josè Mascarenhas, e o Conde de Atouguia D. Jeronimo de Ataíde, além de outras pessoas de inferior graduação, extinctas com diversos generos de morte, mas todos crueis, e barbaros. Nestes dias sim, nestes se podia, e devia cubrir de lucto a nossa Monarquia. No primeiro, por perder hum Rey, que se não fosse enganado do seu Ministro, seria as delicias dos feos vassallos: no segundo, por perder huns vassallos suppostos traidores, tendo sempre sido os mais fieis à quelle Rey. Quando chegar, como firmemente se espera, aquelle desejado, e feliz momento, em que a Rainha Fidelissima com a sobseripção do seu Real, e sempre memoravel nome declare este enigma, ou corra o vèlo a este misterioso segredo, então conhecerà o mundo com authenticidade publica, o que agora sò consta por sciencia particular.

15. Na pagina 92. explicando as palavras o seu *Throno*; traz o Senhor Gama esta Nota: O *Throno da Companhia está em Roma. Lá he o centro do seu poder. Ali recebe o seu*

o seu Geral os avisos do que se passa em todas as partes do mundo; e ali com o maior dispotismo envia as suas ordens ao fim da terra. Exterminalla das outras Provincias he fazerlhe guerra pela rama. He necessario cortarlhe a raiz. Ora os thezouros das duas Indias ajudavaõ muito a sustentar o credito dos Jesuitas em Roma. Azfortunadamente as presentes disposicoens annunciaõ a proxima total extinção da quelle corpo.

Quem ouvir esta Nota, e não conhecer a malignidade do seu Author, cui darà, que o Geral da Companhia em Roma era hum Soberano mais poderoso, que qualquer outro do mundo; dizendose d'elle, que ali recebia os avisos, do que se passava em todas as partes do mundo, e dalli com o maior dispotismo enviava as suas ordens ao fim da terra. A tanto se não estende o Dominio de nenhum Monarcha. Receberà cada hum delles estando na sua Corte os avisos do que se passa no seu Reyno, nos seus Estados, no seu Imperio, e a estes, e não a outros, que são alheos, e de diversos Senhores, enviarà as suas ordens. Mas o Geral da Companhia superior nesta parte a todos os Keys do universo, não tinha limites certos, e determinados, em que exercitasse o seu Dominio; a todas as quatro partes do mundo abrangia o seu Imperio. Tanto finge nesta Nota o Senhor Gama. A verdade porem he, que o Geral da Com-

Mostra-se
ser falso,
o que diz
o Poeta
à cerca do
Dispotismo
do Ge-
ral da
Compa-
nhia.

pa-

panhia em Roma era hum Geral; como os outros Geraes; que residiaõ na quella Corte; antes; se hei de dizer tudo, era muito inferior a elles no trato da sua Pessoa; e nos commodos da sua habitação: Elle não tinha carruagem propria; como os mais Geraes: elle não tinha apartamento; que constasse de muitas salas; fastosamente ornadas; como os mais Geraes; elle não tinha criados seculares; que dentro, e fora de casa o servissem; como tinhaõ quasi todos os mais Geraes. Elle não tinha mesa privada; nem cozinheiro particular: Jantava; e ceava no refeitório commum na presença dos seus subditos; comendo o mesmo; que elles; sem outra especialidade; que ter hum prato de mais; em que se lhe punha alguma fructa; de que elle repartia com os vizinhos. Este exemplo não sei eu, que algum outro Geral desse:

16. Vamos agora ao mais. Se este Superior maior de toda a Religião recebia em Roma os avisos, e de Roma enviava ordens a todas as partes do mundo; era porque em todas ellas estavaõ filhos da Companhia servindo a Deos; e aos proximos; em Collegios; em Casas; em Residencias; em Missões; em Seminarios: As ordens; que enviava a todas estas partes, eraõ unicamente dirigidas ao bom governo assim espirital; como temporal dos seus subditos; e os avisos,

que

que delles recebia ; eraõ do bem ou mal ; que elles faziaõ ; do bem , para os louvar ; do mal ; para os punir . Eis aqui em que consistiaõ as ordens ; eos avisos deste supremo Prelado de toda a sua Religiao . Se nas quattrò partes do mundo se faziaõ guerras ; ou ajustavaõ pazes ; se os Magistrados seculares administravaõ justiça ; ou faziaõ violencias ; e assim outras noticias semellantes naõ lhe vinhaõ a Roma ; nem de Roma mandava ordens concernentes a estes negocios alheos totalmente da sua jurisdicção : o que ordenava ; e sabia era ; o que lhe importava para o bom governo de toda a Ordem . Diz mais nesta Nota o Senhor Gama , que os thezouros das duas Indias ajudavaõ muito a conservar o credito dos Jesuitas em Roma . Naõ eraõ os thezouros das duas Indias os que acreditavaõ em Roma os Jesuitas ; eraõ as noticias authenticas , e os testemunhos irrefragaveis , que chegavaõ à quella Corte do grande fructo , que faziaõ os filhos da Companhia na quellas Religioens ; plantando em huãs partes a Fè ; e em outras conservando a , à custa de immensos trabalhos , fadigas , perseguiçoens , suor , e sangue . Por esta causa , e naõ pelo motivo dos thesouros , que viessem das duas Indias , passavaõ todos os Pontifices tantas Bullas em louvor , e credito dos Jesuitas , e os estimavaõ os Cardeaes , os Prin-

Verdadeiro motivo , porque eraõ estimados em Roma os Jesuitas .

Principes Romanos, e toda a Prelatura Ecclesiastica.

17. Alem deque, para estes Religiosos serem acreditados em Roma, não era necessario fahir della; bastava, e sobejava para lhes conciliar grande credito o muito, que na quella Corte trabalhavaõ em beneficio do proximo, ou fosse na Casa Professa pregando, e confessando assiduamente, explicando a sagrada Escriptura, e ensinando o Cathecismo: ou fosse no Collegio Romano, aonde toda a mocidade estudiosa concorria a estudar, e aprender a lingua Latina, a Hebreia, a Grega, a Rethorica, a Philosophia, a Mathematica. A Theologia Especulativa, a Polemica, a Moral, os Canones, a Historia Ecclesiastica, e os sagrados Ritos: ou fosse nos Seminarios Germanico, Inglez, Hibernez, Escocoz, Grego, e Maronitico; nos quaes ensinavaõ os Jesuitas as controversias correspondentes aos erros respectivos da quellas Naçoens, e em todos cuidavaõ da boa educação, e exemplar portamento dos Alumnos: ou fosse no Oratorio chamado do Padre Caravita, por ser este fervoroso Padre o seu Instituidor, do qual em certos dias da semana sahiaõ muitos Jesuitas pela cidade a convocar o povo, que com sigo traziaõ à Igreja; aonde, depois de hum ternissimo, e devotissimo colloquio a Christo crucificado, se tomava huã rigorosa disci-

disciplina; e, acabada ella, se proviaõ os confessorios de Jesuitas a ouvir confissões de muitos penitentes, que aproveitando-se do escuro da noite, tempo, em que este pio exercicio se fazia, manifestavaõ as suas consciencias, e diziaõ mais livremente sem rubor os seus peccados. Neste mesmo Oratorio davaõ os Jesuitas todos os annos na semana santa os exercicios espirituaes de S. Ignacio a todas as Princezas, e Damas de Roma. No seu Noviciado de S. André os davaõ quatro vezes no anno a Cardeaes, Monsenhores, à Nobreza secular, e a todas as mais pessoas, que se queriaõ aproveitar deste tão util bem espiritual. Alem disto muitos Principes, e Cardeaes convidavaõ huá vez no anno aos Jesuitas para os ir dar às suas casas a toda a sua familia. Não fallo aqui na Missaõ urbana, que em todo o anno ora em hum, ora em outro districto da cidade successivamente faziaõ os Jesuitas; de sorte que elles sòs, como por si mesmo se està vendo, faziaõ, e trabalhavaõ mais em Roma em utilidade dos proximos, e honra de Deos, que todos os outros Regulares juntos. E não queria V. M^{de}, Senhor Gamma, que os Jesuitas fossem acreditados em Roma? Ou persuadia-se por ventura, que para o serem, eraõ necessarios os thezouros das *duas Indias*? Como se enganava; ou, para dizer melhor, como quer

Q

en-

enganar o Publico, attribuindo a estimacão, que destes Religiosos se tinha na Capital da Igreja, não aos serviços, que fazião, mas ao dinheiro, que davaõ. Pelo que respeita pois ao conselho, que dà de ser necessario cortar pela raiz esta Religiao; e ao goſto, que mostra em ver, que as presentes disposicoens todas annunciaõ a proxima total extincão da quelle corpo; respondendo, que sò Deos, que ouve os desejos dos pobres, e remunera justamente não sò as obras, senaõ tambem as palavras, lhe darà o pago; não sò neste mundo, como ja tem feito, com huã Eſcrivaninha, senaõ tambem no outro, com aquelle premio eterno, que julgar devido a todos aquelles, que desejaraõ, e procuraraõ a total extincão dos Jesuitas. Passemos ja a outra Nota.

18. Tendo este Poeta fingido nos seus versos para calumniar a Companhia,

*Que se viaõ ao longe errantes, e espalhados
Pelo mundo os seus filhos ir lançando
Os fundamentos do esperado Imperio
De dous em dous...*

sobre estas ultimas palavras traz esta Nota: Os Jesuitas em Portugal eraõ chamados os

Cede em Apostolos; e escrupulosamente observavaõ a ex-
loubor dos
Jesuitas
esta Nota
do seu ca-
lumniador.

terioridade do misit illos binos. Grande hallucinaçãõ foi esta sua, Senhor Gama: aqui deu V. M^{de}. com o pè

na

nação. Quer infamar os Jesuitas, e traz aqui à memoria huã cousa, que pede em grande credito, e louvor delles? Não ha occurrencia mais impropria; e alheia do seu escopo. O glorioso nome de *Apostolos* não o inventarão os Jesuitas para se honrar com elle; os Portuguezes lhoderão, e com elle intitularão os primeiros filhos desta Religião, que entraram neste Reyno; não por outro motivo, senão porque virão nelles hum zelo, huã caridade, e hum desinteresse; ou igual; ou muito semelhante ao que se lê dos primeiros *Apostolos*. Tão incansaveis eram em promover a gloria de Deos, em dilatar o seu imperio, em fazer guerra ao Demonio; e emprocurar a salvação eterna aos proximos. E se athe o ponto, em que sahirão de Portugal estes Religiosos, foram sempre *chamados Apostolos*, como na verdade foram, e se diz nesta Nota, he porque em todo o tempo, que existiram neste Reyno imitaram os primeiros, que nelle entraram; servindo a Deos, e ao publico por meio de todos os seus santos Ministerios com desinteresse, com caridade, e com zelo verdadeiramente apostolico. Se o Senhor Gama assim como huã vez se aggregou à Companhia na Provincia do Brasil, se aggregasse a ella na Provincia de Portugal, ja nós sabiamos qual tinha sido o Judas do *Apostolado Portuguez*; mas como não foi aqui

admittido, não consta ainda qual fosse entre elles este desgraçado.

19. Na mesma Nota accrescenta, que *escrupulosamente observavaõ a exterioridade do* *missit illos binos*. Não era só esta regra do seu S. Patriarcha, a que *escrupulosamente observavaõ* no exterior os Jesuitas; era tambem a da modestia, a da modiceza no andar, a da pobreza no habito, a da affabilidade no trato, e finalmente a da composição religiosa em todas a suas acçoens exteriores. No interno tambem *escrupulosamente observavaõ* outra regras, como eraõ a dedar às coufas espirituaes o seu tempo, a oração, aos exames de consciencia, a dicção espiritual de livros santos, a mortificação das paixoens, a obediencia prompta aos Prelados, ao estudo das sciencias, &c. de forte que não obstante não terem estes Religiosos regra alguã, que os obrigasse a observancia dellas debaixo de peccado mortal, ou ainda venial, (a excepção dos Votos essenciaes) eraõ os Superiores tão exactos em as fazer *escrupulosamente* guardar, que muitas vezes com maior rigor castigavaõ huã falta leve, do que em outras Religioens se castigaria huã grave. Se o Author destas Notas não está totalmente esquecido do seu Noviciado, bem me persuado, que poderia ser testemunha da verdade, com que fallo.

20. Na

26. Na mesma pagina 93. se lê outra Nota: os Jesuitas athe se jactavao nas suas Historias de ter descoberto a origem do Nilo. Eu não sei, que os Historiadores da Companhia contem com jactancia terem descoberto a origem do Nilo: mas, se assim he, tem muita razão para isso; sendo na verdade hum Jesuita, chamado Pedro Pais, morto na sua amada Missão da Ethiopia aos 20. de Mayo del 1622. o primeiro dos Europeos, que descobrindo a fonte daquelle grande, e famoso Rio no mez de Abril de 1618. dissipou o engano universal, emque se estava deque o principio, ou origem do Nilo era hum como segredo totalmente occulto, e impenetravel ao conhecimento dos homens. E julga V. M^{ce}. Senhor Gama, que não he materia de jactancia hum descobrimento, que desterra do mundo hum erro commum, e mostra evidentemente ser fabula, o que antes se tinha por couza verdadeira? O certo he, que todos os Eruditos, principalmente Geografos applaudirão, e estimarão a noticia; julgando ser premio devido ao descobridor fazer publico o seu nome por beneficio da estampa, paraque em todo o tempo se soubesse, quem tinha sido oprimeiro, que rasgou o véo, debaixo do qual estava occulta desde o principio do mundo a nasçença daquelle Rio; e dissipou o erro, em que por tantos seculos se tinha

Na p. 93
jactancia a
dos Jesuitas,
he narraçao
verdadei-
ra ter hum
delles des-
coberto a
fonte
do Nilo.

vivido ; mostrando claramente aos olhos
 fôr tuã pura fabula quanto sobre a origem
 do Nilo se dizia . Lea-se o Dictionario
 Geográfico vercido da Lingua Inglesa na
 Franceza , e ultimamente na Italiana , e
 nesta posterior versão se acharão as pa-
 lavras , que cito , e nellas a verdade ,
 com que fallo (a) . Veja-se tambem o Map-
 pa de Africa de João Baptista Homan-
 no ; e nelle se encontrará attribuido aos
 Jesuitas para seu perpetuo louvor o de-
 scubrimento da fonte do rio Nilo .

Nesta mesma pagina , tendo este Poeta
 descripto em verso a fogueição dos Indios
 Americanos à Companhia por estas pa-
 lavras ,

*Com hum gesto innocente aos pés do throno
 Via-se a liberdade Americana ,
 Que arrastando enormissimas cadeias
 Suspira ; e os olhos , e a inclinada testa
 Nem levanta de humilde , e de medrosa .*

poem esta Nota : Não ha palavras , que
 expliquem bastantemente a fogueição , em que
 vivão aquelles Indios . Veja-se os fragmen-
 tos das cartas de Conde de Bobadela , citadas

na

(a) Il Padre Pietro Pais Gesuita è stato il pri-
 mo fra gli Europei , che abbia scoperte le sorgenti
 di questo fiume (Nilo) nel mese di Aprile dell' anno
 1613 . Tutto ciò , che n' è stato detto è favoloso .
 Dictionario Geografico, Verbo Nilus .

na Republica &c. Pelo amor de Deos, Senhor Gama, não cite mais nesta sua obra a Relação Abreviada da Republica Jesuítica, sendo hum libello satyrico, infamatorio, indigno de se, cheio de falsidades, e por isso reprovado, prohibido, e queimado. Diga muito embora, que os Indios tinhão huá grande sujeição aos Jesuitas, que com elles estavaõ nas Aldêas, porque nisto diz bem; e se assim o disse nas suas cartas o Conde de Bobadela, disse tambem a verdade. Mas que se segue da qui? Que os Missionarios ensinavaõ bem aquelles seos neophitos, que os tratavaõ com amor; que protegiaõ a sua liberdade; que zelavaõ o seu commodo; que os defendiaõ dos enganos; e que em tudo, e para tudo lhes eraõ uteis, e proveitosos; porque se assim não fosse, que sujeição haviaõ de ter a dous miseraveis sacerdotes fracos, e desarmados tantos milhares de Indios, que estavaõ em cada povoação, sendo por natureza ferozes, impacientes, e vingativos? Em lugar de lhes serem obedientes, e submissos, se levantariaõ contra elles, e os apartariaõ de si, quando não se resolvessem a privallos da vida, como lhes era tão facil. Neste perigo se viraõ os Jesuitas logo, que os Indios suspeitaraõ, que elles nos Tratados dos limites faziaõ mais as partes dos dous respectivos Soberanos, do que as suas, persu-

suadindo-os instantemente à mudança ; a que elles summamente repugnavaõ . E com effeito por esta causa a huns puzeraõ guardas à vista , a outros prende-raõ , a outros finalmente obrigaraõ a retirar-se para escapar do seu furor . Isto supposto , que acha aqui , que criticar este maledico ? Se na quella fogueiçaõ , que os Indios tinhaõ aos Jesuitas encontra materia para isso , critique os freguezes , que saõ obedientes aos seus Parrochos , os penitentes aos seus Confessores , os discipulos aos seus Mestres ; os pupillos aos seus Tutores , e todos os que saõ subordinados à quelles , que por algum titulo lhes saõ superiores .

22. Nas paginas 94. , e 95. se lê huã Nota quasi tão referta de mentiras , como de periodos ; e diz assim : os Jesuitas do Brasil tinhaõ huã *Fragata* magnifica , em que o Provincial sabia todos os annos a titulo de visitar a Provincia ; porem na realidade era a que fazia a maior parte do commercio , que aquelles Portos tem entre si . Em quanto a *Fragata* recebia carga , estavaõ ociosas todas as outras embarcaçoens : sendo os fretes da quella mais caros , a titulo de ir a fazenda mais segura . Ora os Jesuitas nas Alfandegas nunca pagaraõ direitos . O seu lucro era immenso . Para se conseguir melhor este fim , espalharaõ pelo povo huã Profecia do seu Padre Anchicta , que aquella *Fragata* nunca se perderia . Encalharaõ-na finalmente , e fizeraõ outra , que cres-

sion

Stou sincoenta mil Cruzados; e sendolhes necessario perpetuar aquella santa impostura, mandaraõ pregar na nova alguãs taboas da velha, e persuadirãõ à quelles bons negociantes, que bastava aquella parte para communicar a virtude ao todo. O Author vio muitas vezes esta Fragata; e entrou nella. Trazia flamula, e bandeira com a insignia da Companhia, e tinha de mais a mais excellente artilharia. Ao entrar, e sabir dos portos recebia todas as honras, que se fazem às Naos do Rey.

Todo este grande aranzel apanhado às mãos, e bem espremido se redüz, a que os Jesuitas do Brasil tendo huã embarcação velha, e de poucos commodos, mandaraõ fazer outra nova, maior sim mas nada magnifica; a qual girava todo o anno de Pernambuco à Bahia; da Bahia à Capitania do Espirito Santo; da Capitania ao Rio de Janeiro; do Rio de Janeiro a Santos; e de Santos voltava pelos mesmos portos athe Pernambuco com o Provincial, ou com outro algum Religioso nomeado por elle Visitador, e Commissario; e juntamente todos os mais fogeitos, com que se haviaõ de prover as muitas, e diversas occupaçoens que havia nos Collegios, Casas, Residencias, Seminarios, e Missoens da quella igualmente numerosa, que florente Provincia. Tinha esta embarcação sete pequenas peças, que emprestava o Provedor da Fazenda Real, para poder salvar os portos,

con-

*Refuta-se
oque se
diz à cere-
ca da
Fragata
dos Je-
suitas do
Brasil.*

conforme as ordens Reaes, com cinco tiros, aos quaes se correspondia com tres; e isto por Alvaráz dos Senhores Reys de Portugal. Pelo mesmo Privilegio usava de flamula, e bandeira branca com a Insignia da Companhia; e o seu Capitão tinha patente de mar, e guerra, que lhes passavaõ os Vice-Reys da Bahia, e por isso usava de bastão. Tudo por graciosos Decretos dos Monarchas Portuguezes. Tanto quizerão sempre honrar estes soberanos aos Jesuitas; e tanto se mostrãrão sempre agradecidos aos serviços, que fazião à sua Coroa na quella parte do mundo. Alhe aqui o que he verdade.

23. O falso, e fingido he, que aquella embarcação fizesse a maior parte do commercio, que aquelles portos tem entre si; porque nem a maior parte, nem a menor fazia. Alem da carga, que levava consistente no que era necessario para as provisões, e gastos dos Collegios, carregava por lastro algum sal, e esse pouco, e quando o havia, de Pernambuco para o Rio de Janeiro. Disse pouco, e quando o havia, porque o commum era ser o lastro de areia, e quando era de sal, não sepunha à carga, nem a fretes, mas se levava de graça; assim como tambem alguns mimos, que pessoas particulares mandavaõ aos seus amigos, residentes na quellas portos, aque a em-
ba-

barcação havia de aportar: como v. g. alguns côcos, boyoens de doce, e outras miudezas semelhantes. Ao Capitão, e marinheiros eraõ concedidas alguãs praças livres, nas quaes transportavaõ alguãs cousas de pessoas particulares; mas cedia em proveito delles o lucro dos fretes. Esta era a maior carga tanto do Sul para o Norte, como do Norte para o Sul; da qual nenhum lucro tiravaõ os Jesuitas, como era notorio a todos. He falso tambem, que em quanto a Fragata recebia esta carga, estivessem ociosas todas as outras embarcaçoens, porque ella não transportava fazenda alguã, que fosse da Praça, ou do commercio, como ja disse, e podem testificar os Negociantes nos portos, a que ella chegava. He tambem consecutivamente falso, que os fretes fossem mais caros nella, pela fabulosa segurança de que não se perderia; porque aonde não ha carga, não ha fretes; nem caros, nem baratos. Que os Jesuitas nas Alfangedas não pagassem direitos dos generos, que lhes eraõ necessarios para as suas Casas, e Collegios, he certo; mas deste privilegio concedido pelo Reys gozavaõ tambem os mais Religiosos do Brasil. Se alem disto trasportavaõ alguã cousa, que lhes não pertenceisse, della se pagavaõ os direios, e ninguém, excepto o Senhor Gama, ou

ou-

outro semelhante, o poderá negar; e assim não só não era immenso, mas nem hum era o lucro, que a carga produzia. Da qui vinha, que para manter a dieta Fragata era preciso, que os Collegios, e Residencias concorressem todos os annos à sua proporção com determinada quantia de dinheiro; como clara, e evidentemente consta dos livros, que os Ministros Regios no Confisco levãrao das procuraturas, os quaes talvez ainda existão. O que diz o Senhor Gama nem clara, nem escuramente constará de livro algum, que tenha, ou faça fe.

24. Na pagina 96. querendo este moderno Escriptor trazer à memoria aquella antiga calumnia, deque os Jesuitas foraõ a cauza da infeliz morte de El-Rey D. Sebastião, e da perda de todo o exercito, que com fugo levou a Africa, molhou a penna, e sahio a luz com estes versos.

*Por entre troncos de huãs plantas negras
 Por obra sua viaõ-se arrastadas
 As ardentes areas Africanas
 O valor, e alta gloria Portuguezã!
 Ay! mal aconselhado, quanto forte,
 Generoso Mancebo. Eternos luctos
 Preparas à chorosa Lusitania.
 Desejado dos teos a incertos climas
 Vãs mendigar a morte, e a sepultura.*

Fatal desgraça, que este Poeta para compor
 estes

estes seus Cantos não lesse hum só Author; que fosse veridico, nem abrisse hum só livro; que deixasse de ser apocrypho. Achou elle talvez na celebre *Dednação chronologica*, parto da maledicencia do Senhor Carvalho, mas baptizado com o nome do Senhor Seabra, aquella noticia; e parecendo-lhe muito accomodada ao seu escopo, sem examinar, se era falsa, ou verdadeira, estribada em solidos, ou deveis fundamentos, mudadas as settas em grellhas, isto he a prosa em verso, a encaixou no seu Poema.

Morte del Rey D. Sebastião, e a perda do seu exercito falsamente attribuidas aos Jesuitas.

Ora eu para confundir este novo calumniador dos Jesuitas, e mostrarlhe a pouca critica, ou muita ligeireza, com que acreditou huã fabula pouco differente da quella, que ainda hoje crem alguns Sebastianistas, não me valerei aqui do que dizem os Historicos da Companhia, como são a Cardeal *Cienfuegos* (a), o Telles (b), e o Sacchino (c), referindo miudamente as muitas, e exquisitas diligencias, que por si, e por outras pessoas de authoridade fizeram os Jesuitas, para dissuadir aquelle Rey mancebo de huã tão temeraria, e arriscada empreza; chegando a escrever ao Pontifice, para que lhe puzesse diante dos olhos o-

pe-

(a) Na vida de S. Francisco de Borja pag. 438.

(b) Chronic. de Portug. part. 2. lib. 6. Cap. 29.

(c) Anno 1578. n. 188. 189. 190. 206. 207. e 208.

perigo, a que se expunha, e atoda a Monarquia, com aquella tão precipitada, e intempestiva resolução: porque se o Senhor Basilio com tanta facilidade acredita mentiras claras, vendo-as estampadas em deshonra dos Jesuitas, com a mesma, e ainda maior facilidade negará verdades manifestas, sabendo, que são escritas por estes Religiosos em seu abono. Por isso allegarei só Authores, que nunca forão da Companhia, homens dignos de toda a fé, e mais veridicos, e bem informados, que Ieronimo Franco Canestagio, que talvez foi o primeiro, que estampou esta calumnia (a), e deu occasião, a que alguns emulos, e inimigos dos Jesuitas a publicassem. Mas he este Historiador pela incivilidade, com que fala do Senhor Cardeal Rey, pela insolencia, com que trata El-Rey D. Sebastião, e finalmente pelo atrevimento, com que censura os veneraveis Religiozos de S. Francisco, tão indigno de credito, e merecedor de desprezo, que nenhum verdadeiro Portuguez lê a sua Historia, que não se escandalize da sua maledicencia. Os Authores pois cujos ditos, e testemunhos aqui produzirei, são Luiz Coelho Barbuda (b), Duarte Nunes de Leão

(a) Histor. da União de Portug. a Castella pag. 9.

(b) Histor. dos Reys de Portugal, e empresas militares dos Portuguezes lib. 6. pag. 188.

Leão, (a) Fr. Iosè de Santa Theresã Carmelitano (b), e o Abbade Diogo Barboza Machado (c); os quaes unanimemente affirmão, não poder, nem dever attribuir-se, a outra cauza a infelicidade da quella expedição à Africa; que ao espirito bellicoso da quelle mancebo Monarcha; impaciente de fazer o seu nome celebre pelas armas, e alcançar a fama de conquistador, à imitação dos Reys seus Predecessores; acrescentando juntamente, que tão longe estiverão os Religiosos da Companhia de influir no animo daquelle fogozo Principe, que intentasse aquella guerra, que antes fizerao todas as instancias possiveis, para que desistisse della. Não se conhecia (diz Luiz Coelho Barbu-da) neste Principe (D. Sebastião) outro vicio; que aquelle do seu ardor militar, a qual não podia reprimir. Foi instruido pelos Padres da Companhia; e nos primeiros annos pelo Padre Luiz Gonçalves da Camara; tão zeloso do seu serviço, que se affirma ter falecido de puro sentimento de o ver passar a Africa, não podendo de sorte alguma impedirhe esta tão temeraria empreza.

Duar-

(b) Genealogia verdadeira dos Reys de Portugal impressa em Lisboa, no anno de 1608. pag. 85.

(c) Memorias del Rey D. Sebastião tom. 3. cap. 27. pag. 593.

(d) Histor. das guerras do Brazil entre Portug. e Ollanda. pag. 30.

Duarte Nunes escreve . *Esta determinação de ir à Africa El-Rey D. Sebastião procurava impedir varias pessoas, as quaes eraõ zelozas do bem do dito Rey, e do seu Reino, como foraõ D. Filippe II. Rey de Hespanha ... O Cardeal Infante D. Henrique seu Thio: Martinho Gonçalves da Camara e da mesma sorte os Religiozos da Companhia de Jesus seus Mestres.*

Era dominado o coração del Rey D. Sebastião (diz o Abbade Diogo Barboza Machado) de hum taõ ardente dezejo de ir à Africa, que naõ foraõ efficazes para impedir esta temeraria resolução as lagrimas de sua Augusta Avò, os conselhos do Cardeal Henrique, os rogos de seu Mestre, e Confessor o P. Luiz Gonçalves da Camara, conspirando todos na mesma pertençaõ, deque naõ se effeituasse huã empreza, na qual perigava igualmente a sua Pessoa, e a conservação de toda a Monarquia.

Ouçã-se finalmente Fr. Iosè de Santa Theresa: Tambem (diz alle) o P. Luiz Gonçalves da Camara seu Mestre procurava dissuadillo de hum taõ precipitado conselho: mas sendo baldadas as diligencias de ambos, isto he da Rainha D. Catherina, e de seu Mestre o P. Luis Gonçalves, afflicto perdeu a vida de pura dor, e sentimento. Ora depois de ouvir o testemunho destes gravissimos Historiadores, alem de outros, que poderia alleigar, como o Campana, e D. João de Castro, que escreveu a vida deste infau-
sto

sto Rey, homens todos imparciaes e desapaixonados, diga muito embora nos seus versos o nosso Poeta, fallando dos Jesuitas.

*Que por obra sua viaõse arrastados
As ardentes arêas Africanas
O valor, e alta gloria Portugueza:*

porque eu lhe applicarei o que o Carmelitano a sima allegado acrescentou na sua Historia, por estas palavras: *Pelo que fallou a paixonado quem disse, terem sido os Jesuitas authores da perda del Rey D. Sebastião, e por consequencia da ruina de Portugal.*

He porem tão clara, e manifesta a falsidade desta calumnia, que ainda que fallassem os testemunhos dos eruditos, e veridicos Authores, que citei, a qualquer homem ainda de mediocre juizo se dà por si mesma a conhecer; e se não pergunto, que utilidade, ou interesse podiaõ ter os Jesuitas em persuadir àquelle Rey huã tão arriscada empreza? Expondo-o a tantos, e tão graves perigos, quantos costumaõ encontrar-se em huã guerra feita em paiz alheio, e alem de alheio barbaro, ardente, e por isso sumamente nocivo. Ainda que este Principe por conselhos dos Generaes se abstivesse de tomar as armas, e de assistir pessoalmente aos combates, (oque seria difficil acabar com elle, supposta a fo-

R

go-

gozidade do seu genio, e brio marcial ; que o predominava,) sendo tão incertos os successos das batalhas, e tão inconstante a fortuna em repartir as victorias, facilmente poderia a contecer, que ficasse prizioneiro, e com elle grande parte do exercito . Que perturbação para o Reyno? Que dor para os Jesuitas?

26. Era este hum perigo: outro maior era pela intemperie do clima excessivamente calmozo contrahir o Rey huã doença, que agravada com a duvidoza, e continua consideração do infausto, ou feliz successo, que teriaõ as suas tropas, faltandolhes aquelle animo, aquelle valor, e fortaleza, que lhes influia a sua Real presença; da qui se lhe originasse a morte. Que maior desgraça ! Que fatalidade maior ! Ora estes, e outros perigos tão faceis de acontecer na quella guerra occorreriaõ aos Jesuitas; e por isso tão longe astariaõ de o incitar à quella empreza, que antes poriaõ todo o esforço para o retrahir della. Eraõ estes Religiozos mais, que nenhuns outros, estimados, e favorecidos da quelle Monarcha; e, se he licito dizelo, athè venerados, e amados. Elle os tratava com familiaridade, e confiança: Elle tinha hum por seu Mestre, e Confessor (a); e lo-

(a) O P. Luiz Gonçalves da Camara.

e logo; que este faleceu; escolheu outro; que lhe succedesse naquelle sagrado em prego (b): Elle lhes tinha fundado, e dotado com mão larga quatro Collegios na Asia; quatro na America; e dous na Africa: Elle lhes tinha feito muitos outro beneficios: tudo sinaes manifestos não só da sua Real liberalidade, mas da grande estimação; que fazia destes Padres.

Sendo pois tudo isto certo, e innegavel; todo o seu cuidado; e desvelo seria (como era na verdade) apartar daquelle Principe ainda a mais remota occasião de perder a vida; ou a saúde; e não expolo a riscos de perder huã couza; e mais a outra; e isto não só por effeito da virtude da gratidão; mas pelo innato dezejo; que todos tem, deque se conserve livre; e salvo quem lhes he liberal; e insigne bemfeitor. Quero por outro lado metter pelas olhos a este calumniador quanto por si mesma se conheça a falsidade desta impostura. Se por obra, como elle diz, dos Jesuitas El-Rey D. Sebastião.

Dezejado dos seus á intertos climas

Folle mendigar a morte, e a sepultura;

ficando Elle lá morto, e sepultado;
quan-

(*) O P. Mauricio de Serpa.

quanto se mostraria indignada contra estes Religiosos a Rainha D. Catherina, que tão ternamente amava este seu Neto? O Cardeal Henrique, que summamente amava este Sobrinho? Os Senhores da Corte, que adoravaõ este Principe? Todo o pòvo, que o dezejava immortal? O Reyno todo, que o quizera eterno? Pois não succedeu assim: a Rainha não affrouxou no amor a estes Padres, antes morrendo no mesmo anno, que seu Neto, fez delles honorifica menção no seu testamento. O Cardeal mais intensamente, que antes, estimou, e favoreceu os Jesuitas; fundandolhes o Collegio de S. Antão em Lisboa, o de Evora com a Universidade, e tambem o da Purificação; tudo para ser governado por elles. Os Senhores da Corte não sò não se lamentarão destes Religiosos, mas no espaço de trinta annos lhes edificaraõ hum Collegio em Faro, outro na ilha de S. Miguel, hum Noviciado em Lisboa, e hum Seminario, e tambem em Villa Viçozahua Casa Professa. Finalmente o pòvo todo, e todo o Reyno continuou, como antes, a venerar estes Padres, e a utilizarse delles em todos os seus sagrados Ministerios: O que tudo certamente não aconteceria, se por culpa sua se perdesse na Africa o Rey, e o Reyno. São estas rezões tão claras, e evidentes, que quem não conhece a sua força, ou he falto de

jui-

juízo, ou está cego de alguma paixão?
Vamos a outra couza.

28. Na mesma pagina 96. passando da America, e da Africa à Asia traz esta Nota, entre todas não só a mais improvavel, se não tão bem a mais ridicula. Diz nella assim: *Os Jesuitas na China no anno de 1645. aproveitaraõ-se da divizaõ de quelle grande Imperio entre os dous pertendentes para o entregarem ao Kam dos Tartaros. Foraõ em premio elevados à Dignidade de Mandarins, e ornados com os ricos vestidos, e colares, que se podem ver na estampa, que nos deixou o Padre Bonani no catalogo dos Religiosos, &c.* Chamei a esta Nota não só a mais improvavel, senão também a mais ridicula, porque nenhum homem de juízo a-the aqui affirmou, nem ja mais se poderá capacitar, que tres, ou quatro Religiosos estrangeiros, Alemaens, e Francezes, que estavaõ por aquelle tempo na China, semeando na quella inculta seara o graõ da palavra de Deos, isto he, a doutrina Evangelica entre mil sustos, e temores, entre mil perigos, e trabalhos tivessem tanto poder, e authoridade, que a seu arbitrio, não obstante as forças de dous poderosos pertendentes à quelle grande Imperio, a nenhum delles, o entregassem, mas o puzessem nas mãos do Kam dos Tartaros; collocando-o no Throno, e fazendo-o aclamar Imperador. E não he isto huã quimera, que só a hum louco

*Mostra-se
ser falso
o que se
diz dos
Jesuitas
da China*

da casa dos *Orates* poderia occorrer? Pois occorreu ao Senhor Gama, approvou-a o seu Mecenaz, e deixou-a estampar o Tribunal Censorio daquelle tempo. Pois não he menos ridicula a asserção, de que *em premio desta façanha forão os Jesuitas elevados à Dignidade de Mandarins*; quando ninguém ha, que ignore, que esta honra daõ os Imperadores a alguns Missionarios, assim pelas suas virtudes, e sciencias, como pelos grandes, e relevantes serviços, que lhes fazem.

29. Na mesma pagina 96. depois de ter dito em verso o despropósito de que os Jesuitas: *permittirão aos Bonzos a pezar de Roma a indigno culto do seu Legislador*, traz esta Nota o Senhor Gama: *E de mais a mais o serviremse para nomear o verdadeiro Deos das vozes Tien, Ceo, e Xamti, Supremo Imperador; e fazerem certas oblações aos seus defuntos*. Semelhante ao que disse em verso he o despropósito, que agora acaba de dizer em prosa. Arazaõ he, porque nem Roma, nem os Jesuitas tinham sobre os Bonzos, que são os sacerdotes da quella gentilidade, jurisdicção alguã para lhes prohibir, ou permittir alguã culpa. Os Bonzos, em quanto Bonzos, não eraõ catholicos, e assim não necessitavaõ da permissão dos Europeos para dar o culto, que quizessem ao seu Legislador. O mesmo digo a respeito de explicarem o verdadeiro Deos pelas pa-
la-

lavrás Tien, e Xamti. A queſtão, que ſe moveu em Roma não foi eſta, Senhor Gama; V. M^{te}. tomou eſta por balèſta, alhos por bugalhos, e ouviu cantar o gallo, e não ſoube aonde. Aqueſtão, que em Roma ſe moveu, foi, ſe os Jeſuitas na China permittiaõ não aos Bonzos, como aqui diz, mas aos chriſtãos Neophitos algum culto do ſeu Legisla-
dor *conſueio*, que foſſe indigno, illicito, ou incomparivel com a Religião catho-lica. Eſta ſim, eſta foi a queſtão, em que, como V. M^{te}. traz na ſua Nota da pagina 97. cançou de lutar Roma por mais de hum ſeculo com a animoſidade dos Jeſuitas; aacreſcentando nella o fructo, que ſe tirou dos Decretos das ſagradas Congregaçoens publi-
cados em 1645. foi, o que tirou Monſenhor Maigrot em 1693. o Cardeal de Tournon em 1704. Clemente XI., Benedicto XIII., Clemente XII., Benedicto XIV. Com tudo iſto ainda hoje não ceaſaõ de repetir, qua ſaõ a guarda Pre-
toriana do Papa: e o mais he, que fallaõ ver-
dade.

30. Eu não poſſo referir aqui tudo a-
quillo, a que ſe allude neſta Nota, não obſtante ter diante dos olhos, quando iſto escrevo, noticias exactas de todos os paſſos, que ſe deraõ na quella tão longa, e intrincada controverſia ſobre a permiſſão de alguns Ritos Chinnicos. Te-
nho à viſta qual foi a ſua origem, quaes os Promotores della, e o porque; as ra-

zoens, que allegavaõ os Jesuitas da Chĩa para serem o staes Ritos permittidos; as sentenças dos que em Roma julgavaõ, que deviaõ ser reprovados; os pareceres, e sentenças dos que julgãraõ, que se deviaõ permittir. O motivo, porque foi mandado à China Monsenhor Maigrot, e o Cardeal de Tournon, e que instrueçoens levãraõ; os desgostos, que ambos tiveraõ do Imperador; o Cardeal, pelo Decreto, que publicou intempestivo, e contrario à conservação da quella Christandade: o Bispo, por não entender a lingua Chínica, tendo-o assignado, e eleito o Cardeal por seu Interprete; de forte, que foi obrigado do Imperador, convencendo-o da sua ignorancia, a fazer hum solemne attestado, que não entendia os livros, e literatura Chineza; o que o dito Bispo executou; mas nem com isto evitou o ser expulso da China. Tenho tambem à mão as instancias, que o Cardeal fez, paraque os Jesuitas lhe jurassem obediencia, e executassem o Decreto prohibitivo dos Ritos; e obedecendo a tudo os Jesuitas constangidos do medo, foraõ tambem entaõ exterminados pelo Imperador. Alem disto tenho tambem diante dos olhos a Protesta, que o General da Companhia Tamburini fez ao Papa Clemente XI. de que a sentença favoravel aos Ritos Chínicos não era propria de toda a Religiaõ, mas sò de alguns

guns particulares, o que elle, e toda a Ordem reprovava (a). O Breve, que o Papa Innocencio XI. mandou ao Jesuita Fernando Verbieft Vice-Próvincial da Companhia na China, (b) no qual aquelle Papa depois de lhe agradecer o donativo de hum Missal Romano escrito na lingua Chinica, e as figuras Astronomicas delineadas por elle ao modo Chinez, a fim de conciliar a Fé Catholica, como ali diz o mesmo Papa, o favor da quellas gentes disciplinadas em toda a sorte de artes liberaes, e propensas a todo o genero de virtudes, o louva, e a todos os seus socios, de que convertendo o uso das sciencias profanas em bem da Religião Catholica, restituídos aquelle Imperio, e com elles a nossa santa Fé, se espere sempre a esta o maior augmento. Tenho mais a Querimonia catholica do Bispo de Malaga Dominicano, em que desmente quantas calumnias, e imposturas vomitaraõ contra os Jesuitas da China o Arnaldo, e o Jurieu, inimigos declarados destes Religiosos. As quaes noticias todas, se eu aqui as produzisse, não cederiaõ em pequeno louvor dos Missionarios Chineses. Mas passo em silencio a todas ellas, assim por que se aqui as escrevesse faria hum grosso,

(a) Assignada na Casa Professa de Roma aos 20. de Novembro de 1711.

(b) Em data de 3. de Dezembro de 1681.

so, e fastidioso volume, como tambem pelas julgar superfluas ao fim, que pertendo.

31. Para fazer tapar a boca ao Senhor Gama, e pôr freio à sua maledicencia, basta dizer, que se os Jesuitas da China por tão largo espaço de tempo defende-
raõ a opiniaõ, que favorecia os Ritos Chinnicos a pezar das contradicções de Roma, não era certamente com animo de fomentar a idolatria, nem com espirito de desprezar os Decretos Pontificios; era unicamente paraque se manifestasse a verdade, e se não impedisse a conversão da quellas gentes, representando-se aos Papas com a mascara de supersticiosos, e illicitos aquelles Ritos, que elles julgavaõ innocentes. E nisto tão longe estavaõ de ser reprehensiveis, que antes eraõ louvaveis. Se se houvessem de calumniar tantos homens santissimos, e doutissimos, que seguiraõ doutrinas, e não poucas dellas commuas entre os catholicos, as quaes examinadas melhor depois condemnou a Igreja, calumniaria tambem o Senhor Gama a Cefas, (que os Padres Antigos querem, que fosse saõ Pedro) por foster contra S. Paolo, que observassem os Ritos Judaicos os Neophitos do Gentilismo. Calumniaria a S. Cipriano Martir, e Bispo de Carthago, e com elle a mais de setenta, e sete Bispos da Africa, que acremente de-

defendiaõ, dever ser rebaptizado quem tivesse recebido o Baptismo de hum Herexe Donatista. Calumniaria tambem a tantos Padres, e Escriptores ecclesiasticos, que nos primeiros tres seculos da Igreja abertamente seguiraõ, ser o Reyno de Christo millenario com todos os justos neste mundo, antes do Juizo universal: erro, que depois foi condemnado por heretico, primeiramente no Concilio Ecu-menico Florentino, e depois no de Trento. Calumniaria tantos Bispos zelosos, e sacerdotes doutissimos da Igreja Gallicana, que por huã dilatada serie de annos não só defenderaõ, mas promove-raõ as perniciosas maximas dos Semipe-lagianos. Calumniaria a tantos Padres, Theologos insignes, e famosos, que no Concilio de Trento, juntamente com o Seripando, Geral na quelle tempo da sua Religiaõ, e depois Cardeal da san-ta Igreja, e Presidente no mesmo Con-cilio, sostinhaõ, que alem da justificação intrinseca se requeria a extrinseca impu-tação dos mericimentos de Christo: sen-tença, a qual, porque favorecia muito aos Sectarios da quelle tempo, foi justa-mente confutada, e contradita dos mais Padres, e Theologos.

32. Eu bem creio, que o Senhor Ga-ma não se atreverá a calumniar a tan-tos homens tão sabios, e tão santos; pois se nem Cefas, nem S. Cipriano com

os

os mais Bispos da Africa, nem os Prelados, e sacerdotes da França, nem os Theologos do Tridentino merecem ser calumniados por seguirem opinioens, que depois reprovou a Igreja, e isto não por outro motivo; senão porque o animo, com que as seguião, não era de introduzir doutrinas erroneas no Catholicismo; mas porque julgavaõ não serem contrarias aos dogmas da Fè; porque razão se haõ de calumniar os Jesuitas, que com tantos outros homens sabios, zelosos, e santos, Dominicanos, Franciscanos, e Bispos defendiaõ o uso dos Ritos Chinezcos; não por favorecer a idolatria; mas porque julgavaõ, que sendo obsequios puramente civiz em nada se oppunhaõ à nossa santa Religiaõ? Fallou finalmente com decisaõ o Oraculo do Vaticano; fallou Clemente XI. pelo seu Decreto *Ex illa die*, o qual remettido à China foi pontualmente posto em execuçaõ. Logo que là chegou Monsenhor Carlos Ambrosio Mezzabarba Patriarcha de Alexandria, Legado de Clemente, ordenou aos Bispos, e Missionarios, que observassem o tal Decreto com as permissoens, que nelle vinhaõ declaradas: e os Bispos, e Missionarios todos obedecerão a quanto nelle se mandava, ou permitia. E porque ultimamente Benedicto XIV. definio serem tambem supersticiosas aquellas cerimoniaes, que não tinhaõ sido
prohi-

prohibidas pelo Legado Pontificio, logo os que propugnavaõ a quelles Ritos se mudaraõ em outros tantos impugnadores delles; com animo leal, e Religiofo os reprováraõ, os abjuráraõ, os detestáraõ; sem recorrer à quelle celebre refugio de certo *silencio respeitoso*, para mais se confirmarem na perseverança do seu antigo erro. Isto conheceráõ os mesmos Papas, que prohibiraõ os Ritos protegidos, como licitos, pelos Jesuitas; por isso tão longe estiveráõ de se dar por agravados desta sua innocente opposição, que nenhum delles deixou de os estimar, e ter a Religião da Companhia por sua *guarda Pretoriana*; cousa, de que se jactaõ, e sempre se jactaraõ os Jesuitas, como diz concluindo esta sua Nota o Senhor Gama: accrescentando de mais, que *nisto fallaõ verdade*.

33. Na pagina 98. depois de dizer nos verios, *que os Jesuitas no Japão fomentáraõ domesticas discordias*, sè lè esta Nota, a mais maligna, a mais insolente, e a mais falsa entre todas, as que temos ouvido, e refutado; e diz assim: *Os Jesuitas com as suas restricções mentais não duvidáraõ ao principio calcar o Crucifixo, por não perderem aquelle riquissimo commercio. Quem quizer fazer conceito da extenção deste, e de outras curiosidades nesta materia, lea as Viagens de Mr. Duquesne mandado por Luiz XIV. às Indias Orientaes. Tom. 3. pag. 81. Senhor Gama,*
di-

Prova-se
ser falso
oque se
diz do
Jesuitas,
do Japão.

diganos por quem he, aonde achou esta noticia tão nova, e tão extraordinaria ? Que Authores veridicos a trazem ? Que documentos, e attestados allegaõ certos, e irrefragaveis, para se poder acreditar hum facto tão escandaloso, como he *naõ duvidarem os Jesuitas calcar á Christo Crucificado, por naõ perderem o riquissimo commercio do Japão* ? Mas advirta, que senão produzir hum fundamento grave, solido, e incontrastavel, no qual firme este seu dito, será avaliado em todo o mundo pelo maior, e mais atrevido impostor, que athe o dia de hoje tem procurado infamar a Companhia. O mais, a que tem chegado os inimigos desta Religião he a querer persuadir duas falsidades : a primeira, que os Jesuitas forão os perturbadores da paz da Christandade na quelle Imperio. A segunda, que estes Religiosos se envergonhavaõ de pregar a Jesu-Christo Crucificado. Mas estas duas calumnias assaz estaõ confutadas por Escriptores veridicos, e imparciaes ; como agora mostrarei.

34. Em quanto à primeira calumnia, he de saber, que 47. annos antes, que os Missionarios Franciscanos vindos das Philippinas entrassem no Japão, já a nossa santa Fè estava ali plantada por S. Francisco Xavier, e pelo Jesuita Cosme de Torres ; e era já tão florente aquella Christandade cultivada sò pelos Jesuitas, que
con-

constava de mais de 130. mil neophitos ; como consta dos registros dos Baptismos , e das Historias do Japão. Tinhaõ erigido Igrejas ; fundado Collegios ; aberto Seminarios ; estabelecido Residencias : e athe Casa para Noviços , com Reitores , e Provincias : Nem em todo este tempo , que precedeu ao ingresso dos Religiosos Franciscanos , foraõ taõ poucas as fadigas apostolicas dos Jesuitas na quella parte da Asia , que não chegassem a admirarse na Europa. Partio no anno de 1573. para o Japão o Jesuita Alexandre Valignani Napolitano com o caracter de Commissario , e Visitador Geral da quellas Missões ; e depois de ver ali estabelecidas varias Confrarias , e Hospitaes , mais de trezentas Igrejas , escolas da lingua Latina , estamparia de caracteres Japonezes , Academias de Musica , e de Pintura para o ornato dos Templos , e decòro dos Divinos officios , converteu , e baptizou pela sua mão a Francisco Rey de Arima , e a Bartholomeu Rey de Omura : e fez , que expedissem a Roma huã embaixada ao Papa Gregorio XIII. fogueitando aquelles Reynos à Fè Catholica , e à obediencia do Vigario de Christo. *Entaõ foi , como diz o Muratori (a) , que virao os Romanos hum insolito espectaculo , isto he dous Mancebos illu-*

(a) Nos Annaes de Italia ann. 1585.

lustres Japoneses acompanhados de alguns poucos Jesuitas, os quaes depois de ter recebido em Portugal, Hespanha, e em França distinctissimas honras, e finezas, chegaram a Roma aos 22. de Março; e admittidos com grande solemnidade, e em pleno Concistorio a beijar o pé ao Pontifice, lhe apresentarão as suas Cartas credenciaes; sendo depois tratados com as maiores demonstraçoens de benevolencia, e amor; não só pelo Papa, mas por todos os Cardeaes, e Nobreza Romana. A vista destas primicias da quella nova Christandade, foi tão grande a consolação, e allegria, que concebeu o Pontifice Gregorio XIII., que não pode conter as lagrimas, nem também todos aquelles, que tinham verdadeiro zelo da propagação da Fé, e augmento da Igreja Catholica. Ache aqui o Muratori.

35. A desgraça porem foi, que o gosto de ver tão copioso fructo, e as esperanças, que elle dava de ser ainda maior na quella parte do mundo, em breve se desvanecerao, e frustrarao; não se descuidando o inimigo commum de semear a cizania em huã seara, que promettia grão o melhor, e mais escolhido. Que os Jesuitas tivessem a culpa de ir a mal aquella florentissima Christandade por causa do Commercio, que ali abrião, e agora diz o Senhor Gama, que não querião perder, he impostura, que delles escreveu o Scioppio em certa relação attribuida ao Padre Frey Luiz *sordo*, e citada

da com louvor do Arnaldo no Tomo 3. da *Moral Pratica*, e do Candido na *Tuba altera*, obras condemnadas juntamente com os seus Autores (a). Foi a fobredita impostura reconhecida por tal (quem o imaginara!) por dous Hereges Protestantes; o Fabricio, e o Moesim. Vejase o primeiro na sua obra *Salutaris lux Evangelica* (b). Eo segundo na sua intitulada *Institutiones Historicae Recentes* (c). Mas sobre todos se pode ler o Senhor de Charlevoix na sua *Historia Geral do Japão* (d), na qual relatando tudo, o que succedeu no tempo da quella revolução, poem em claro a innocentia dos Jesuitas.

36. Mas deixando isto de parte, bastará produzir aqui na nossa lingua o Decreto del Rey Catholico Philippe IV. de Hespanha, e III. de Portugal, que sobre este ponto publicou em Madrid, para desmentir o Senhor Gama, e fazelo entender, que não forão os *Jesuitas* fomentando *discordias domesticas no Japão* a causa de se perder aquella Christandade, que tinha sido tão florente.

(a) Lease o Hulembroucq. no Cap. 8.

(b) Pag. 678.

(c) Pag. 365.

(d) Tom. 2. lib. 12. pag. 136.

Decreto de Philippe IV. de Hespanha à cerca dos Missionarios do Japam.

Temos conhecido, que depois, que entraraõ no Japão Religiosos de diversas Ordens, não tem o Evangelho produzido aquelles effeitos, que se tinhaõ visto, quando ali sò estavaõ os Missionarios da Companhia de Jesus. Estes, seguindo os passos de S. Francisco Xavier, que deu principio à conversão da quelles povos, têm feito grandes serviços a Deos; quando pelo contrario o modo de obrar de certos Religiosos tem suscitado contendas, e differenças muito prejudiciaes à conversão, e propagação da Fè; porque dellas se tem seguido, que não sò o Evangelho tem ali perdido o seu credito, senão, que tambem deraõ occasião a serem lançados fora de todos aquelles Estados; impondo-se graves penas a quem intentasse lá entrar. Os avisos, e relaçoes, que temos tido de todas estas cousas, tendo excitado em Nos aquelle justo sentimento, que facilmente podem julgar todos aquelles, que conhecem quam grande he o dezejo, que temos do maior serviço de Deos, e augmento da Religião Christã, ordenamos, que se formasse hum Concelho da quelles nossos Ministros mais zelosos, e experimentados, de maior sciencia, e authoridade; assim para que resolvessem, quaes seriaõ os meios mais opportunos para recuperar o Evan-

Evangelho o credito perdido na quellas Reynos, e tomar para o futuro os que julgassem mais uteis ao augmento da Igreja Catholica. Depois de se terem feito sobre esta matèria diversas consultas, temos determinado de commum, e uniforme consenso deste meu Concelho, que por espaço de quinze annos, pouco mais, ou menos, segundo o pedir o estado das cousas, para bẽm de nossa santa Religião, não possa entrar no Japão Religioso algum nem a fim de propagar o Evangelho, nem por qualquer outro motivo: exceptuando somente os Religiosos da Companhia, de Jesus. Ordenando juntamente, que possa entrar o Bispo do Japão; e se for possível, que tenha taõbẽm ali a sua Residencia: se porém as circumstancias não permittirem isto, resida no lugar mais vizinho, aonde possa melhor exercitar as funçoens do seu cargo.... Mandamos taõbẽm, que em consequência deste nosso Decreto se peça a sua Santidade em nosso nome se fação expèdir os Breves necessários para este effeito, e que se dem todos os Despachos, que sãõ necessários. Feito em Madrid aos 6. de Junho de 1628.

Este Decreto não tinha lido o Senhor Gama; porque, se o lesse, não ditia nos seus versos pagina 94. que a Companhia entrando no Japão fomentara domesticas discórdias; mas por isso mesmo, que o não leu, tresleu. Eis aqui o que succede aquem estampa tudo, o que acha nos livros, sem examinar primeiro, se os Autores são veridicos, ou maledicos; im-

parciaes, ou apaixonados . Expoem-se a ser mentiroso , e taõbem a ser desmentido na face de todo o mundo , como agora he este Escriptor . Queira Deos ao menos , que se envergonhe , e diga arrependido *confusio faciei mea cooperuit me* (a) . Vamos à segunda impostura .

37. Consiste esta em se attribuir falsamente aos Jesuitas da China , *que se envergonhavaõ de pregar a Christo Crucificado* . Esta impostura publicaraõ tres Escriptores . O Varo , o Moraes , o Navarrette ; mas a este se oppuzeraõ tres Escriptores Dominicanos ; os P. P. Fr. Domingos Sarpetri , Joaõ da Paz , e Gregorio Lopes , Bispo de Pekim : e para confutar a todos basta o fundamento , e testemunho do que diz o Sarpetri em abono da innocencia dos Jesuitas : Nasceu elle em Sicilia , e foi Religioso muito benemerito da Igreja Chinezesa , pelos grandes trabalhos , que ali padeceu sendo encarcerado , e desterrado , e chamado por isto mesmo com razãõ o *santo siciliano* . Delle se lê na Chronica da sua Ordem , *que fora de grande valor , e de hum espirito proprio de Missionario Apostolico* (b) . Diz assim o seu Testemunho : *Testifico eu em segundo lugar , que os Padres da Companhia tem*

(a) *Psal.* 43. v. 16.

(b) *Hist. Dominic. das Philippinas part. 2. lib. 2. pag. 330.*

APOLOGETICA. 277

tem annunciado neste Reyno da China a Jesus Crucificado, não só com a voz, senão também em livros, que em grande numero tem escrito; que declaram com miudeza os mysterios da Paixão aos seus Neophitos; que em algumas das suas Residencias há Confrarias da Paixão; que pouco tempo há, que o seu Perseguidor Jamquamsien nenhuma cousa vituperou tanto aos Pregadores do Evangelho, como a adoração de hum homem crucificado; do qual dizião ser Deos do Ceo, e da Terra; o que provava com os livros dos Padres da Companhia. Este attestado se pode ler na Defesa dos Missionarios Chineses da Companhia, da edição de Colonia no anno 1700. (a).

38. Que responde a isto, Senhor Gama? Dirá talvez o que dizem certos Reflexionistas modernos, aproveitando-se do que já tinhão dito outros maledicos, como elles, inimigos da Companhia: *Que o Jesuita Antonio Rubino estampou em Turim hum livro, aonde nas paginas 73. e 74. propugna, que não se deve collocar nos Altares, nem na Igreja o santo Crucifixo; e que no numero 48. do mesmo livro accrescenta: Com grande difficuldade nos costumamos na Europa a ver a nudez de Christo Crucificado; pela qual razão foi necessario por longo tempo cubri-lo.* Senhor Gama, se V. M^{ce}. dà esta resposta,

(a) Pag. 123. 128. 140.

sta, digolhe, que ella he tão falsa; como he verdadeira a noticia, que agora lhe dou. O Jesuita Rubino nunca estampou livro algum, nem ja mais escreveu syllaba, que se dirigisse a propôr huás doutrinas tão más, e escandalosas. Nasceu elle em Strombino de nobre sangue em 1596; passou às Indias em 1602., e no Japão morreu ultimamente Martir de Jesu-Christo no tormento das Covas Japonesas em Nangazachi no Março de 1643. por Ordem de Toxongun Imperador idolatra. Desorte, que desde que sahio de Italia nunca mais voltou a ella, e muito menos a Turim; aonde se diz, que fora impresso aquelle livro.

Sendo este santo Religioso eleito pelo seu Geral no anno de 1639. Visitador da China, e do Japão, se determinou a responder em 1641., isto he, dous annos antes de ser martirizado, à quellas atrozes calumnias, com que eraõ infamados os Jesuitas da China na quelle tempo. A este fim compoz hom escrito em lingua Portugueza, o qual, sendo elle vivo, nunca se deu ao prelo. Veyo esta obra manuscrita muitos annos depois da sua morte às mãos de outro Jesuita, chamado João Philippe Marini, o qual vendo-a em Italiano a fez estampar; não em Turim, mas em Leaõ, no anno de 1665: passados não menos, que vinte, e dous annos depois da morte, que o Author

tin-

rinha padecido por Christo . Tem este livro por titulo. *Methodo da doutrina , que os Padres da Companhia ensinão aos Neophitos da China, com a resposta às objecções de alguns modernos, que a impugnão* . Na quella escriptura Portugueza (traduzida depois pelo Marini, como fica dito) confuta o Rubino aquellas atrozes calumnias, que alguns, ou pouco informados da verdade, ou muito faceis em crer tudo, o que ouvem, divulgavaõ dos Missionarios da Companhia na quellas remotissimas Provincias sobre a adoração de Jesus Crucificado. Aquí he, aonde com monumentos authenticos mostra este optimo, e douto Religioso, que elles somente não expunhaõ as Imagens do Crucifixo na quellas unicas occasioens, e circumstancias, em que havia algum prudente temor, de que os Pagãos houvessem de defasogar contra ellas a sua raiva, e furor, como alguãs vezes tinhaõ feito, apedrejando-as, e dizendolhes mil villanias, injurias, e affrontas. Finalmente, como grande Theologo, que era, e versadissimo em erudição sagrada, com authoridades, e razoes justifica a sabia conducta da quelles Missionarios (a). Esta mal interpret-

(a) Lease a Hist. do Japão liv. 5. pag. 507. O Menol. tom. 2. pag. 151.

pretada escriptura he talvez toda a origem da atrocissima calumnia, com que nesta sua Nota pertende o Senhor Gama infamar os Jesuitas, dizendo delles com audacia diabolica, e maledicencia verdadeiramente infernal, que *por não perderem o riquissimo commercio, que fazião naquellas partes do mundo, não duvidarão ao principio calcar o Crucifixo*. E o mais he, que para confirmar este seu falsissimo aserto nos manda ler *as viagens de M. Duquesne mandado por Luiz XIV. às Indias Orientaes*. Como se estas tivessem maior auctoridade, e merecessem maior fê, do que as Bullas de tantos Papas, os Decretos de tantos Reys, os attestado de tantos Cardeaes, as cartas de tantos Bispos honorificentissimas à Companhia, e commendaticias dos trabalhos, das fadigas, das perseguiçoens, do suor, e do sangue, com que os filhos desta sagrada Religião procurarão sempre em toda a parte entre Catholicos, e Infieis propagar o Reyno de Christo, accrescentar subditos à Igreja, servir aos proximos, e glorificar a Deos. Lea, Senhor Gama, estes louvores no livro intitulado *Elogia Societatis Jesu*, e confundase de ter fallado tão mal de huã Religião, da qual homens tão respeitaveis pelas suas Dignidades, pelas suas virtudes, ou letras tem fallado com tanta honra, e prefação.

39. Na pagina 99. sobre a palavra: *conjuracão* traz esta Nota: *Os Padres Garnet, e Oldecorne reos convictos, e confessos da conjuracão da pólvora.* Graças sejaõ dadas ao Senhor Gama, o qual fallando aquí dos Jesuitas mortos em Inglaterra por traidores não mette neste numero o *Campiano*. Talvez deu mais credito aos Authores catholicos, que affirmão, que assim este Jesuita, como tambem os mais sacerdotes, a quemna quella perseguição deraõ a morte, a padeceraõ innocentes, do que aos Escriptores Protestantes, que asseveraõ terem morrido culpados. Fallando em geral de todos estes suppostos reos de lesa Magestade a quelle grande Mestre de espirito, e benemerito de todo o mundo o P. Frey Luiz de Granada da Ordem dos Pregadores diz, que *forão duas vezes Martires*; huã vez pela Fè, outra pela Caridade; isto he, huã por não consentir com os Hereges; outra por não descubrir os Catholicos (a). E fallando particularmente do Jesuita Edmundo Campiano o Sr. D. Bernardino de Mendonça, Embaixador del Rey Catholico na Corte de Londres, diz assim em huã carta escripta a sua Irmã com a da-

Mostra-se a innocencia dos Jesuitas Garnet, e Oldecorne suppostos complices em Inglaterra na conjuracão da pólvora.

(a) Granad, na Part. 5. da Introd. ao Simb. §. 2. pag. 25.

data de 4. de Dezembro. Porque me acho
 embum paiz, aonde não me está bem mandar
 dizer em meu nome o que toca a estes Marti-
 res, o saberá por huã carta do Sorrano : peço
 porem a Vossa Senhoria de a mandar copiar, e
 remettela da minha parte aos Padres da Com-
 panhia de Jesus, paraque a promulguem em
 todas as suas Casas, e lhes accrescente, que quan-
 tos se achão aqui, e eu particularmente posso
 passar fê, que attendido o modo, com que
 deraõ a morte ao P. Campiano, elle se pôde
 contar entre os maiores Martires da Igreja de
 Deos; e como tal o pode ter a sua Religiaõ;
 e que em paga de ser eu Historico de Martirio
 taõ exemplar, lhes peço, que não se esqueçaõ
 de me encommendar a Deos nas suas oraçoens
 (a).

40. Mas, Senhor Gama, se por estes,
 e outros documentos veridicos de Au-
 thores catholicos não contou entre os
 traidores mortos em Inglaterra ao Je-
 suita Edmundo Campiano, porque ra-
 zaõ infama con este affrontoso nome
 aos Jesuitas Garnet, e Oldecorne, acc-
 rescentando, que morrerão reos convi-
 ctos, e confessos da conjuraçaõ da polvora?
 Faltaõ por ventura Escriptores catholi-
 cos dignos de maior fê, do que são o
 Cau-

(a) Nas cartas a D. Anna sua Irmã, e a El-Rey
 Catholico.

Cauzabono , o Cooke , o Andrei , o Abbotti Calvinistas , ou Lutheranos , que defendão terem padecido a morte innocentes, e poderem chamar-se Martires o Garnet, e o Oldecorne ? O Cardeal Bellarmino na reposta , que fez à Apologia pro Juramento fidelitatis , em que o Rey de Inglaterra faz complice da conjuração da polvora ao Summo Pontifice com todos os Jesuitas , depois de purgar o Papa de toda a suspeita de culpa , diz assim fallando do Garnet : *Este Jesuita em presença do mesmo Rey Jacobo protestou sempre , que nem elle , nem os seus forão Authores , conselheiros , complices , ou conscios de tal conjuração : que elle depois , que ouviu no acto da Confissão Sacramental aquelle tratado , puzera toda a sua industria para que se desistisse delle . Isto , que com juramento attestou em Juizo , confirmou com juramento no patibulo , na presença de infinito povo . E assim como confessou livremente a Fè catholica , e execrou a Heresia Anglicana , com a mesma liberdade negou , ter sido elle Author , complice , conselheiro , ou de algum modo consentidor da quella conjuração .*

41. Senhor Gama , fallaria assim o Bellarmino na sua reposta a El-Rey Jacobo , (a) se o Garnet fosse reo convicto,

e

(a) Pag. 176.

e confesso daquelle supposto delicto? O Battaglini nos seos Annaes (a) diz assim: Entre os reos declarados complices daquelle detestavel crime foi encarcerado Henrique Garnet Sacerdote da Companhia de Jesu de idade de 70. annos, o qual confessou ter tido noticia dos designios da quella maldade, mas dentro do inviolavel segredo da Confissao Sacramental; e que tendo feito quanto estava da sua parte por dissuadir os Penitentes de tao barbaros, e injustos pensamentos; a prohibicao Ecclesiastica de nao violar o sigillo da Penitencia o tinha impedido a dar conta aos Magistrados: no que se julgava innocente. Isto nao obstante, lhe derao a morte com a pena propria de traidor. Mostrou porem quam injusta fosse a sua sentença hum successo publico, e constante, qua cahindo huã gota do seu sangue sobre huã espiga de trigo se formou logo della a sua effigie coroada com huã cruz: e foi successivamente nao sò pelos merecimentos da sua vida anterior, mas tambem por aquelle authenticos prodigio venerado entre os catholicos por Martir.

42. Fallaõ pela mesma boca o Dupleix, e o Spondano; o primeiro na Historia de França (b), o segundo nos Annaes Ecclesiasticos, dizendo assim:

In-

(a) Ann. 160. 5. n. 22.

(b) Tom. 2. ann. 1605. pag. 368.

Inter ceteros Henricus Garnetus Societatis Jesu jam septuagenarius proditorum pœna sublatuſ est. Confessus, se rem sciuisse, sed tantummodo in Confessione Sacramentali, quæ eam omnino diſſuaſerat. Et sanguinis ejus gutta in spicam tritici decidente, formata est in illa ejus effigies cum corona, & cruce; unde non parua ejus sanctitatis sparsa fama, habitus est pro Martyre. E he possivel, Senhor Gama, que sendo o Jesuita Garnet tido, e havido por Martir na opiniaõ dos catholicos ha quasi dous seculos, pertenda V. M^{te}. no fim delles persuadir ao Publico, que morreu conviccto, e confesso da conjuraçaõ da polvora em Inglaterra, porque assim o dizem os Hereges, que o condemnaraõ à morte? Que pertençaõ mais estolida!

43. Pois não foi menos injusta a morte do Jesuita Eduardo Oldecorne. Toda a culpa, que os Ministros Hereges de Inglaterra imputaraõ a este reo foi definir por licita em consciencia a conjuraçaõ da polvora. Mas quam bem elle se desculpasse ouçamolo da sua mesma boca, e pelas mesmas palavras, vertidas na nossa lingua, com que se explicou no Proceſſo; allegadas pelos dous Lutheranos Abbotti, e Cooke. *Tendome dito Hunfre-*

fredo Littleton, (assim o Oldecorne no
exame, que se lhe fez na Torre de
Londres, no dia 12. de Março de 1606)
que o Catesby (este foi o principal Author
daquelle attentado) quando se vio a si,
e alguns dos seus socios na conjuração quasi
suffocados da polvora insperadamente acesa, e
a outros em termos de escapar a morte fugin-
do, entrou a duvidar, se teria offendido a Deos
em emprender huã coisa, de que tantas desgra-
ças se seguião. Eu lhe respondi, que os factos não
se julgavaõ bons, ou maos pelo mal, ou bem,
que succediaõ; mas que a sua bondade, ou ma-
licia se arguia do fim, com que se faziaõ, e dos
meios, de que para elles se usava. Em prova
do que lhe alleguei hum facto, que se le no
Livro dos Juizes, qual he ter Deos mandado
às onze Tribus de Israel fazer guerra à Tribu
de Benjamin; e com tudo nẽm na primeira,
nem na segunda batalha sabiraõ as onze Tri-
bus victoriosas. Alem disto sabemos, que El-
Rey de França, querendo fazer guerra aos
Turcos, e remir de seu poder a Terra Santa,
perdeu a maior parte do seu exercito, e feri-
do ultimamente da Peste morreu. Outro tanto
se tem visto nas muitas occasioens, em que os
Christaõs tem defendido Rhodes contra os Tur-
cos, e os Turcos vencido, e desbaratado aos
Christaõs. Do mesmo modo se pode discorrer do
facto do Catesby, e dos seus socios; não se deve
julgar bom, ou máo, pelo successo, que teve,
mas pelo objecto, ou fim, com que se fez, e
pelos meios, de que se usou para o conseguir.
do

do que não estando eu informado não posso definir, nem dar sentença, mas deixallo às suas consciências, e ao Juizo de Deos. Com esta circumspecção, e cautela, respondi ao Littleton; porque duvidei, se me queria armar alguma traição; e não quix, que pudesse valer-se da minha resposta para algum mau uso, ou a contasse aos Catholicos, ou aos Protestantes. Assim fallou o Oldecorne, e assim se le nos Autos authenticos de Inglaterra.

44. Pergunto agora; e que resposta mais innocente, e mais judiciosa se podia dar, para evitar a occasião de que o traidor Littleton senão pudesse valer della em prejuizo daquelle Jesuita ou entre os Catholicos, ou entre os Protestantes? O Lutheranno Abbotti a julgou tão sensata, e prudente, que querendo-a criticar não condemnou o que elle proferio com a boca, mas o que occultou no animo; não as palavras, que disse, mas a intenção, com que as disse; concluindo assim: *Rem non dixit impiam; cerbe eo ipso voluit existimari, videri piam* (a). Mas o Senhor Gama descobrindo mais veneno, do que aquelle Lutheranno, na quella resposta do P. Oldecorne, julga, que ella foi huã clara confissão da sua culpa, e por isso assevera francamente,

que

(a) Antilog. cap. 10. pag. 151.

que *convicto*, e *confesso* morreu complice da quella conjuração; apartandò-se neste juizò do parecer de todos os Authores Catholicos, e conformando-se unicamente aos sentimentos dos Hereticos. Senhor Gama, escreva a Londres esta noticia, de que V. M^{ce}. desprezando a authoridade de muitos Mestres, que seguindo ao Doutor Eximio Francisco Suares Granatense, (a) affirmão, que examinada em todo o rigor Theologico a perseguição de Inglaterra desde Henrique VIII. athe El-Rey Jacobo, foi verdadeiramente *Perseguição da Fé*: provando isto com textos dos Santos Padres, e mostrando, que os que morrerão por aquella causa têm todas as condiçoens requisitas para se pedir à santa Se, que os declare Martires. V. M^{ce}., não obstante este parecer dos Doutores da Igreja Catholica Romana, segue, e adoppa a sentença dos Ministros Hereges da Igreja Anglicana, affirmando, que o Garnet, e Oldecorne Jesuitas morrerão *convictos*, e *confessos* da conjuração da pólvora: porque, se assim o fizer, talvez que seja premiado com o honorifico titulo de Milord de Inglaterra, e o ponhão no catalogo dos seus mais celebres Escriptores. E que mais quer V. M^{ce}.? Não he isto

(a) Suar. lib. 6. Defens. Fidei. cap. 10. & 11.

isto melhor do que ser Escrivão de huã Secretaria? Officio, que lhe deu o seu Mecenas em premio de ter composto este seu livro? Tome o meu conselho; e saiba, que não lhe ira mal. Passemos a outra Nota.

45. Na mesma pagina 99. , depois de trazer nas antecedentes estes versos

*Ja satisfeitos do fatal desígnio,
Por mão de hum dos Filippes affogavaõ
Nos abyssos do mar, e emudeciaõ
Queixosas linguas, e sagradas bocas,
Em que ainda se ouvia a voz da Patria.
Crescia o seu poder, e se firmava
Entre surdas vinganças. Ao mar largo
Lança do profanado occulto seio
O irado Tejo os frios nadadores.
E deixa o barco, e foge para a praia
O pescador, que attonito recolhe
Na longa rede o palido cadaver
Privado de sepulcro. . .*

se, le esta Nota; sobre as palavras
Nos abyssos do mar: *Vejase a Deducção Chronologica: Obra, que servirá de Epoca à re-
tauração das Letras em Portugal; monumento de zelo, e de fidelidade.* Primeiramente nestes versos allude o Senhor Gama a certa mortandade, que se diz ter sido feita no tempo, que este Reyno esteve sujeito a Hespanha. Que a sobredita mortandade fosse tão grande, como se di-

Quam falsa seja a calumnia de attribuir aos Jesuitas a mortandade, que se diz acontecera no tempo, que Portugal estava sujeito a Hespanha.

T vul-

vulgou pelo povo, e que por cauza della em lugar de peixes recolhessem cadaveres os pescadores, he cousa, que não quero discutir. Fosse assim, ou não fosse, pouco importa ao nosso caso. Mas como entraõ aqui os Jesuitas? Que culpa tem elles do que fizeraõ, ou deixaraõ de fazer os Ministros de El-Rey de Hespanha em hum tempo, em que muito se suspeitava, que houvessem em Portugal pessoas infieis, e traidoras àquelle Soberano, que não era nacional, e julgavaõ ser intruso. Estes Religiosos na quella Epoca eraõ por ventura os Governadores do Reyno, os que administravaõ a justiça, os que sentenciavaõ as causas, os que tomavaõ depoimento dos crimes, e os que lhes impunhaõ as penas? Não. Tinhaõ a caso hum tal poder, que pudessem ordenar aos Ministros de Justiça, que de noite prendessem taes, e taes pessoas seculares, e Ecclesiasticas, e com todo o segredo as affogassem no Tejo? São isto huãs quimeras, que sò occorrem a homens destituidos totalmente de juizo, prudencia, e reflexaõ. Se os Jesuitas na quelle tempo fossem os primeiros Ministros do Reyno, e taõ barbaros, como o Senhor Carvalho no tempo do seu Ministerio, entaõ digo eu, que talvez se lhes poderia attribuir aquella mortandade: mas não tendo elles nem por officio, nem por

be-

beneficio ingerencia absoluta, e dispotica no Governo, não he só maledicencia; he loucura imputarlhes aquellas mortes.

46. Mas vamos de vagar: Assim o diz a *Dedução Chronologica*; obra, que servira de Epoca à restauração das Letras em Portugal: monumento de zelo, e de fidelidade.

Grande fundamento se allega, para não poder negar aquelle facto. De huã escriptura, que he huã continuada cadeia de mentiras, huã successiva enumeração de falsidades, huã serie perpetua de imposturas, na qual citandose fora do seu lugar os Authores, invertendose o sentido das palavras, attribuindo a vicio as virtudes, chamando hypocrisia à santidade, e fazendo dizer aos Escriptores o que nunca lhes occorreu dizer, se formou huã obra, a qual logo, que sahio à luz, foi tida por apocrypha, e desprezada de toda a Nação Portugueza; por ser totalmente alhea da verdade, e inteiramente fabulosa. Oh quantas vezes terá o Senhor Seabra chamado infausito aquelle dia, aquella hora, aquelle instante, em que cahio na fraqueza de deixar pôr o seu nome em huã obra, sem a ver, nem examinar, secundando a vontade de quem lho pedia, ou mandava; que era, quem naquelle tempo em Portugal tudo podia. Mas este seu unico defeito tem elle remediado, protestando, e dizendo claramente a todos,

Que se
mereça a
obra immen-
sulada Dea
dução
Chronolo-
gica.

os que o querem ouvir, que na quella infame, e infamatoria escriptura não tem elle mais, que a sua subscrição; e que a obra toda a detesta, e abomina; nem de sorte alguã a conhece por parto legitimo do seu engenho, ou producção propria do seu raro talento, e grande capacidade. E anima-se o Senhor Gama a asseverar da *Deducção Chronologica*, que servirá de *Epoca à restauração das Letras em Portugal*: e que he monumento de zelo, e de fidelidade? Que indigno censor de livros! Diga deste muito embora, que servirá de *Epoca à maledicencia*, com que escrevia dos Jesuitas hum Primeiro Ministro de Portugal: diga, que he hum monumento perpetuo do seu odio, e hum testemunho authenticico da sua perversidade (a). Este he o juizo, que todos formão da quella obra no tempo presente, e tambem o que farão nos seculos futuros.

47. Persuadido o Senhor Gama, que tinha louvado assaz o seu Heroe o Senhor Francisco Xavier de Mendonça Furtado, cantando em verso as suas proezas, e lisongeado a o seu Mecenas o Senhor

(a) He Opinião commua, que o Author da *Deducção Chronologica* foi Sebastião José de Carvalho, com se dà a conhecer no estylo; e que para occultar o seu nome mandou pôr no frontispicio o do Senhor José de Seabra, e Silva.

hor Sebastião José de Carvalho, divulgando nas Notas imposturas contra os Jesuitas, poz finalmente termo à sua obra: na qual me parece a mim, que quiz imitar a perfidia de Arrio. Deste Heresiarcha se refere, que para introduzir mais facilmente a Heresia contra a Filiação consubstancial do Verbo Divino, compuzera huã obra poetica intitulada *Talia*, para que atrahindo a si os ouvintes com a doçura dos versos, lhes pudesse com suavidade insinuar nos animos o veneno do seu erro (a). Assim fez agora este Escripitor. Ideou, e deu à luz hum Poema, a que poz por titulo *Uraguay*, dividido em cinco Cantos, e illustrado com muitas Notas, para que os leitores atrahidos da harmonia, que aos ouvidos faziaõ os Cantos, fossem ao mesmo tempo gostando das calumnias, de que constavaõ as Notas, em deshonra dos Jesuitas. Mas enganouse; porque nem huã cousa, nem outra estimou o Publico, recebendo com desprezo, o que este pobre homem tinha composto com tanto trabalho, e com tão pequena remuneração. Os Jesuitas mais, que todos, escarnecerão da obra; porque ainda que *calumniæ conturbat sapientem, & perdet robur cordis illius*, como diz o Eccle-

(a) 9. Athan. Orat. 1. contra Arrian.

294 REPOSTA APOLOGETICA:

clesiastico, (a) com tudo estão elles tão costumados a ouvir contra si opprobrios, imposturas, e falsidades, que nenhuma moção lhes fez o ridiculo parto do seu novo calumniador. O mesmo me succederia a mim, se a grande veneração, que tive sempre a estes Religiosos, pelos relevantes serviços, que neste Reyno fizeram a Deos, e aos proximos, me não obrigasse a pegar na penna, para fazer em seu obsequio esta Apologia; não obstante saber, que para ser immortal em toda a posteridade o seu credito, e o seu bom nome, não tem elles necessidade

Nec tali auxilio, nec defensoribus istis. (b):

(a) Cap. 7.

(b) Virg. lib. 2. v. 521.

F I M:

IN:



I N D I C E

DAS COUZAS NOTAVEIS

Mencionadas nesta Reposta Apologetica.

- P** *Revia noticia da vida, e caracter do Author do Poema.* Pag. 5
- Insolente parallelo feito pelo Poeta.* 15
- Mostra-se quam diversa foi a conducta dos dois Governadores o Excell. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, e o Excell. Sr. Gomez Freyre de Andrade Conde de Bobadela.* 18
- Origem de odio de Carvalho contra o Jesuita Malagrida.* 21
- Refuta-se a calumnia de que os Jesuitas impedissem a concluzão do Tratado dos limites.* 23
- Não acceita Carvalho a offerta, que fez o General de Companhia.* 34
- Publica Carvalho noticias falsas contra os Jesuitas da America, e não crê as verdadeiras.* 35

Mo-

Mostrase não deverem os Indios do Maranhão a liberdade ao Sr. Mendonça.	36
Parecer do Jesuita Bento da Fonseca a favor da liberdade dos Indios.	38
Rezulta do dito Parecer.	40
Damnós, e detrimentos, que se seguirão da ley universalmente prohibitiva de todas as escravidões.	42
Sempre os Jesuitas foram os mais constantes defensores da liberdade dos Indios.	43
Ridicula nobilitação dos Indios feita pelo Sr. Mendonça.	46
Que raça de Heroes fossem os Carvalhos de Oeyras.	48
Falsa jactancia do Author do Poema.	52
Refuta-se o falso motivo, que se aponta para reexistirem os Jesuitas à troca das Povoações.	54
Quam inutil fosse a Posição de S. Tecla, para se dizer, que nelle estavam fortificados os Indios.	56
Refuta-se não menos, que 6. falsidades jun- tas em huma só Nota.	60
Veridica narração do que succedeu no Rio Par- do, e no Rio Grande.	63
Mostra-se ser falso, que os Jesuitas prohibissem aos Indios aprender a lingua dos Europeos, pa- ra impossibilitar o commercio.	72
Instrucções dos Jesuitas Hespanhoes fingidas por Carvalho, e applicadas aos Portuguezes in- coherentemente pelo Author do Poema.	78
Continuase a mostrar a falsidade das allegadas Instrucções.	86

Varias exagerações do Poeta convencidas de falsas. 86

Mostra-se a falsidade do importantíssimo negócio, que fizessem os Jesuitas do Paraguay com a erva chamada Matè. 99

Decreto de El-Rey Philippe V. que desfaz a sobredicta calumnia. 101

Inepta accusação, que faz o Author do Poema aos Jesuitas em materia de pobreza. 106.

Pratica falsamente attribuida aos Indios. 108

Pratica do General Portuguez mal concebida pelo Poeta. 111

Prova-se a falsidade de outras Instrucções, que se fingem dadas aos Indios pelos Jesuitas.

113.

Atroz calumnia contra o Jesuita Balda. 116

Outra maior, e mais atroz calumnia contra o mesmo Jesuita. 119

Os Jesuitas nem armaraõ, nem disciplinaraõ os Indios para rezistir às tropas Europeas.

125.

Calumnia 3. não menos atroz, que as duas antecedentes contra o Jesuita Balda. 129

Refuta-se hum a antiga calumnia contra os Jesuitas, cuja memoria renova aqui o Poeta: convem a saber, matarem com veneno aos seus inimigos. 134

Varias calumnias fingidas pelo Poeta contra os Indios, e Jesuitas. 139

Desmente hum a destas calumnias nomeadamente El-Rey Carlos III. 144

Tam-

Tambem o desmente o Illustrissimo Bispo Peralt-
ta. 145

Mostra-se a falsidade, comque se diz, que os
Jesuitas Portuguezes se aproveitaraõ da oc-
casião do terremoto de 1755. para atterrar os
povos. 149

Louvor, que dà o Poeta ao seu Mecenás nada
por elle merecido. 152

Outro louvor, que dà ao Heroe do seu Poema
sem o merecer. 159

Insolente asserto do Author do Poema, e absur-
das consequencias, que delle se deduzem :
166.

Juizo, que fez do taõ applaudido Ministerio o
Dr. Francisco Coelho da Silva : 179

Expoem-se o verdadeiro motivo, porque sabi-
raõ da Republica de Veneza os Jesuitas :
180.

Impios sentimentos do Poeta, vendo proxima a
supressão da Companhia de Jesus. 183

Falsa, e impertinente descripção de hum leigo
da Companhia. 193

Refuta-se oque se diz da miseria dos Indios,
e abundancia dos Jesuitas nas Aldéas. 197

Mostra-se ser falso, que os Jesuitas mandassem
despedaçar as Imagens, eo Sacratio da Igreja
da Aldéa de S. Miguel. 203

Os Europeos foraõ, os que profanaraõ aquelle
Templo. 206

Calumnias antigas contra os Jesuitas trazi-
das aqui à memoria, naõ obstante terem
sido muitas vezes convencidas de falsas. 210

Fal-

- Falsificase oque se diz das pinturas , que se
vem nas Igrejas dos Jesuitas .* 213
- Prova-se a innocência dos Jesuitas nos insul-
tos commettidos contra os dois Henriques de
França .* 216
- Allocução de Henrique IV. em defeza dos Je-
suitas .* 226
- Demonstraçoens de estimação , que este Rey fa-
zia da Companhia .* 228
- Refuta-se oque se diz dos Jesuitas na desgraça
succedida a El-Rey Fidelissimo na noite de 3.
de Setembro .* 230
- Mostra-se ser falso , o que diz o Poeta à cer-
ca do Dispotismo do Geral da Companhia .*
237.
- Verdadeiro motivo , porque eraõ estimados em
Roma os Jesuitas .* 239
- Cede em louvor dos Jesuitas huma Nota do seu
calumniador .* 242
- Não he jactancia dos Jesuitas , he narraçãõ
verdadeira ter hum delles descoberto a fonte
do Nilo .* 245
- Refuta-se o que se diz à cerca da Fragata
dos Jesuitas do Brazil .* 249
- Morte de El-Rey D. Sebastiaõ , e a perda do
seu Exercito falsamente attribuidas aos Je-
suitas .* 253
- Mostra-se ser falso o que se diz dos Jesuitas
da China .* 261
- Prova-se ser falso o que se diz dos Jesuitas
do Japão .* 269
- Mostra-se a innocência dos Jesuitas Garnet , e*
Ol-

300

Oldecorne, suppostos complices em Inglaterra na
conjunção da pólvora. 281

Quam falsa seja a calúnia de attribuir aos
Jesuítas a mortandade, que se diz aconte-
cera no tempo, em que Portugal estava so-
geito a Hespanha. 289

Que se mereça a Obra intitulada Deducção
Chronologica. 291



ERROS MAIS NOTAVEIS

EMENDAS.

Pag. 12. Nas
 28. conduca
 50. pag. 11. 12. e 13.
 51. quinto pag. 12.
 52. estrando
 succedibo
 53. aleivofo
 55. arribadamente
 69. donde trova
 77. e confirmada
 79. culturar
 83. matavão
 103. fendo
 107. tedes
 110. Aidunate
 127. Parà
 140. Duiratybas
 141. extravantia
 145. àicha
 160. do Maranhão
 190. pag. 64. e 65.
 192. pag. 72.
 194. atque
 235. toi
 239. Religioens
 246. viva6
 251. direios
 275. mair

Mas
 conducta
 pag. 24. e seguintes.
 pag. 27. e 28.
 estranho
 succedido
 aleivozo
 arrebatadamente
 donde prova.
 e o confirmala
 cultivar
 tractava6
 lendo
 redes
 Aldunate
 Paraná
 Guiratybas
 extravagancia
 dicha
 da America
 pag. 127.
 pag. 146.
 athè
 foi
 Regioens
 vivia6
 direitos
 mais

